

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ROMPER OS MUROS ACADÊMICOS E CONQUISTAR SEGUIDORES: DAS
NARRATIVAS PÚBLICAS SOBRE O NEOMEDIEVALISMO NAS MÍDIAS
DIGITAIS**

UBERLÂNDIA/MG

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ROMPER OS MUROS ACADÊMICOS E CONQUISTAR SEGUIDORES: DAS
NARRATIVAS PÚBLICAS SOBRE O NEOMEDIEVALISMO NAS MÍDIAS
DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Mestre em História, na linha de pesquisa Territorialidades, Cultura e Poder. Sob avaliação das professoras: Dra. Cláudia Regina Bovo (UFTM) e Dra. Mara Regina do Nascimento (UFU).

Orientanda: Gabriella Carvalho Motta

Orientador: Dr. Gustavo de Souza Oliveira

UBERLÂNDIA/MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M921
2024

Motta, Gabriella Carvalho, 1999-
Romper os muros acadêmicos e conquistar seguidores
[recurso eletrônico] : das narrativas públicas sobre o
neomedievalismo nas mídias digitais / Gabriella Carvalho
Motta. - 2024.

Orientador: Dr. Gustavo de Souza Oliveira .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.104>
Inclui bibliografia.

1. História. I. , Dr. Gustavo de Souza Oliveira, 1985-
, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Pós-graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 10, PPGHI				
Data:	Seis de fevereiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:30	Hora de encerramento:	11:15
Matrícula do Discente:	12212HIS009				
Nome do Discente:	Gabriella Carvalho Motta				
Título do Trabalho:	Romper os muros acadêmicos e conquistar seguidores: das narrativas públicas sobre o neomedievalismo nas mídias digitais				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Territorialidades, Cultura e Poder				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O processo de secularização política em Portugal e no Brasil (1860-1910)				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: Cláudia Regina Bovo/UFTM; Mara Regina do Nascimento - INHIS/UFU; Gustavo de Souza Oliveira orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Gustavo de Souza Oliveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo de Souza Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/02/2024, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mara Regina do Nascimento, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/02/2024, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia Regina Bovo, Usuário Externo**, em 06/02/2024, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5101384** e o código CRC **DF3777AE**.

Dedico este trabalho a Deus, Nossa Senhora Aparecida e das Graças, e também aos meus pais, dona Gleiva pelo estímulo, carinho e compreensão, seu André por incentivar a perseverança e também a minha irmã, Hylana, pela parceria de sempre.

AGRADECIMENTOS

Acredito ser esta uma das partes mais prazerosas da escrita, pois, como um professor já me disse, nenhum texto é escrito sozinho. Ao escrevermos, além de lermos e discutirmos com aqueles que já pensavam no assunto antes de nós, também somos influenciados pelo ambiente e pelas pessoas que nos cercam. Por isso, a maioria dos termos de nossa pesquisa não se encontram em primeira pessoa do singular, mas, em sua maioria, estão no plural.

Passadas as justificativas do encantamento pela escrita, não poderia iniciar sem agradecer primeiramente a Deus e minha querida mãezinha, Nossa Senhora, nas suas manifestações enquanto Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Graças. Sem as bênçãos, proteção e sabedoria concebida pelo divino, todo este trabalho não seria possível.

Estendo meus agradecimentos a minha família, Dona Gleiva, minha mãe, a quem com carinho me ensina diariamente que o conhecimento é libertador. Meu pai, Seu André, quem me ensina o poder da persistência e da esperança. E minha irmã, Hylana, que também me incentiva a continuar esta e outras jornadas. Sem eles, esta escrita não seria possível de ser escrita com tanto afeto e perseverança assim como foi. Meus agradecimentos rememoram também a minha tia Rosania que infelizmente não pôde acompanhar a escrita, mas que em vida sempre apoiou e incentivou meus estudos.

Dos laços mais próximos e íntimos, a aqueles que são próximos e também acreditaram desde o início no potencial do tema de pesquisa, principalmente, os professores, Gustavo e Mara, a quem eu admiro como excelentes profissionais e pesquisadores. Estendo meus agradecimentos também a professora Cláudia Bovo por suas contribuições que foram fundamentais para o enriquecimento da pesquisa. Além também da Universidade Federal de Uberlândia e a CAPES que possibilitaram o desenvolver com êxito da pesquisa.

Espero que minhas breves palavras de agradecimento também acolham aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha jornada enquanto discente e pesquisadora, a todos os professores e as professoras e também amigos e amigas. Muito obrigada! Que Deus sempre nos abençoe, amém.

*As orações que fazemos ao olhar
para o céu, no silêncio de nosso
quarto ou fazendo nossas atividades
diárias elas estão sendo ouvidas e
atendidas.*

RESUMO

Ao consultarmos manuais escolares, assistirmos a um filme ou uma série disponível em alguma das plataformas *streamings* espalhadas ao redor do mundo, ou ainda, ao observarmos algum post em nossas redes sociais nos deparamos com diferentes imagens construídas sobre o universo medieval. As mídias digitais contribuíram para a difusão destas imagens e permitiram aos internautas terem contato com diferentes formas medievais que não necessariamente possuem relação com o período histórico, a este processo é dado o nome de neomedievalismo.

A área da História Pública aqui no Brasil, desde meados de 2010, esteve interessada em ocupar outros espaços além da academia, seja em museus, arquivos ou até mesmo na Educação Básica, com o intuito de difundir o conhecimento historiográfico aproximando a comunidade historiadora da sociedade. Esta proximidade se torna ainda mais forte quando passamos a experimentar novos ambientes, como o digital. Seriam a História Pública e o Digital aliados?

Nossas fontes estão imersas neste espaço e produzem Histórias Públicas-Digitais que não possuem um modelo ou estrutura restrita, mas o que as ligam é o fato de estarem compartilhando conhecimento histórico em mídias digitais e tecendo redes de saber entre instituições acadêmicas, pesquisadores, estudantes e sujeitos que não possuem nenhuma vinculação institucional. Além disso, têm em comum também a temática de interesse, o medievalismo.

O ambiente digital no qual estão inseridas as fontes, utilizadas nesta pesquisa, são os *podcasts*, hospedados no *Spotify*, e também os perfis do *Instagram*. No caso dos *podcasts* analisamos os “Estudos Medievais”, ligado ao Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo (LEME/USP), e o “Medievalíssimo”, produzido pelo professor e pesquisador Bruno Rosa.

No caso dos perfis do *Instagram*, nossas fontes são os perfis “Barbaridades Medievais”, ligado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e “POIEMA UFPel” que divulga conteúdos, eventos e demais tópicos ligados a História Medieval e é organizado pelo Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Também analisamos o perfil “Memes nobres plebeus ociosos”.

Diante do extenso universo digital, selecionamos produções e publicações compartilhadas no período de Março/2021 a Março/2022. A metodologia prezou pela pesquisa de qualidade, atendendo ao tempo de estudo do mestrado, e também o enquadramento a temática, optando por selecionar fontes que discutiam sobre questões do tempo presente e não abandonam elementos vocativos da Idade Média. Contribuindo para que, através do universo digital, conquistemos uma medievalidade brasileira.

Todas as fontes consultadas e citadas ao decorrer da pesquisa foram catalogadas através do aplicativo *Tropy* e estão disponibilizadas em formato *pdf* para a consulta dos nossos leitores e nossas leitoras ao final do trabalho, na seção dos apêndices 2 e 3. Tal catálogo foi denominado de “Medievalismos nas redes” e dividido conforme a origem das fontes. Além disso, contam com informações gerais das produções, como as próprias publicações acompanhadas de título, data de publicação, referências, temática e entre outros tópicos.

Nossa pesquisa também utilizou a metodologia da História Oral ao entrevistar Bruno Rosa, idealizador e produtor do “Medievalíssimo” e José Francisco, ligado ao “Estudos Medievais”, para conhecermos mais sobre o processo de produção histórica no universo digital, além também, de discutirmos os entendimentos e a aplicabilidade do conceito neomedievalismo.

Assim, esta pesquisa contribui para a expansão das discussões da História Pública-Digital, a partir da análise de perfis do *Instagram* e *podcasts* que constroem as narrativas públicas sobre uma nova perspectiva da medievalidade que atrela elementos lúdicos e fantasiosos a experiências do presente.

Palavras-chave: Mídias digitais, Neomedievalismo, História Pública, História Digital.

ABSTRACT

When we consult school textbooks, watch a movie or series available on one of the streaming platforms around the world, or even look at a post on our social media, we come across different images constructed about the medieval universe. Digital media have contributed to the dissemination of these images and have allowed internet users to come into contact with different medieval forms that are not necessarily related to the historical period; this process is called neo-medievalism.

Since the mid-2010s, the field of Public History here in Brazil has been interested in occupying spaces other than the academy, whether in museums, archives or even primary education, with the aim of spreading historiographical knowledge and bringing the historian community closer to society. This closeness becomes even stronger when we start experimenting with new environments, such as digital. Could Public History and Digital be allies?

Our sources are immersed in this space and produce Public-Digital Histories that don't have a strict model or structure, but what connects them is the fact that they are sharing historical knowledge in digital media and weaving networks of knowledge between academic institutions, researchers, students and subjects who have no institutional ties. They also share a common theme, medievalism.

The digital environment in which the sources used in this research are inserted are *podcasts*, hosted on *Spotify*, and also *Instagram* profiles. In the case of *podcasts*, we analyzed "Estudos Medievais", linked to the Laboratory of Medieval Studies at the University of São Paulo (LEME/USP), and "Medievalíssimo", produced by professor and researcher Bruno Rosa.

In the case of *Instagram* profiles, our sources are the profiles "Barbaridades Medievais", linked to the Federal University of Triângulo Mineiro (UFTM), and "POIEMA UFPel", which disseminates content, events and other topics related to Medieval History and is organized by the Interdisciplinary Pole of Medieval and Antiquity Studies of the Federal University of Pelotas (UFPel). We also analyzed the " Memes nobres plebeus ociosos" profile.

Given the extensive digital universe, we selected productions and publications shared between March/2021 and March/2022. The methodology was based on quality research, taking into account the duration of the master's degree, and also the thematic

framework, opting to select sources that discussed issues of the present time and did not abandon vocative elements of the Middle Ages. Helping to conquer a Brazilian medievalism, through the digital universe.

All the sources consulted and cited during the research were cataloged using the Tropy app and are available in PDF format for our readers to consult at the end of the paper, in Appendices 2 and 3. This catalog was called "Medievalisms on the Web" and was divided according to the origin of the sources. They also have general information on the productions, such as the publications themselves, along with the title, date of publication, references, theme and other topics.

Our research also used the Oral History methodology when interviewing Bruno Rosa, creator and producer of "Medievalíssimo" and José Francisco, linked to "Estudos Medievais", in order to learn more about the process of historical production in the digital universe, as well as discussing the understandings and applicability of the concept of neo-medievalism.

Thus, this research contributes to the expansion of discussions on Public-Digital History, based on the analysis of Instagram profiles and podcasts that build public narratives on a new perspective of medievality that links playful and fantastical elements to present-day experiences.

Keywords: Digital History. Digital media. Neo-medievalism. Public History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Aplicativo <i>Tropy</i> projeto “Medievalismos nas redes”	36
Figura 2 – Iluminando a História das Mulheres	53
Figura 3 – Papéis desempenhados pelas cistercienses.....	54
Figura 4 – Maria enquanto mãe e mulher	54
Figura 5– Dia dos Patriarcas.....	55
Figura 6– Culto celta Samhain e o dia dos mortos	57
Figura 7– Aparição de fantasmas e os ritos de passagem.....	58
Figura 8– O casamento como alianças em “Valente” (2012).....	60
Figura 9 – Pioneirismo feminino em “Valente” (2012).....	60
Figura 10– O casamento em a “Bela Adormecida” (1959).....	61
Figura 11– O príncipe em a “Bela Adormecida” (1959).....	62
Figura 12– Demandas femininas nas produções cinematográficas	63
Figura 13– Metodologia de análise dos jogos eletrônicos	65
Figura 14 – Vencedor da Batalha de games medievais.....	65
Figura 15 – Mitologia nórdica e consumo	66
Figura 16– Apelo sentimental de consumo	67
Figura 17– Herói do jogo “World of Warcraft”.....	68
Figura 18 – Sermão de Martin Niemöller	70
Figura 19 – Apologias e opressões testemunhadas	70
Figura 20 – Convite a reflexão sobre os horrores do holocausto	71
Figura 21 – Silenciamento do grito dos artistas na UFTM.....	72
Figura 22 – O Brasil na pandemia	73
Figura 23 – Pintura “Triunfo da morte” (1562).....	74
Figura 24 – Desconfiança sobre o voto	75
Figura 25 – Dificuldades com os preços no “FenoBras”	76
Figura 26– Atriz Tessa Thompson como “Valquíria” no longa “Thor: Ragnarok”	98
Gráfico 1 – Quantidade de seguidores.....	32
Gráfico 2– Quantidade de perfis seguidos	33
Gráfico 3– Quantidade de publicações.....	33
Gráfico 4- Plataformas de reprodução dos ouvintes do podcast “Estudos Medievais”	90
Quadro 1 - Ferramentas do Instagram	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPod	Associação Brasileira de Podcasters
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEME	Laboratório de Estudos Medievais
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: AS INTERCONEXÕES ENTRE O DIGITAL E O MEDIEVAL ...9	
1.1. Da Era Digital: sobre o espraiamento das fontes virtuais na sociedade digital.....	11
1.2. História Pública e História Digital: um diálogo possível?	17
1.3. O ofício do historiador frente o digital: nos tornamos também arquivistas? ...	24
1.4. As mídias digitais como fonte: um panorama quantitativo	28
GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE SEGUIDORES	32
CAPÍTULO 2: NAVEGANDO PELO NEOMEDIEVALISMO ATRAVÉS DO <i>INSTAGRAM</i> : DEFINIÇÕES, POSSIBILIDADES E TEMÁTICAS	37
2.1. “Mais medieval do que o medieval”: esmiuçando o neomedievalismo.....	39
2.2. O <i>Instagram</i> como fonte: usos, recursos e concessões sobre a propriedade intelectual	45
2.3. Entre o presente e o passado, as datas comemorativas como elo	51
2.4. Um passado imaginado? As produções midiáticas como práticas neomedievais.....	58
2.5. Um passado não tão distante: dilemas contemporâneos, elementos neomedievais.....	68
CAPÍTULO 3: PREPRAREM SEUS FONINHOS, POIS A HISTÓRIA VAI COMEÇAR	79
3.1. O universo dos podcasts através do <i>Spotify</i> : definições, categorizações e potencialidades do agregador.....	82
3.2. De entrevistadores a entrevistados: conversando com os produtores de podcasts	87
3.3. Falando e ouvindo mulheres: o protagonismo feminino	94
3.4. Falando de História com historiadores: o digital como um espaço de produção	100
3.5. Qual História Pública-Digital produzem as nossas fontes?	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
FONTES	115
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE QUESTÕES ENTREVISTA: PRODUÇÃO DE PODCASTS	124
APÊNDICE 2 – PROJETO “MEDIEVALISMOS NAS REDES”: VERSÃO	

<i>INSTAGRAM</i>	124
APENDICÊ 3 - PROJETO “MEDIEVALISMOS NAS REDES”: VERSÃO	
<i>SPOTIFY</i>	124

INTRODUÇÃO

Ao consultarmos manuais escolares e documentos norteadores da Educação Básica¹ e Superior, percebemos que a Idade Média é apresentada a partir dos elementos formativos cronológicos. Inspirados na divisão quadripartida francesa, o período medieval europeu iniciaria com a queda do Império Romano e se estenderia até ascensão da burguesia e o enfraquecimento do sistema feudal. Entretanto, através do contato com diferentes mídias, como plataformas *streams* e redes sociais, nos deparamos com construções e reaproveitamentos de elementos medievais que não correspondem apenas aos contextos europeus.

Apesar de não termos vivenciado o período medieval, possuímos ligações culturais com o medievo que foram trazidas, incorporadas e recriadas através do contato com o colonizador. Os portugueses, assim como propõe Hilário Franco Júnior², ao viajarem além-mar e chegarem à costa brasileira trouxeram consigo bagagens culturais que não podem ser desconsideradas. Hábitos cotidianos, como o uso de relógio, de talheres, de papéis e até ações como as de sentar à mesa, foram incorporadas pelos europeus através do contato com outros povos, a exemplo dos chineses, e compartilhados em solo colonial.

Entretanto, os autores Nadia Altschul e Lukas Grzybowski apontam no artigo “Em busca dos dragões, a Idade Média no Brasil” que centros hegemônicos do conhecimento defendem que países pós-coloniais, a exemplo do nosso, são considerados carentes da vivência medieval. Para enfrentarmos então esta visão tendenciosa, os autores acreditam que os estudos pós-coloniais nos permitem criar um entendimento sobre a Idade Média, podendo, então, ser consumida e difundida.³ Por isso, precisamos levar em conta os

¹ Conforme a Base Nacional Comum Curricular aprovada no ano de 2017 e ainda em vigência, no que tange os anos finais do Ensino Fundamental, em especial as turmas de 6º anos, caberá aos professores de História abordarem temáticas tanto sobre a Antiguidade, quanto do período medieval, trabalhos e formas de organização social que se limitam as diferenciações dos conceitos de escravidão, servidão e trabalho livre na Antiguidade (Habilidade EF06HI17) e a análise do papel da religião cristã durante o medievo (Habilidade EF06HI18). Assim, outras temáticas culturais e até espaciais além dos limites europeus ficam a margem das discussões.

² FRANCO JÚNIOR, Hilário. Ecos do Passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Sabin, ano 3, n. 30, p. 58-60. 2008.

³ GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; ALTSCHUL, Nadia R. Em Busca dos Dragões: a Idade Média no Brasil. *Antíteses*, 13(26), pp. 25-26. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>. Acesso em: 20/03/2023.

caracteres de flexibilidade e recriação culturais, ou seja, não podemos considerar que os elementos, transmitidos pelos portugueses, foram absorvidos de maneira integral pelos brasileiros. Ao contrário, uma vez que passamos por diferentes mudanças e trocas culturais obtivemos sentidos e significados diferentes dos vivenciados pelos europeus.

Assim, podemos encontrar diferentes manifestações que reavivam e recriam elementos relacionados à Idade Média no contexto brasileiro. Contextualizando espacialmente nosso trabalho, temos como objetivo principal compreender de que maneira a temática do medieval tem sido abordada nas mídias digitais, no caso o *Instagram* e o *Spotify*, plataformas em que o uso de imagens e recursos audiovisuais podem ser explorados por seus produtores para ambientarem os internautas em um espaço lúdico e imaginário. Como forma de definirmos e explorarmos esta temática no campo de estudo da História, o conceito de neomedieval tem se tornado o mais adequado para compreendermos os usos de elementos ligados ao medieval, sejam imaginados ou não, no tempo presente.

Por ser um conceito que ainda se encontra em construção, entendemos como neomedieval as produções compartilhadas, reproduzidas, divulgadas e publicadas em mídias digitais, seja por sujeitos ligados à academia ou não, que relacionam elementos figurativos e temáticas da Idade Média às questões contemporâneas, transitando, então, entre o lúdico e as novas imagens sobre a realidade. O caráter lúdico se dá pela capacidade de definirem, trabalharem, retomarem e reavivarem elementos ligados a uma “Idade Média remota” para o público do ambiente digital e, assim, criarem as novas imagens, na medida em que, estabelecem paralelos com a realidade experimentada pelos internautas, angariando a atenção, a participação e a proximidade com quem tem contato com o que se é compartilhado. Nosso entendimento sobre o conceito coaduna da proposta da historiadora Pam Clements que associa o uso e a significação das obras neomedievalistas aos suportes do tempo presente, como nas mídias digitais, expressas principalmente através dos jogos *online*, da internet e da recriação histórica.⁴

⁴ CLEMENTS, Pam. Authenticity. In: UTZ, Richard. EMERY, Elizabeth (org.). *Medievalism: Key Critical Terms*, 2014, e-book, ISBN 978 1 78204 333 1, Não paginado *apud* SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020, p. 88. Orientação: Prof. Dra. Flavia Galli Tatsch.

A partir dessa discussão, dividimos a dissertação em três capítulos. O primeiro “As interconexões entre o digital e o medieval”, analisa o conceito de neomedievalismo e de História Pública-Digital. Compreenderemos como História Pública-Digital as diferentes temáticas relacionadas à História e compartilhadas por diferentes sujeitos no ambiente digital, desde redes sociais até produções filmicas. Nesse sentido, tanto o conceito de neomedievalismo, quanto o de História Pública-Digital, correlacionam-se pelo interesse na produção de conteúdo e divulgações do conhecimento histórico, através da espacialidade ampla proporcionada pelo digital, e, o neomedieval, em específico, contribui para que delimitemos nossa área temática de interesse de pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado de “Navegando pelo neomedievalismo através do Instagram: definições, possibilidades e temáticas”, dialogamos com as propostas de definição do conceito de neomedievalismo e delineamos nossa compreensão para a análise das fontes. Neste momento, as fontes investigadas foram as compartilhadas através da rede social *Instagram*, uma plataforma que permite aos seus usuários publicarem em diferentes formatos e compartilharem o mesmo conteúdo em outras redes sociais. Como o nosso interesse de pesquisa diz respeito à produção de conhecimento histórico no ambiente digital, precisamos analisar os usos, as possibilidades e as concessões de propriedade intelectual fornecidas pela rede social. Além do mais, a análise de nossas fontes dialogou com três temáticas trabalhadas nos perfis acadêmicos @barbaridadesmedievais (UFTM) e @poiemaufpel (UFPEL) e não acadêmico, como é o caso do @plebeusocios, quais sejam: datas comemorativas, produções midiáticas (filmes, séries e jogos) e dilemas contemporâneos.

Já no terceiro capítulo, “Preparem seus foninhos, pois a História vai começar”, trabalhamos com a análise das plataformas *streams* onde os *podcasts* circulam. Dentre elas, optamos pela escolha do *Spotify* por possuir o maior número de internautas se comparada às outras plataformas. Assim como no caso do *Instagram*, também no *Spotify*, precisamos adentrar no universo digital para conhecermos, explorarmos e compreendermos este ambiente, definido pelos apreciadores de *podcast* como *podesfera*. Para tanto, analisamos os recursos que podem ser explorados pelos produtores de conteúdo relacionados à História e às limitações da plataforma, como por exemplo o interesse mercadológico na venda de planos para melhor conforto ao usufruir das produções.

Realizamos ainda uma entrevista com os produtores tanto do *podcast* informativo, o “Medievalíssimo” coordenado pelo historiador Bruno Rosa, quanto o acadêmico, “Estudos Medievais” administrado pelo Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo.⁵ Destinamos espaço também para a discussão de temáticas correlatas abordadas nos episódios dos *podcasts*, e das relações estabelecidas entre as fontes analisadas, as quais circulam tanto no *Instagram*, quanto no *Spotify*.

Nesse sentido, nosso trabalho estabeleceu diálogos entre os conceitos de História Pública-Digital e Neomedievalismo através da análise das publicações e episódios de *podcasts* que circulam no ambiente das mídias digitais, respectivamente, no *Instagram* e no *Spotify*. Além do mais, compreendemos que o neomedievalismo é a requisição de uma medievalidade brasileira, através de elementos lúdicos e figurativos que remontam uma Idade Média distante, mas aborda diferentes temáticas e versões que contribuem para a elaboração de uma medievalidade própria aos diversos contextos brasileiros.

⁵ No guia produzido pelos autores Douglas Lima e Rosiângela Picanço, eles diferenciam os podcasts ligados ao universo da História em dois: os acadêmicos, ou seja, produzidos por sujeitos ligados a academia e com o interesse de divulgar trabalhos e temáticas desenvolvidas pelo programa; e os informativos, também desenvolvido por historiadores, mas que não possuem vínculo acadêmico. Ver mais em: **Guia de tecnologias digitais e ensino de História: podcasts de História** [recurso digital] / Douglas Mota Xavier de Lima, Rosiângela Campos Picanço– 1. ed.– Belém: Rfb Editora, 2020, p. 9. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/bitstream/deposita/270/5/podcasts%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 20/03/2023.

CAPÍTULO 1: AS INTERCONEXÕES ENTRE O DIGITAL E O MEDIEVAL

Ao navegarmos pelos diferentes ambientes, desde o digital até o físico, a História, direta ou indiretamente, se faz presente. Ao caminharmos pelas avenidas, por exemplo, podemos observar que os nomes das ruas carregam consigo uma forma de se fazer História em determinada cidade, ou, ao menos, percebemos quais personalidades históricas e suas ideologias são utilizadas em diálogo com os interesses daquela região. Ao adentrarmos no universo digital, a situação não é muito diferente. As grandes mídias televisas nacionais gravam e regravam novelas com caráter histórico, que buscam reconstruir acontecimentos e passagens sobre a História do Brasil. Há também séries de plataformas digitais, de grande alcance, que retomam temáticas desde à antiguidade até um ambiente moderno e não tão distante.

Esse caráter de exaltação da História pode transmitir uma imagem dupla de nossa arte de fazer ciência: ou que nossa disciplina é fácil e pode ser reproduzida ao bel-prazer, ou que a História parece estar na moda, e se tornou interessante através das narrativas midiáticas. As duas imagens construídas ao redor da História não significam, necessariamente, que as pessoas, de modo geral, estejam interessadas no conhecimento historiográfico, mas apenas nas narrativas construídas em torno de nossa arte-ciência. Isso não quer dizer, no entanto, que nossa disciplina é tão desinteressante e, por isso, precisaria de linguagens desenhadas e articuladas para se tornar atrativa, significa que precisamos estar atentos às narrativas construídas em torno de um passado que não nos é acessível, e pode ser reproduzido de maneira deturpada.

Há diversas formas de acessarmos o passado, desde a leitura de uma reportagem física de jornal oitocentista, até através do virtual com ascensão das mídias digitais. No caso destas últimas, em específico, a História é apresentada como uma grande feira, na qual circulam diferentes pessoas “vendendo” suas formas de falar, fazer e escrever o passado. Diante de infinidade de informações, caminhamos pela Era Digital no limite entre *informação* e *desinformação*. Como saberemos que estamos no caminho certo de se entender, produzir e divulgar a História? E quem estaria mais apto para empreitar este desafio? Seriam apenas historiadores, ou a comunidade ligada à academia, ou até mesmo um estudante secundarista? Quem poderia narrar os acontecimentos históricos?

Antes de buscarmos aparatos historiográficos para as fontes *virtuais*, precisamos compreender a sociedade da qual elas são fruto, ou seja, a sociedade digital e de que

maneira a História estabelece (ou pode estabelecer) relações com ela. Por isso, a primeira seção deste trabalho será dedicada às reflexões sobre demandas, possibilidades e criações com o surgimento da sociedade digital, partindo do pressuposto de que vivemos uma revolução digital graças ao *espraiamento* da internet, no tempo e no espaço⁶. Além do mais, será uma oportunidade de apontar em que medida as tecnologias digitais se tornam desafiantes para o ofício da comunidade historiadora.

Após entendermos os dilemas e as demandas da Era Digital frente à nossa arte-ciência, abordaremos dois campos da História que podem ser essenciais no tratamento das fontes virtuais, são elas, a História Pública e a História Digital. A primeira é uma possibilidade para compreendermos as narrativas públicas sobre a História. No que tange à ascensão da História Digital, ela traz um imediatismo nas produções concernentes à História, mas também um mar de incertezas e com isso, segundo Anita Lucchesi, a Internet se torna em um só tempo ferramenta, fonte e matéria que exige métodos de tratamento⁷. Pensando nisso, a segunda seção do presente capítulo será destinada a responder o seguinte questionamento: “História Pública e História Digital: um diálogo possível?”, para tanto, discutiremos os entendimentos teóricos e metodológicos oferecidos por estas áreas da história, e, se é possível deles se conectarem para conseguirmos dar tratamentos metodológicos para as fontes que ascenderam juntamente com o advento da internet.

A terceira seção se propõe a um debate sobre o ofício de nós historiadores e historiadoras que pesquisam fontes digitais, mais especificamente, aquelas que nasceram neste espaço. Intitulada de “O ofício do historiador frente o digital: nos tornamos também arquivistas?”, é uma indagação que propõe uma reflexão a respeito de nosso ofício e quais diálogos estabelecemos com as técnicas e as ferramentas dos arquivistas. Já que não encontramos um arquivo elaborado, catalogado, selecionado e até recortado (como muitos dos arquivos públicos e privados, que selecionam o que será mantido ou descartado), teríamos nós, então, de construir nosso próprio arquivo digital das fontes aqui trabalhadas? Em um futuro, não tão distante, nosso trabalho poderia se tornar ao

⁶ BARROS, José D’Assunção. “Capítulo 1: Revolucao digital, sociedade digital e História”. In: BARROS, José D’Assunção (orgs.). **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022, p. 32.

⁷ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: **Simpósio Nacional de História**, n. XXVII, 2012. p.7.

mesmo tempo um arquivo e uma fonte de pesquisa para os interessados e interessadas na temática? Estas e outras perguntas serão suscitadas e, na medida do possível, respondidas.

Já a quarta e última seção deste capítulo será destinada à exposição introdutória de nossas fontes de trabalho, quais sejam o *Instagram* e os *podcasts*. Antes de adentrarmos especificamente nas fontes, precisamos nos tornar internautas, ou seja, conhecer mais sobre as ferramentas disponíveis (textos, imagens, áudio-visuais, entre outras) e a receptividade do público. Por isso, apresentaremos os primeiros levantamentos quantitativos coletados sobre cada uma de nossas fontes selecionadas no universo dos perfis do *Instagram* e dos *podcasts*.

Nesse sentido, o primeiro capítulo será um momento destinado às análises de fundo teórico sobre as áreas da História Pública e História Digital. Refletindo sobre as novas demandas da sociedade digital e de que maneira a comunidade historiadora tem lidado e se articulado frente às novas demandas. Por fim, a exposição introdutória de nossas fontes, bem como metodologias de catalogação, que serão ancoradas nos recursos oferecidos pelo campo da História Pública-Digital.

1.1. Da Era Digital: sobre o espraiamento das fontes virtuais na sociedade digital

A trajetória de escrita da própria História é marcada por revoluções que demandaram das narrativas e de quem as faz, adaptações, recriações ou até apropriações de um passado não tão distante no modo de se fazer História. Se voltarmos, por exemplo, as sociedades antes da escrita, a quem a historiografia eurocentrista do século XIX descreveu como povos sem história, quando na verdade, são dotados de uma história que se expressa através das artes com o advento das pinturas rupestres, ou também através da agricultura que alterou o modo de vida das populações, desde a Ásia até as Américas, exigindo-as uma moradia fixa onde poderiam colher e plantar.

A organização dos povos sedentários se articulou de tal maneira que possibilitou a expansão das formações locais, transformando-as em pequenas aldeias ou vilas, até o surgimento das cidades. O tempo agora é do urbano, das culturas que se comunicam não mais apenas através das pinturas, mas sim da escrita, como é o caso dos egípcios. Escrita que se desenvolveu a tal ponto de encontrar nas cidades-estados e assembleias gregas formas de se narrar e escrever a História, desenvolvida principalmente por Cícero e Tucídides. Em consonância com José Barros, no capítulo “Revolução digital, sociedade digital e História”, a narrativa histórica também pode ser considerada como uma espécie

de *conquista tecnológica* que permitiu à humanidade o domínio do tempo e do espaço e a construção de narrativas sobre as memórias coletivas⁸ – mesmo que neste primeiro momento, as narrativas estivessem voltadas à exaltação dos *heróis* gregos.

Após as conquistas tecnológicas da Antiguidade, encontramos já no entardecer medieval e no alvorecer da modernidade demandas correspondentes à Era Industrial. O tempo que antes era marcado pelo natural, se transforma em um tempo da indústria, ou melhor dizendo, “tempo é dinheiro”, ou seja, quanto mais se produz em uma menor quantidade de tempo, maior será o lucro do dono dos meios de produção. A Era Industrial é marcada pela revolução mecânica e cientificista, como bem apontou Barros⁹, em que as teorias da física e da matemática ganham força, e demandam das outras áreas o mesmo caráter cientificista. Não é à toa que, na ascensão do século XIX, a História busca se estabelecer enquanto um campo científico, dotado de método de análises de fontes, até então, oficiais (como as produções cicerianas até os documentos produzidos pelos nascentes Estados-nação), em que o historicismo alemão ganha espaço.

Podemos encontrar ainda na Era Industrial, um segundo momento marcado pela revolução da eletricidade¹⁰. É neste instante que as cidades além de serem iluminadas pelo conhecimento científico, agora também têm a possibilidade de acesso à luz e à eletricidade. As informações começam também a circular através de rádios e, tão brevemente, surgiram os telefones e os computadores – diferentes dos que conhecemos atualmente. E foi graças aos avanços tecnológicos no campo da eletricidade que a revolução digital pôde criar suas bases. Por isso, de acordo com Barros, as eras de revoluções vivenciadas pelas sociedades e pela História não se anulam ou se excluem. Muito pelo contrário, elas acontecem de maneira transversal e, assim, se sobrepõe e se integram¹¹.

Com o avanço das tecnologias microeletrônicas, principalmente através do advento e da melhoria de computadores e telefones móveis, a própria História se vê diante de novas demandas e necessidades. A revolução digital só foi possível graças ao fenômeno denominado por Barros de *espraiamento*, ou seja, partindo do pressuposto de que as revoluções precisam provocar mudanças e impactos estruturais e de grande

⁸ BARROS, *op. cit.*, p. 32.

⁹ *Ibid.*, p. 21.

¹⁰ *Ibid.*, p. 23.

¹¹ *Ibid.* p. 27.

amplitude, o *espraiamento* seria a difusão da tecnologia digital para amplos setores sociais e ao redor do globo¹². E com ele, surgem também duas novas ferramentas que serão responsáveis pelo compartilhamento tecnológico, são elas: a *Internet* e a *Web*.

Para navegarmos no universo tecnológico precisamos compreender que *Web* e *Internet* não são a mesma coisa. A *Web* é o sistema hipertextual que utiliza a *Internet* como suporte¹³. Assim, a *Internet* abarcaria um sistema mais amplo e complexo do que a própria *Web*, sistema este que abriu espaço para a ascensão de redes sociais e mídias digitais que também necessitam da *Internet* para chegarem aos diversos internautas – sujeitos que utilizam e navegam pelo universo digital. É através deste sistema que os internautas conseguem navegar por diferentes espaços sem se locomover do mundo físico, e têm acesso de uma maneira quase inédita e imediata a uma grande quantidade de informações que circulam em um pequeno espaço de tempo.

Qual será então o papel da História diante do imediatismo das fontes *virtuais*¹⁴ e das demandas desta sociedade digital? Em um primeiro momento, precisamos reconhecer que a História é feita e movimentada por pessoas, ainda que, as demandas emergentes advenham das tecnologias digitais. A partir de então, como adverte Danielle Lacerda¹⁵, as comunidades de historiadores necessitam adotar uma postura de protagonista frente aos recursos digitais. Isso não quer dizer que nós devamos nos tornar programadores ou especialistas natos dos códigos tecnológicos, mas sim que, não podemos estar alheios aos programas, aplicativos e plataformas acessadas através do uso de tecnologias digitais.

As inovações tecnológicas e a busca pela rapidez, de acordo com François Hartog, provocou mudanças no próprio sentido do presente, pois o consumo do tempo valoriza o efêmero tornando, então, os homens e as coisas obsoletos cada vez mais rápido. E a mídia também reproduz este fenômeno a partir do momento em que manipula as palavras e as

¹² *Ibid.* p. 32.

¹³ *Ibid.* p. 33.

¹⁴ O historiador Barros faz uma divisão conceitual entre *fontes digitais* e *fontes virtuais*, em que, as primeiras são fontes existentes fisicamente, mas que foram disponibilizadas de maneira digital para consulta ou até aquelas que já circulam na internet em formato *pdf* ou são acessáveis em ebooks. Já as *fontes virtuais* nasceram e são próprias do ambiente digital, a exemplo de blogs, perfis em redes sociais, canais do *Youtube* e várias outras que compõe o ciberespaço. Ver em: BARROS, José D'Assunção. Capítulo 1: Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D' Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022, p. 73.

¹⁵ LACERDA, Danielle Christine Othon. Capítulo 7: “Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente”. In: BARROS, José D' Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022, p. 263.

imagens com um intuito principal: comprimir o tempo.¹⁶ A partir das demandas da contemporaneidade, o autor propõe a hipótese do regime de historicidade que se mostra como uma ferramenta viável para nós historiadores lidarmos com as relações entre os tempos passado, presente e futuro, principalmente nos momentos de crise. Com isso, podemos analisar como toda história se relaciona com as experiências do tempo, inclusive, também nos questionarmos sobre qual seria, então, o momento de crise enfrentado pela História e pelos historiadores com a ascensão das mídias digitais.

A análise focaliza-se assim em um aquém da história (como gênero ou disciplina), mas toda história, seja qual for finalmente seu modo de expressão, pressupõe, remete a, traduz, trai, enaltece ou contradiz uma ou mais experiências do tempo. Com o regime de historicidade, tocamos, dessa forma, em uma das condições de possibilidade de produção de histórias: de acordo com as relações respectivas do presente, do passado e do futuro, determinados tipos de história são possíveis e outros não.¹⁷

O tempo das mídias digitais é principalmente o presente, pois elas surgiram e se fortaleceram através do advento da *internet* e de suas transformações que possibilitam aos usuários, ao mesmo tempo, serem consumidores e produtores de conteúdo. Mas, o passado se torna também um tempo a ser discutido, pois, de acordo com Bruno Carvalho, a sociedade digital dedicou um sentido de fascínio expresso, por exemplo, em diferentes narrativas sobre a memória que tornam canais como o *Nostalgia* um dos mais populares do mundo, alcançando a marca dos 11 milhões de seguidores.¹⁸ E o futuro? Qual espaço destinado para ele no universo digital? Esta questão está diretamente relacionada ao momento de crise enfrentado pelos historiadores com a ascensão das mídias, pois, mesmo que as comunidades de pesquisadores participem de maneira tímida deste ambiente, nossa autoridade se encontra, segundo Carvalho, fragmentada diante da diversidade de narrativas e narradores. Para o autor, há dois pressupostos fundamentais que são utilizados por estas vozes autorizadas, quais sejam, “1) a capacidade de alcançar grandes audiências, o que parece, por si só, revestir o produtor de discurso de credibilidade diante do grande público; e 2) a capacidade de dominar a nova linguagem digital”.¹⁹

¹⁶ HARTOG, François. “A ascensão do presentismo”. In: HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 148.

¹⁷ *Ibid.* p. 39.

¹⁸ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “Onde fica a autoridade do historiador no universo digital?”. In: MAUAD, Ana Maria; SANHTIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 172.

¹⁹ *Ibid.* p. 173.

Para enfrentarmos esta fragmentação de nossa autoridade, precisamos ocupar cada vez mais o espaço digital, compartilhando os tipos possíveis de história, de maneira científica e adequando as possibilidades e limitações deste ambiente. Um sinal de que não estamos alheios às demandas digitais, começou a surgir na década de 1960, ainda em solo estrangeiro, mais especificamente na França. De acordo com Carvalho, os computadores puderam ser acessados em um primeiro momento em complexos militares e também em algumas universidades. Além do mais, possuíam operações, custos e organizações diferentes dos que conhecemos atualmente. Ainda assim, puderam ser utilizados para o processamento de uma gama de informações através de cálculos matemáticos que provocaram um verdadeiro encantamento nos *historiadores quantitativos*.²⁰ Além dos franceses, os historiadores americanos e ingleses também quantificaram os dados interrogados sobre a História a tal ponto que foram criticados por realizarem uma *leitura demasiadamente matemática do passado*.²¹

No Brasil, como afirma Carvalho, a proposta da *história quantitativa* começou a ser desenvolvida no final da década de 1960 e início de 1970 por pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen²². Segundo as pesquisadoras, os computadores possibilitaram a “libertação dos julgamentos intuitivos” no processamento e proceder historiográfico, entretanto, elas reconhecem que a falta de conhecimento matemático e estatístico é a maior dificuldade²³. Apesar do empreendimento das pesquisadoras, e mesmo com a fundação da Associação Brasileira de História e Computação (ABHC) em 1990, apenas na década de 2000 e nos anos seguintes, o digital ganhou espaço na academia brasileira.

Ao pensarmos e discutirmos nosso fazer historiográfico diante da infinidade digital, nos encontramos em um ambiente aparentemente novo, inclusive na forma em

²⁰ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 3, n. 5, pp. 166-167, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>. Acesso em: 25/08/2022.

²¹ FURET, François. Histoire quantitative et construction du fait historique. In: EHESS. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, 1971. p.63-75 *apud* CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 3, n. 5, pp. 166-167, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>. Acesso em: 25/08/2022.

²² *Ibid.* pp. 170-171.

²³ BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. Emprego de Computadores na História. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo, v.46, n.94, p.641-644, abr.-jun. 1973 *apud* CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 3, n. 5, pp. 166-167, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>. Acesso em: 25/08/2022.

que é acessado, e na quantidade de informações, marcada por uma grande demanda. Entretanto, assim como utilizamos fontes disponíveis em arquivos e bibliotecas públicas, Anita Lucchesi e Dilton Maynard, inspirados no historiador holandês Zaagsma, nos recomendam combinar práticas de pesquisas híbridas que combinem o “novo” e o “velho”. Essa tentativa de combinação pode ser justificada pela intenção de integrar os diversos públicos que navegam pelo ambiente digital, desde trabalhadores, jovens, adolescentes e até idosos, cada qual com suas respectivas bagagens de vida e de conhecimento.²⁴ Além do mais, como sugerem os autores, podemos contribuir para o letramento histórico e digital de todos os sujeitos ao adotarmos uma postura aberta, lúdica e especulativa diante das novas tecnologias²⁵.

Não podemos considerar também que o advento da *Internet* e sua ampla divulgação trouxeram apenas aspectos positivos. Como bem pontuaram Sérgio Camará e Milla Benício, a partir do momento que os internautas navegam por determinados sites ou redes de pesquisa, as próprias plataformas digitais criam filtros (e até hierarquias) de interesse relacionados ao próprio indivíduo²⁶. Ou seja, no ambiente digital, ao mesmo tempo que podemos ter contato com uma gama de informações, somos delimitados tecnologicamente para o particular.

Outro debate em voga na Era Digital, é o limiar entre o particular e o público. A partir do momento que as informações começam a circular de uma maneira mais célere e fluida com o advento da internet, o espaço público deveria ser um ambiente de exercício da cidadania, onde os cidadãos poderiam exercer um diálogo racional, sem desigualdades e coerções assim como acontecem nos espaços públicos “originais” esboçados por Habermas²⁷. Entretanto, com o desenvolvimento das mídias e da cultura de massas, a

²⁴ Em um levantamento realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) sobre as TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação, a internet foi acessada por 81% da população brasileira durante o ano de 2021. Se comparada aos níveis de 2019, o percentual cresceu 7 pontos. Os índices mostram que além do crescimento na área rural, as classes A (98%), B (93%), C (85%) representam a maior porcentagem de acesso em detrimento as classes D e E (66%). Além do mais, 1/3 dos mais pobres ainda não possuem acesso à internet. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 22/08/2022.

²⁵ LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton C.S. Verbete “Novas tecnologias”. In: **Dicionário de ensino de história**. FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenadoras). Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019, pp. 180-181.

²⁶ CAMARÁ, Sérgio Antônio; BENÍCIO, Milla. História digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**. Palmas, vol. 3, n. 4, p. 48, agosto 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3596/11268>. Acesso em: 19/08/2022.

²⁷ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: Simpósio Nacional de História, n. XXVII, 2012. p. 3.

partir da década de 1960, a receptividade pública se desenvolveu, mas de maneira meramente representativa²⁸.

Na busca pela consciência da audiência e do acesso público ao passado, a comunidade de historiadores públicos, de acordo com Jill Liddington, quer assegurar que suas produções sejam consumidas de maneira ativa e participativa, sem perder a qualidade do rigor crítico²⁹. Mas, de que maneira podemos atingir tal propósito na infinidade de produções digitais? Será que um caminho possível para a sociedade digital e as produções históricas pode ser encontrado na união entre a História Pública e a História Digital? Pensando em responder estas e outras perguntas, a próxima seção será uma oportunidade de analisar as definições construídas em torno destas duas áreas da História e de que maneira elas podem dialogar.

1.2. História Pública e História Digital: um diálogo possível?

Imaginemos uma grande feira, onde circulam diferentes pessoas, adornadas com peças diversas e trocando vários saberes sobre uma temática em comum, a Idade Média. Assim, como as feiras medievais realizadas ao redor do mundo e até mesmo no Brasil, a História Pública também pode ser comparada a uma extensa (e intensa) feira, na qual várias pessoas trocam saberes, utilizando-se de diferentes recursos para angariarem mais ouvintes e interlocutores, e estão ali porque se interessam por um mesmo assunto, a História. Mesmo com essa diversidade de produções e trocas, não podemos incorrer no erro de simplificar que tudo sobre História seja História Pública, nem mesmo, o que é produzido sobre a História no ambiente digital seja, necessariamente, fruto da História Digital.

Pensando no dilema de definições conceituais e como as duas áreas podem se relacionar, o presente capítulo não deve ignorar que, como bem afirmam Lucchesi e Carvalho, tanto a História Pública, quanto a História Digital possuem uma historicidade, e entendermos essa trajetória de inquietações, possibilidades e metodologias é de fundamental importância para compreendermos sobre o que estaremos nos debruçando, principalmente, no momento do tratamento das fontes³⁰. Assim sendo, esta seção será

²⁸LIDDINGTON, Jill. Capítulo 2: “O que é História Pública? Os públicos e seus passados”. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à história pública**. São Paulo : Letra e Voz, 2011, p. 45.

²⁹ *Ibid.* p. 48.

³⁰ LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História digital: reflexões, experiências e perspectivas”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 150.

dedicada ao debate sobre as possíveis definições a respeito da História Pública e Digital, além de responder sobre a possibilidade da construção de uma união entre História Pública-Digital para a análise das mídias digitais.

O conceito de História Pública não é tão recente quanto se possa imaginar. Por volta dos anos de 1970, as terras europeias já experimentavam os anseios do ensino de História para um público mais amplo, além da escola e das universidades, através da ascensão das novas mídias. De acordo com Marta Rovai, a publicização da história ia ao encontro das propostas de uma “nova História” que ofertasse espaço de voz aos grupos excluídos, como negros, mulheres e trabalhadores. O interesse pela divulgação de narrativas públicas atreladas à valorização e à construção de memórias foi compartilhada por países como a Inglaterra, com o surgimento do *History Channel*, nos Estados Unidos, com a criação de uma série de oficinas do *History Workshop Journal* e até na França, com o programa de rádio do historiador medievalista Jacques Le Goff, intitulado de “As segundas feiras da História”.³¹

A busca pelas trocas de conhecimento e experiências históricas e da memória, resulta no interesse do uso de diferentes recursos para que estas narrativas sejam publicizadas. De acordo com a autora, este processo de popularização das memórias não significou a eliminação da ciência histórica, pelo contrário, estimulou a reflexão conjunta entre a atuação de profissionais da área com as diversas comunidades.³² Produzindo, nesse sentido, novas demandas da arte-ciência histórica e da construção da consciência e educação histórica dos diferentes sujeitos. Com isso, partindo do entendimento da humanização da História, não podemos estar alheios às novas demandas emergidas em sociedade.

Assim, a História Pública não se resumiria às meras ações de ensinar e divulgar História, mas é uma forma de contribuir para os processos de subjetivação do indivíduo. Acompanhando, então, o duplo movimento da subjetivação ao oferecer meios para que os sujeitos possam agregar novos sentidos já significados e, posteriormente, estabelecerem relações espaciais entre as instituições e os discursos, para, finalmente, assumirem uma posição na sociedade, dialogando com as temporalidades do presente, do

³¹ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. “HISTÓRIA PÚBLICA: a comunicação e a educação histórica”. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 2, p. 46, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p41>. Acesso em: 14/09/2022.

³² *Ibid.* p. 47.

passado e (possível) do futuro.³³ Além do mais, não podemos reduzir a História Pública à mera divulgação científica, pois ela intercambia o compartilhamento do saber histórico à problematização e à postura de pesquisa acadêmica-científica.

No Brasil, de acordo com Carvalho, as discussões sobre a temática da História Pública começaram a aflorar a partir do “Curso de Introdução à História Pública”, no ano de 2011, organizado pelos historiadores Ricardo Santhiago e Sara Albiere. Após o curso, obras nacionais sobre o assunto começaram a ser publicadas, como é o caso da “Introdução a História Pública”, organizada pelas historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Rovai³⁴. Em um dos capítulos desta obra pioneira, a historiadora Albiere levanta inquietações sobre as relações entre a educação histórica e a construção da consciência histórica através da História Pública.

Segundo a historiadora, a “história pública” pode ser entendida de diversas maneiras, e, devido à amplitude e à diversidade da publicação e divulgação da História, devemos nos atentar aos sentidos sobre a ação do conhecimento se tornar público e quais são suas implicações. A ideia de divulgar ou publicizar o conhecimento pode transmitir a impressão de que ele (o saber histórico) estava guardado ou escondido, e o historiador seria o responsável por desvendar seus mistérios através de uma análise cuidadosa das fontes e, além do mais, construiria enredos e narrativas condizentes com sua interpretação histórica.³⁵ Não podemos esquecer que, nesse processo de leitura, interpretação e escrita, o trabalho das comunidades historiadoras está amparada por concepções teóricas e metodológicas de referências externas às fontes.

Por esse tratamento quase que restrito às comunidades historiadoras, os diversos públicos ficariam às margens das discussões históricas ou se quer seriam convocados. A relação entre divulgação e academia, como defende Albiere, ainda parece ser hostil e conflitante. Uma possível justificativa para estas tensões pode ser encontrada nos

³³ ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001 *apud* DIAS, Cristiane; COUTO, Olívia Ferreira. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: Compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC. V. 11, N. 3, p. 631-648, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a09v11n3.pdf>. Acesso em: 14/09/2022.

³⁴ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 38, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/25602/18398>. Acesso em: 14/09/2022.

³⁵ ALBIERE, Sara. “História pública e consciência histórica”. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à história pública**. São Paulo : Letra e Voz, 2011, p. 23.

equivocos sobre os entendimentos de divulgação e publicação, em que, o divulgador traria os “restos” de produções científicas, adornadas com belos discursos e compartilhadas para o grande público. Enquanto, na verdade, existem produções de qualidade que podem encontrar o “entre-lugar”³⁶ dos discursos acadêmicos e da cultura comum.³⁷ E uma possível alternativa de conciliação entre estes discursos pode ser encontrada na construção da consciência histórica³⁸.

A consciência histórica é formada a partir das trocas culturais realizadas entre os diferentes sujeitos, assim, as memórias, os processos de experimentação e os sentidos e significados agregados a eles influenciam a maneira como os indivíduos e suas comunidades organizam as experiências particulares e coletivas. Com isso, segundo Albiere, a prática historiadora não poderia se resumir à ação de decorar datas e nomes do passado, mas de condicionar meios para que os seres humanos se insiram no mundo por meio da ação cultural, social e intelectual³⁹. Assim sendo, como experimentamos a ascensão de uma sociedade marcada pelo digital, nem a academia, nem os indivíduos externos a ela podem estar alheios às transformações sociais provocadas pela cultura digital.

Diante de novas demandas e exigências, as relações ente história e sujeitos – entendidos aqui como produtores e consumidores de conhecimento, precisam ser reformuladas e discutidas para não se tornarem desconectadas da realidade. A implantação das redes mundiais de informação, de acordo com as autoras Cristiane Dias e Olívia Couto, permitiu a popularização da internet, mas principalmente, o lugar de

³⁶ Na antropologia, o sentido de cultura compreende as sociedades como transversais, por isso, absorvemos elementos uns dos outros e damos novos significados a eles, adotando para isso diferentes formas de colaboração, das quais, nossos discursos se alteram e se articulam para atingir o outro. Ver em: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008 (cap. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede, p. 20-68).

³⁷ *Ibid.* pp. 23-25.

³⁸ Ao tratar da consciência histórica, Albiere aborda a expressão com base nos pensadores alemães e propõe uma nova fórmula conforme as demandas públicas. Segundo historiadora, a expressão diz respeito à forma como os seres humanos interpretam e compreendem o mundo que o cercam. No caso alemão, a consciência histórica foi associada à formação do estado nacional e à criação de elementos formativos da memória coletiva e do patrimônio histórico. Entre os principais pesquisadores contemporâneos encontramos Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen como herdeiros de uma literatura acadêmica ligada aos europeus. Entretanto, Albiere defende a compreensão da consciência histórica a partir do agir e interpretar diferentes culturas, por isso, ela pode ser usada como um recurso de passagem da história acadêmica para pública, ao permitir o pensar e o falar historicamente, e consequentemente, é um modo de nos posicionarmos na cultura. Ver mais em: ALBIERE, Sara. “História pública e consciência histórica”. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, pp. 25-27.

³⁹ ALBIERE, *op. cit.*, p. 27.

destaque das redes sociais, ao se tornarem as responsáveis pela divulgação do conhecimento histórico. E a principal forma das redes sociais e seus sujeitos encontrarem e chegarem até o público mais amplo é através do discurso.⁴⁰ No que tange à educação histórica, em consonância com as autoras, os discursos não conseguem mais se pautar pelo formalismo, pela tradição ou pela unilateralidade do conhecimento. As demandas das mídias digitais e de seus públicos exigem, direta e indiretamente, uma ressignificação e reelaboração da divulgação e produção do conhecimento histórico.

Para compreendermos as redes sociais e os sujeitos que as utilizam como recurso e estratégia de divulgação do conhecimento histórico, a História Digital se torna uma importante ferramenta. Sendo entendida aqui, em consonância com Meneses e Lucchesi⁴¹, como uma operação consciente do historiador para a pesquisa historiográfica com as tecnologias. Por ser uma operação, deve ser utilizada como recurso de análise ao lidarmos com fontes produzidas e circuladas no ambiente digital. Assim, temas e assuntos recorrentes, tais como critérios de usos e intenções das mídias, bem como demandas do público podem ser algumas das considerações levadas em conta no tratamento de nossas fontes.

Em um curso online promovido pela Associação Nacional de Historiadores (ANPUH), o historiador Bruno Carvalho ministrou uma aula sobre a divulgação científica da História através do ambiente virtual. Nessa oportunidade, o pesquisador enfatizou que um dos maiores eventos de divulgação científica, a “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia”, não destinou espaços para a área das ciências humanas, com isso, reforça o imaginário formado fundamentalmente por um tipo de ciência, qual seja, da natureza. Esse processo, afirma o pesquisador, pode ser justificado por três motivos. O primeiro deles diz respeito ao processo de especialização, ou seja, o agrupamento das ciências em grandes áreas fez com que a área da natureza ganhasse destaque por conseguir maiores demonstrações práticas do que as humanidades. O segundo trata do isolamento dos

⁴⁰ DIAS, Cristiane; COUTO, Olívia Ferreira. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: Compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC. V. 11, N. 3, pp. 633-635, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a09v11n3.pdf>. Acesso em: 14/09/2022.

⁴¹ Fala das professoras Sônia Menezes e Anita Lucchesi na aula 03 do curso História Pública, Divulgação Científica e Comunicação Digital da História: conceitos e práticas do dia 17/06/2022.

historiadores que, em grande maioria, fazem comunicações e trocas acadêmicas entre os pares. E, terceiro, a persistência da visão sobre a história não como uma ciência.⁴²

Buscando, então, superar as visões tendenciosas sobre a constituição da História enquanto ciência e as potencialidades da divulgação histórica, coaduno da proposta de Carvalho ao reivindicar um lugar mais generoso para História na divulgação científica. Mas, afinal, o que seria a divulgação científica? As publicações em anais de eventos científicos podem ser consideradas uma forma de divulgação? Apesar da resposta da segunda indagação ser positiva, precisamos superar os debates (irrestritos) entre os pares. Não que eles não sejam importantes, pelo contrário, as trocas de conhecimento entre os sujeitos da comunidade acadêmica é de fundamental importância, mas para que a História conquiste um público mais amplo, a comunicação do conhecimento deverá adotar diferentes linguagens e metodologias, além de permitir a participação de pesquisadores e não pesquisadores.

O próprio sentido de divulgação científica possui sua historicidade e, conseqüentemente, implicações. Ainda na aula sobre o assunto, Carvalho menciona que, até a metade do século XIX, coincidentemente, quando a História angaria seu espaço enquanto ciência, a ação de tornar o conhecimento acessível para todos era vista como uma “vulgarização científica”. Apenas no século XX, o termo é alterado para divulgação científica e possibilita a inclusão e difusão através das novas mídias. Com a expansão de significados, sentidos e públicos, a divulgação científica traz consigo inovações nos campos da audiência, da ciência e do capital – este último em especial, também será percebido na análise das fontes que, preliminarmente, em meus primeiros levantamentos, percebi que muitos dos perfis e *podcasts* se mantêm através de patrocinadores ou da venda de produtos relacionados ao universo medieval. Diante da necessidade do historiador se comunicar com o público, tanto no sentido verbal, quanto de chamar a atenção para o que está sendo divulgado, o faz utilizar-se de técnicas gerais, como: orações curtas e objetivas; metáforas explicativas; linguagem visual; uso de personagens; relações cotidianas e conhecimento popular.

Semelhantes na preferência pela temática da História, a divulgação científica e a História Digital possuem também semelhanças no caráter: as inovações. Se num primeiro

⁴² Fala do professor Bruno Carvalho na aula 02 do curso História Pública, Divulgação Científica e Comunicação Digital da História: conceitos e práticas do dia 10/06/2022.

momento, a História Digital esteve relacionada à disponibilização de documentos históricos de maneira digital através da internet, atualmente, o conceito passou por mudanças significativas, tanto teóricas, quanto metodológicas.⁴³ De acordo com William Thomas, historiador norte-americano e especialista no tema, a História Digital pode ser definida como uma arena aberta de produção acadêmica e de comunicação marcada pelo hipertextual. Já para Steven Mintz, também historiador americano, a História Digital ainda está se desenvolvendo através de estágios, sendo uma ferramenta de comunicação básica que poderia ser utilizada até por estudantes para fazerem história, contribuindo então para a construção de um processo ativo de aprendizagem.⁴⁴ Apesar de concordar com a visão dos historiadores norte-americanos, a definição da pesquisadora Ashley Bowen, sobre o amadurecimento da História Digital e o uso de ferramentas digitais como método⁴⁵, coaduna da proposta também levantada por Lucchesi, ao defender o uso das tecnologias digitais como ferramenta da escrita histórica⁴⁶.

Ao compreendermos que as ferramentas digitais devem ser utilizadas como um método ou até estratégia de escrita da História, estamos diante de novas proposições, problemáticas, desafios e até relações. As proposições dizem respeito à maneira como vamos lidar, metodologicamente, com as fontes digitais produzidas tão rapidamente, quanto são compartilhadas. Sobre as problemáticas, no guia elaborado por Cohen e Rosenzweig, dizem respeito à informação, à qualidade e à passividade digital⁴⁷ e que, diretamente, dialogam com os desafios da produção historiográfica frente à quantidade massiva de informações sendo publicizadas e de que maneira estão sendo compartilhadas. Por fim, as relações dizem respeito ao tripé sociedade, pesquisador e fontes digitais que permitem levantar questionamentos sobre os papéis do historiador e como nossa

⁴³ LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História digital: reflexões, experiências e perspectivas”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 152.

⁴⁴ COHEN, D. J.; ROSENZWEIG, R. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2008 *apud* LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História digital: reflexões, experiências e perspectivas”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 152.

⁴⁵ LACERDA, Danielle Chistiane Othon. “Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente”. In: BARROS, José D’Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 265, 2022.

⁴⁶ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: Simpósio Nacional de História, n. XXVII, 2012. p. 5.

⁴⁷ COHEN; ROSENZWEIG. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 11/12/2023.

comunidade pode se relacionar com a sociedade sem se transformar em uma autoridade sobre o assunto digital.

Nesse sentido, respondendo à indagação da presente seção, a união entre a História Pública e a História Digital seria um caminho possível? A relação entre a História Pública-Digital tem como espaço compartilhado a divulgação científica. Se de um lado a História Pública é um fenômeno que permite a representação do passado e sua circulação no espaço público, inclusive através das mídias; de outro a História Digital oferece recursos para as demandas metodológicas e teóricas próprias do ofício do historiador. Mas, o que seria, então, o elo de união entre os dois campos de estudo? A divulgação científica. É através da comunicação do conhecimento histórico para as amplas audiências que, tanto os historiadores e as historiadoras, quanto não pesquisadores, poderiam construir as narrativas histórico-midiáticas, e o processo de trocas de saberes por meio do espaço público. Então, de que maneira o ofício do historiador se vê frente às demandas digitais? A próxima seção será um espaço destinada a essa inquietação.

1.3. O ofício do historiador frente o digital: nos tornamos também arquivistas?

Ao nos propormos empreender em uma pesquisa histórica ou historiográfica, definimos nosso objeto de interesse e, a partir de então, selecionamos as fontes e a bibliografia que nos permitirá ler, reler, analisar e construir narrativas sobre o que já se produziu a respeito do assunto e o que agregaremos à discussão. Assim, nossas fontes podem variar de acordo com nossos recortes, sejam de origem temporal, ou espacial. As formas que temos acesso a esses documentos também não são unilaterais, a depender do objeto, devemos nos deslocar a longas distâncias para acessarmos presencialmente arquivos, acervos, bibliotecas e afins. Ou então, teremos o acesso na palma de nossas mãos por meio dos documentos disponíveis digitalmente e que já foram catalogados para acesso público na *internet*. Há ainda aqueles, inclusive, que serão objetos de estudo do presente trabalho, que nasceram e cresceram no ambiente digital.

Diante dessa infinidade de possibilidades, o ofício da comunidade historiadora é posto em debate não apenas no que diz respeito à divulgação do conhecimento histórico, mas principalmente sobre a expansão de fontes e como iremos lidar com elas. Em consonância com Pedro Silveira, tanto os documentos disponíveis digitalmente, quanto os que nasceram no ambiente digital, possuem a “mesma operação crítica de validação”⁴⁸,

⁴⁸ COHEN; ROSENZWEIG. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, 2005. Disponível em:

no sentido de suporte para divulgação, mas discordo do autor no que diz respeito ao tratamento, organização, materialidade e, conseqüentemente, catalogação destas fontes. Pensando nisso, esta seção será dedicada às indagações sobre o ofício dos historiadores e das historiadoras frente às fontes digitais e quais as relações estabelecidas com os arquivos e a manipulação – no sentido de manuseio, consulta e leitura dos documentos nascidos digitalmente.⁴⁹

Segundo Lacerda, as transformações digitais estão presentes nas mais diversas relações e contextos experimentados pela humanidade.⁵⁰ Isso pôde ser vivenciado com maior intensidade no contexto pandêmico, em que, reuniões, aulas, conversas casuais e até atividades físicas passaram a ser transmitidas através da tela. O aumento das demandas virtuais e a diminuição do contato físico exigiram adaptações e readequações que não foram vivenciadas por todos do mesmo modo. Além do mais, as próprias plataformas que abrigaram e possibilitaram as trocas virtuais durante a pandemia, também precisaram passar por mudanças para que suportassem a sobrecarga de reproduções e produções constantes. Não podemos desconsiderar, também, que nem todos puderam ter acesso a essas ferramentas, e por isso mesmo, a desigualdade e os processos de exclusão foram transpostos para o universo digital.

Apesar das dificuldades e restrições de acesso, o ambiente digital é dotado de uma capacidade de flexibilização e alta produtividade que não é reproduzida de maneira totalmente artificial, mas como alerta Lacerda, o ser humano é a chave fundamental para movimentar e provocar as mudanças⁵¹. E, ainda acrescentaria, dar sentido a elas. Afinal de contas, do que adiantaria uma produção em massa de assuntos concernentes à História sendo divulgada, dentro e fora da academia, se não no debruçarmos sobre ela? Debruçarmos não no sentido de nos tornarmos vigilantes da divulgação histórica nas

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90320/000914881.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01/12/2023 *apud* LACERDA, Danielle Chistiane Othon. “Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente”. In: BARROS, José D’Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 265, 2022.

⁴⁹ Os documentos nascidos digitalmente são os produzidos em mídias digitais, como no nosso caso o *Instagram* e o *Spotify*, mas também até certidões eletrônicas geradas primeiramente no ambiente digital e disponibilizadas também através dele. Por isso, eles se diferem, por exemplo, de iluminuras medievais encontradas em livros de horas, disponíveis em uma versão material, e catalogadas para serem acessadas em bibliotecas virtuais.

⁵⁰ LACERDA, *op. cit.* p. 261.

⁵¹ LACERDA, *op. cit.* p. 162.

mídias digitais, mas sim, de sermos também protagonistas das movimentações que pairam sobre o universo tecnológico.

Diante do ambiente digital, o ofício de nós historiadores e historiadoras encontra ferramentas que facilitam os nossos trabalhos, como por exemplo, a agilidade de acesso às fontes. Entretanto, encontramos também barreiras de ordem metodológica e arquivista. Uma das indagações que podemos levantar é sobre como manipularemos nossas fontes produzidas em redes sociais, sendo que a todo momento há novas informações sendo compartilhadas? Nesse sentido, ao mesmo tempo que a agilidade se torna uma aliada, ela nos põe frente a uma corrida contra o tempo, em que, há uma sobrecarga de informações, curiosidades e narrativas históricas sendo produzidas, mas que não estão sendo armazenadas, e muito menos, catalogadas. Além do mais, a qualquer instante, nossas fontes podem simplesmente desaparecer da *Web*, sem nenhum alarde, como aconteceu com o site de história pessoal *My History is America's History* no ano de 2002⁵². Para evitarmos perdas desastrosas como esta, deveríamos, então, caminhar para um duplo ofício de historiador-arquivista?

Os documentos nascidos digitalmente são compartilhados com a intenção de serem apreciados naquele momento em que o público tem contato com eles. Ou seja, eles se encontram armazenados em uma plataforma ou mídia social administrada por uma grande empresa privada e, assim, a materialidade perde sentido, já que se produz e consome instantaneamente. E, em alguns casos, há opções de salvar, dentro da própria mídia, o conteúdo que se deseja ver posteriormente. Mas, mesmo assim, a preservação digital permanece sendo uma de nossas fraquezas que, infelizmente, como afirmou a especialista em arquivo digital, Margaret Hedstrom, não há métodos aceitáveis de preservação de objetos complexos que compilem textos, imagens e áudios⁵³. Como, então, arquivaremos as fontes digitais e, o mais importante, este arquivamento é possível?

⁵² O projeto de uma história pessoal e ao mesmo tempo popularizada foi financiado pela empresa de Internet PSINet e Genealogy.com e criado pelo National Endowment for the Humanities (NEH) como uma forma de “honrar o passado” norte-americano exaltado por Bill Clinton. Entretanto, com a eleição de George W. Bush, o projeto se tornou menos atraente e, conseqüentemente, perdeu financiamento. Ver em: COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. “Preservando a História Digital - Introdução”. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 06/10/2022.

⁵³ HEDSTROM, Margaret. *It's About Time: Research Challenges in Digital Archiving and Long-Term Preservation* (Washington, DC: National Science Foundation and the Library of Congress, 2003), 8 *apud* COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. “Preservando a História Digital - A fragilidade dos materiais digitais”. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 06/10/2022.

Em uma perspectiva positiva, Cohen e Rosenzweig acreditam que o melhor caminho é aderirmos a operações que contribuam com a construção e o armazenamento de arquivos digitais⁵⁴.

Para respondermos à pergunta acima, precisamos primeiramente entendermos o que são os arquivos e como eles funcionam, e depois, finalmente, pensarmos nas possibilidades e potencialidades de um arquivo digital. De acordo com Jacques Derrida⁵⁵, os arquivos possuem duas operações: *topológica* e *nomológica*, ou seja, sofrem influência do espaço em que se encontram e das vontades de quem os comandam. Nesse sentido, afirma Pedro Silveira⁵⁶, a estrutura dos arquivos condiciona como os registros são feitos e catalogados. Assim, nem tudo se transforma em arquivo e nem todo arquivo terá uma preservação a longo prazo⁵⁷, dependerá das demandas e dos interesses relacionados ao que é arquivado (ou a falta deles). Por isso, não podemos demandar das produções digitais o arquivo integral delas, já que até os arquivos físicos e catalogados passam por recortes – pessoais, profissionais e administrativos- e dependem de quem os manuseia.

Nesse sentido, ao nos propormos analisar nosso ofício frente às demandas das fontes digitais, não poderemos deixar de lado uma postura que não é exclusiva do arquivista, mas que também é por nós compartilhada, isto é, os recortes. A proposta de trabalho com fontes nascidas e criadas nos meios digitais já é em si um recorte e que ao restringirmos o olhar, teremos uma amplitude de mídias digitais que poderiam ser exploradas, mas que escolhemos aqui duas em específico, o *Instagram* e o *Spotify* – essa última também precisou de um recorte, já que há uma diversidade de *plataformas streams* que abrigam os *podcasts*. Mas, nem tudo sobre História será aqui trabalhado, nem poderíamos ter tamanha audácia, por isso, escolhemos como temática de interesse as

⁵⁴ COHEN; ROSENZWEIG, *op. cit.*, *loc. cit.*

⁵⁵ DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 13 *apud* SILVEIRA, Pedro Telles da. “Capítulo 2: Arquivo”. In: SILVEIRA, Pedro Telles da. **O gosto do arquivo (digital) – Documento, arquivo e eventos históricos a partir do *September 11th Digital Archive (2002 – 2013)***. Dissertação (Monografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013, p. 32.

⁵⁶ SILVEIRA, *op. cit.* pp. 29-34.

⁵⁷ Segundo Heloísa Bellotto, os arquivos possuem três idades: correntes – de uso funcional; temporário – ultrapassam o prazo jurídico administrativo, mas ainda podem ser consultados e final ou histórico – fim de sua tramitação para os usos científicos, social e cultural. Ver em: BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.

imagens⁵⁸ construídas sobre o período medieval nestas mídias digitais e suas relações com questões presentes.

Assim, de certa maneira, faremos também o papel de arquivista, na medida em que, os recortes da nossa temática de trabalho, dentro da área da História, nos demandam selecionar fontes relacionadas ao universo medieval e catalogar as produções – nem todas elas – no período de março de 2021 a março de 2022, desde que estejam relacionadas à construção de imagens e ao neomedievalismo nas mídias digitais. O nosso arquivo digital será, então, a catalogação prévia para que possamos analisar nossas fontes e categorizá-las na presente dissertação.

Além do papel de historiadora-arquivista, acrescentaria ainda, a de internauta. Como bem pontuou Barros⁵⁹, ao abordarmos a temática das fontes virtuais e o trabalho historiográfico com elas, precisamos nos tornar internautas, ou seja, conhecedores das potencialidades, fragilidades, alcances, interesses e flexibilidades do universo (digital) que estaremos navegando. Em outras palavras, precisamos conhecer a origem de nossas fontes, bem como do suporte no qual estão ancoradas; com qual intuito foram criadas e se esse intuito passou por mudanças; a amplitude do público por elas alcançada e se esse público estabelece diálogo com as produções; sem deixar de lado também a identificação de quem as criou – quando for possível identificar. As respostas para estas indagações de historiadora-internauta receberão espaços nos próximos capítulos. A seção seguinte será dedicada à demonstração da primeira análise, de cunho quantitativo levantada a respeito de nossas fontes de estudo.

1.4. As mídias digitais como fonte: um panorama quantitativo

A partir do momento que nós, comunidade de historiadores e de historiadoras, dispomos a realizar nossas pesquisas, traçamos temáticas, objetivos, fontes e metodologias para darmos tratamentos analíticos em nossas produções. Com o presente trabalho, não seria diferente. Sendo assim, nos dispomos a realizar uma pesquisa sobre as imagens, compreendidas aqui como representações, construídas a respeito do conceito de

⁵⁸ Optamos pela escolha do conceito de imagens e não imaginários, considerando que não conseguimos ter acesso aos imaginários nem dos produtores, muito menos dos sujeitos apreciadores dos conteúdos compartilhados por nossas fontes. Já o sentido de imagens não meramente como figuras, mas como construções de símbolos dotados de significados, nos permitem ter acesso a materialidade dos imaginários expostos através dos perfis do *Instagram* e dos episódios dos *podcasts*.

⁵⁹ BARROS, José D' Assunção. "Capítulo 1: Revolução digital, sociedade digital e História". In: BARROS, José D' Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022, p. 84.

Idade Média⁶⁰. Por isso, será oportuno pontuar se as definições elaboradas são compartilhadas para suprir assuntos ou curiosidades do período e, em que medida, são reflexões de inquietações vivenciadas e experimentadas por seus produtores e produtoras atualmente. Buscando, então, verificar os diálogos (caso sejam possíveis) entre o passado medieval e a contemporaneidade. Para emprendermos em nossos objetivos, selecionamos como universo de fontes as mídias digitais, mais especificamente o *Instagram* e o *Podcast*, das quais iremos nesta seção apresentar aspectos gerais e quantitativos, além também de demonstramos ferramentas que irão contribuir para o processo de catalogação e posterior análise.

O advento da *Web 2.0* foi possibilitado graças às mudanças na relação entre consumidores e produtores na *sociedade da informação*, caracterizadas por Pierre Lévy⁶¹ pelas demandas de informações rápidas e diretas. Essa mudança se deu no sentido de que os consumidores deixaram este status e se transformaram em produtores de conhecimento e conteúdo. Para exercerem esta nova condição, são necessárias ferramentas de divulgação e também produção. É nesse contexto da *sociedade da informação* que os *podcasts* surgem, mais especificamente no ano de 2004, pelo DJ da produtora MTV, Adam Curry e o criador do *software*, Dave Winner⁶². De acordo com Raone Souza⁶³, os *podcasts* são produzidos para a internet e distribuídos através de um *feed*, o nome é a junção das palavras **iPod** (grifo nosso – dispositivo de reprodução norte-americano) e **broadcasting** (grifo nosso – método de transmissão de dados). Entretanto, a transmissão de dados do *feed*⁶⁴ necessita de uma *plataforma streaming* ou também conhecidas como *agregadoras de podcasts* que, ainda segundo o autor, abriga diversos *feeds* possibilitando

⁶⁰ O entendimento sobre a Idade Média será elaborado no segundo capítulo a partir do conceito de neomedievalismo, ou seja, como define Beatriz Santos, a análise da retradução da imagem medieval que combina elementos medievais a fantasia, em que, o lúdico e o sonhado se misturam. Ver em: D'ARCENS, Louise. Introduction: Medievalism, scope and complexity.. In: (Ed.) D'ARCENS, Louise. **The Cambridge Companion to Medievalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 86 *apud* SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020, p. 58.

⁶¹ LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

⁶² MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. 2006 *apud* SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e potencialidades do podcast no ensino de História**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016, p. 6.

⁶³ FERREIRA DE SOUZA, *loc. cit.*

⁶⁴ Segundo Souza, os *feeds* são tecnologias que avisam os usuários sobre a atualização dos conteúdos. Ver em: SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e potencialidades do podcast no ensino de História**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016, p. 6.

ao internauta ter acesso ao conteúdo e, se assim desejar, também fazer o *download* do arquivo de áudio.

Além de conhecermos mais sobre a estrutura e as potencialidades do agregador, dividiremos, orientados pela estratégia dos pesquisadores Douglas Lima e Rosiangela Picanço, os *podcasts* aqui selecionados como fontes, em duas categorias, sendo elas: acadêmicos e informativos.

A primeira categoria (dos podcasts acadêmicos) remete aos conteúdos que são criados dentro das universidades. Tais programas são resultados da iniciativa individual de pesquisadores, de cursos, de projetos de extensão ou de grupos de pesquisa. **Os podcasts acadêmicos** (grifo dos autores) comumente adotam o modelo de entrevistas com um profissional da área, abordando temas específicos e especializados em cada programa, com o objetivo de divulgar o conhecimento produzido na academia para o público em geral. É comum, inclusive, a existência de programas voltados a uma determinada área da História (por exemplo, História Antiga, História Medieval etc.). **Os Podcasts informativos** (grifo dos autores) são aqueles sem vínculo acadêmico, mas relacionados a profissionais da área de história. Esses programas geralmente contam com a participação de especialistas da área, seja na condução do programa, seja como entrevistados. Eles caracterizam-se por uma linguagem menos erudita e por abordarem temas menos especializados, sendo programas que tratam de múltiplas temáticas.⁶⁵

De acordo com a classificação dos autores, nossa fonte correspondente ao *podcast* acadêmico é os Estudos Medievais, administrado pelo Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo. Já o *podcast* informativo, é o Medievalíssimo, organizado pelo historiador Bruno Rosa que se dedica a transmitir diferentes assuntos sobre o universo medieval de maneira menos erudita, sem deixar de estar comprometido com a produção científica.

Diferentemente dos *podcasts*, o *Instagram* oferece inúmeras ferramentas que não se limitam apenas à audição e à hipertextualidade. Por ser também uma mídia digital, e mais especificamente uma rede social, seu principal objetivo é criar **redes** (grifo nosso) de comunicação entre as pessoas, inclusive em diferentes partes do mundo. E para criar essas redes, os internautas ao desfrutarem do *Instagram* podem compartilhar publicações que duram apenas 24 horas através dos *stories*, ou que ficam disponíveis para acesso no *feed* a qualquer momento desejado pelo *seguidor*, atendendo, então, às demandas da

⁶⁵ LIMA, Douglas Mota Xavier de; PICANÇO, Rosiangela Campos. **Guia de tecnologias digitais e ensino de História: podcasts de História** [recurso digital]. 1. ed.–Belém: Rfb Editora, 2020, p. 9. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/bitstream/deposita/270/5/podcasts%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 21/10/2022.

ubiquidade tecnológica⁶⁶. Além do mais, recentemente, foi acrescentada uma nova ferramenta denominada *reels* que consiste, basicamente, em vídeos rápidos variando de 15 segundos até 3 minutos, e, geralmente, são acompanhados de músicas de fundo – escolhidas pelo próprio criador, e até de legendas que complementam as informações transmitidas no vídeo.

Além dessas ferramentas que facilitam a divulgação, ou até dificultam, pois demandam maior tempo de produção, organização e edição por partes dos produtores e das produtoras, os *perfis do Instagram* possuem uma receptividade maior se comparados aos episódios de *podcast*. Isso pode ser percebido a partir do momento em que o internauta do *Instagram* tem a opção de comentar, curtir, salvar – em seu próprio perfil a publicação para ver posteriormente, e compartilhar no *Instagram* ou até em outras redes sociais “vizinhas”, como o *Whatsapp*, o que já não é desfrutado pelos internautas da *podosfera* – termo que, segundo Souza, é utilizado pelos ouvintes de *podcasts* e seus produtores para se referir a este universo⁶⁷. O acesso à essas informações é, inclusive, amplificado através dos *insights* quando a página produtora se declara como um perfil profissional e pode monitorar através de dados quantitativos as visualizações das publicações (recursos de impressão e alcance) e até traçar um perfil dos seguidores.⁶⁸

Diante da extensão das Inteligências Artificiais que surgiram e ganharam notoriedade, recentemente, como é o caso do *ChatGPT*⁶⁹, precisamos reforçar que os

⁶⁶ De acordo com Souza e Silva, a ubiquidade tecnológica compreende na habilidade de comunicação a qualquer hora e lugar através de dispositivos eletrônicos disponibilizados em determinado ambiente. Ver em: MORAES, Daniela Martins de Menezes. “Capítulo IV: Aprendizagem histórica digital e a rede social instagram: uma proposta para professores de história. In: **Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018, p. 100. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33666>. Acesso em: 10/10/2022.

⁶⁷ MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. 2006 *apud* SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e potencialidades do podcast no ensino de História**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016, p. 6. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174622/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Raone%20Ferrera%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 27/10/2022.

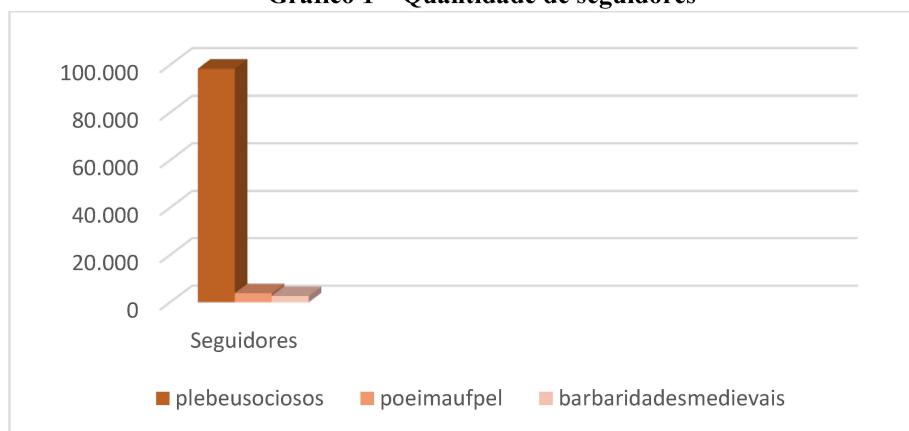
⁶⁸ FERREIRA DE SOUZA, *op. cit.* p. 95.

⁶⁹ De acordo com Jaime Sichman, não existe uma definição acadêmica para as Inteligências Artificiais, mas podemos analisá-las como um ramo da ciência ou engenharia da computação que cria ferramentas e ações para a solução de problemas, substituindo, então, operações realizadas por humanos pelas máquinas. Ver mais em: SICHMAN, Jaime Sichman Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. ISSN: 0103-4014. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/185024>. Acesso em: 01/12/2023.

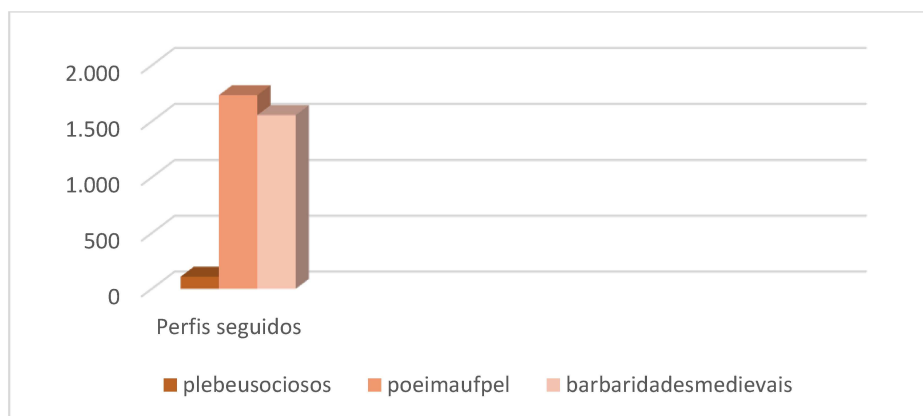
perfis do *Instagram* e os canais de *podcasts* aqui selecionados como fonte são produzidos por seres humanos, em sua maioria relacionados a instituições acadêmicas. Além disso, o próprio caráter das fontes demanda destes sujeitos adaptações, do discurso e do próprio fazer histórico, para alcançar os diversos públicos. Percebemos isso, por exemplo, na velocidade de circulação das informações. Os internautas que navegam pelo *Instagram* anseiam por conteúdos mais rápidos e com forte apelo visual, diferentemente dos *podcasts* que, geralmente, são ouvidos e apreciados ao decorrer da realização de outras atividades cotidianas, podendo durar apenas minutos ou até horas.

Por conta das restrições de acesso à receptividade do público, nesta primeira análise das fontes conseguimos coletar dados quantitativos que dão conta apenas da fonte do *Instagram*. Como forma de demonstrarmos nossa análise de maneira imagética, recorremos a três gráficos diferentes. O primeiro deles (Gráfico 1 – Quantidade de seguidores) será destinado aos números de seguidores que aquele perfil possui; o segundo (Gráfico 2 – Quantidade de perfis seguidos) são os números correspondentes aos perfis seguidos por aquela fonte e, por fim, o terceiro gráfico (Gráfico 3 – Quantidade de publicações) corresponderá à quantidade de publicações realizadas pelo perfil. É importante ressaltar que estas quantidades podem sofrer alterações ao decorrer da pesquisa, dada à qualidade de flexibilização das fontes, os números de seguidores e de quem os seguem podem aumentar ou diminuir, bem como as das publicações. Por isso, a data de referência será considerada a da coleta dos dados, dia 13 de outubro de 2022.

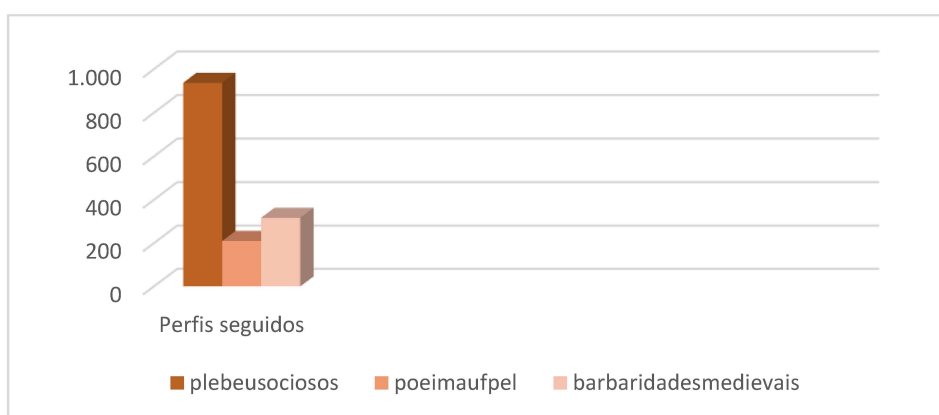
Gráfico 1 – Quantidade de seguidores



Fonte: Arquivo da pesquisadora – Coleta de dados em 13/10/2022

Gráfico 2– Quantidade de perfis seguidos

Fonte: Arquivo da pesquisadora – Coleta de dados em 13/10/2022

Gráfico 3– Quantidade de publicações

Fonte: Arquivo da pesquisadora – Coleta de dados em 13/10/2022

A coleta dos perfis foi inspirada no método da pesquisadora Daniela Machado que consiste em explorar a seção “pesquisar” do *Instagram* e selecionar a opção *tags* – são expressões curtas que resumem um assunto principal. Ao realizarmos nossos compartilhamentos podemos colocar uma ou mais palavras, por isso, e escrevi a palavra “Idade Média”. Surgiram uma infinidade de publicações e imagens que remetem a diversos imaginários sobre o período e também aos perfis que constroem esses imaginários. Buscando atender às demandas da História Pública-Digital, escolhi aqueles que são produzidos tanto pela extensão universitária, quanto por interessados no assunto.

Ao analisarmos os gráficos, podemos perceber em um primeiro momento que os perfis mais seguidos não são aqueles administrados por instituições e sujeitos ligados à academia, mas sim a “memes” – publicações de humor que buscam divertir e se popularizar rapidamente entre o público, se utilizando também de comentários em forma

de texto sobre símbolos culturais e ideias sociais⁷⁰ - que dizem mais sobre a realidade brasileira do que a História Medieval, como é o caso do perfil @plebeusocios que conta com mais de 98 mil seguidores.

Enquanto o perfil @plebeusocios alcança a faixa de 100 mil seguidores, os perfis @barbaridadesmedievais e @poiemaufpel vêm conquistando, aos poucos, entre 2 mil a 3 mil seguidores. As justificativas para as diferenças exacerbantes podem ser das mais variadas, entre elas, os outros meios de divulgação utilizados pelos demais perfis se dedicando não apenas ao *Instagram*, mas também a outras mídias; além da questão do financiamento, apesar do apoio de instituições federais, os perfis que “viralizaram”⁷¹ possuem o apoio de empresas privadas que se utilizam também do marketing digital como forma de financiamento e divulgação. Em contrapartida, o número dos que são seguidos (Gráfico 2) pelos perfis acadêmicos é maior em relação ao primeiro. É importante ressaltar que o perfil com o maior número de seguidor, @plebeusocios segue apenas 109 outros perfis, mostrando que, mesmo com mais seguidores, a rede de proximidade dos perfis acadêmicos é maior e mais fácil de ser estabelecida, dado o menor número de internautas, se comparado aos que “viralizaram”.

No quesito publicações compartilhadas (Gráfico 3), as diferenças ainda são suntuosas. O perfil @plebeusocios com 937, do perfil @barbaridadesmedievais com 317 e, por fim, o @poiemaufpel com a menor quantidade de publicações entre os demais, contando com apenas 210 publicações. As variações quantitativas de publicações podem variar em decorrência da constância e da estruturação das produções que precisam, por exemplo, ser roteirizadas, revisadas e ilustradas utilizando-se de outros recursos digitais para então serem postadas; ou ainda, das demais demandas que podem exigir das instituições – como participação em eventos que inclusive são divulgados por elas.

Apesar das diferenças quantitativas, a Universidade não deve deixar de ocupar estes espaços pautando apenas com preocupações de “viralização” ou popularização do que se é compartilhado. O processo de conquista de seguidores é lento e gradual, ainda mais quando exige a articulação da produção e a extensão acadêmica. Não podemos desprezar também os perfis que são externos às instituições e contribuem com

⁷⁰ Definição construída com base na seção de Língua Portuguesa e História com a indagação “Vocês sabem o que são ‘memes’ disponibilizada pelo Conexão Escola da Prefeitura de Goiânia. Ver em https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/voce-sabe-o-que-sao-memes/. Acesso em: 14/10/2022.

⁷¹ No universo das redes sociais, o termo “viralizar” significa ser visto ou compartilhado por várias pessoas.

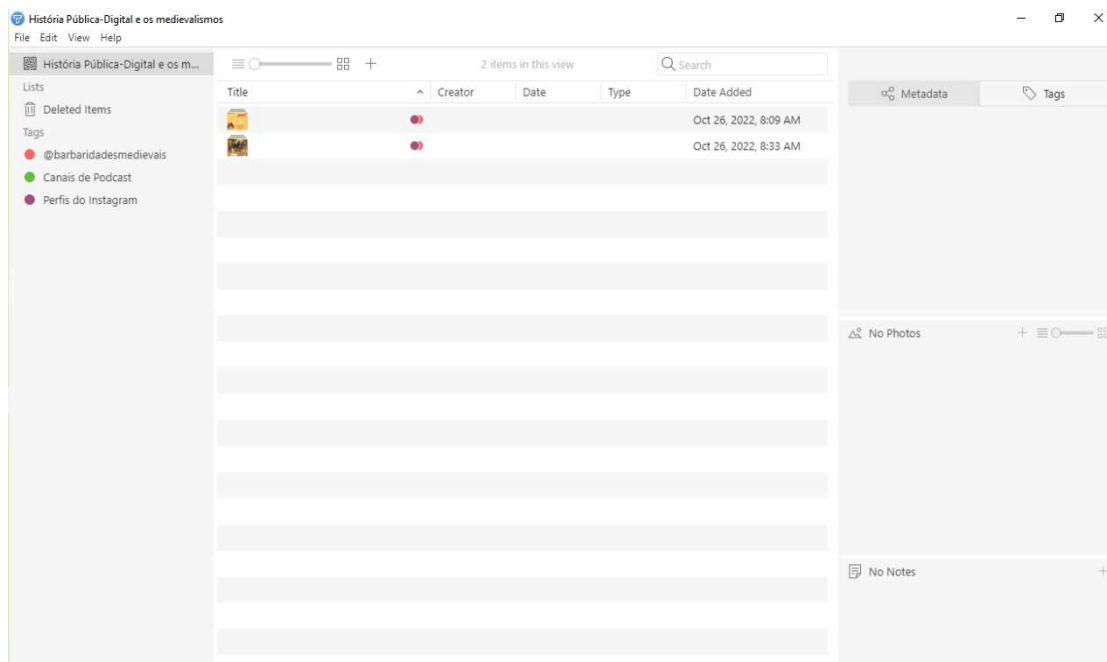
inquietações que dizem respeito mais a realidade brasileira do que propriamente ao universo medieval, como é o caso do *post* “Mev Fvtvro Sr Fevdal est vm Mictor – Meu futuro senhor feudal este é um mito”⁷² do perfil @plebeusociosos, que traz a figura de um plebeu inconformado que afirma a importância de entrar em debates políticos com desconhecidos para expressar e validar sua opinião política.

Após a coleta de dados quantitativos, pretendemos no segundo e terceiro capítulos realizarmos uma pesquisa de cunho qualitativo analisando as publicações dos perfis no universo temporal de Março/2021 a Março/2022. Para alcançarmos este objetivo, utilizaremos como recurso o *aplicativo Tropy*⁷³ (Imagem 1). Através deste aplicativo, conseguiremos catalogar, exercendo o duplo ofício de historiadora e arquivista (digital), analisar e organizar as fontes aqui selecionadas para que elas possam ser acessadas pelos leitores. No final do trabalho, divulgaremos o arquivo em formato PDF com as fontes catalogadas no projeto intitulado de “História Pública-Digital e os medievalismos” através da própria plataforma. No entanto, para não perdermos a materialidade e a espacialidade das mídias digitais aqui selecionadas, no decorrer dos próximos capítulos citaremos passagens, imagens e publicações que serão discutidas para atender aos objetivos e às demandas da pesquisa.

⁷² “Mev Fvtvro Sr Fevdal est vm Mictor”. Memes Nobres Plebevs Ociosos. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CafJxJ3Oukz/?igshid=NDc0ODY0MjQ=>. Acesso em: 14/04/2022.

⁷³ Na palestra transmitida no dia 19/10/2022, através do *Youtube*, intitulada “Fazer história no século XXI: novas escalas e condicionamento digital”, a professora e pesquisadora Anita Lucchesi apresentou aos seus ouvintes os recursos dessa ferramenta para podermos exportarmos e organizarmos nossos dados. Segundo Lucchesi, o aplicativo *Tropy* permite que criemos projetos, incluamos nossos dados e ainda visualizemos os dados da coleção de maneira mais acessível através da opção das *tags* ou *listas* em que podemos separar nossos documentos através das temáticas (e cores) – no nosso caso em específico, dividi em Canais de Podcast (em verde) e Perfis do Instagram (em roxo), posteriormente, ainda irei separar cada uma das fontes dentro do universo dessas mídias digitais. Além do mais, assim que finalizarmos nosso projeto, podemos ainda disponibilizarmos através de um link gerado pela própria plataforma ou até mesmo em formato PDF. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ywzX_OFnaoM. Acesso em: 19/10/2022.

Figura 1 – Aplicativo *Tropy* projeto “Medievalismos nas redes”⁷⁴



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Nesse sentido, para trabalharmos com as mídias digitais necessitaremos de nos tornarmos em um só tempo internauta e arquivista, sem deixar de lado o papel de historiadora. Por isso, no próximo capítulo, iremos discutir o conceito de neomedievalismo e os usos e recursos do *Instagram* como fonte de pesquisa. A discussão se faz necessária para que empreendamos na análise dos perfis selecionados nesta rede social, já que, iremos analisar publicações concernentes a uma *imagem* sobre a Idade Média *sonhada* e construída a partir de elementos lúdicos e fantasiosos, mas que não deixam de ter relação ou conexão com a realidade brasileira.

⁷⁴ O catálogo inicial receberia o nome de “História Pública-Digital e os medievalismos”, entretanto, ao decorrer da pesquisa passou por mudanças e recebeu uma nova titulação, qual seja, “Medievalismos nas redes”.

CAPÍTULO 2: NAVEGANDO PELO NEOMEDIEVALISMO ATRAVÉS DO INSTAGRAM: DEFINIÇÕES, POSSIBILIDADES E TEMÁTICAS

No primeiro capítulo do presente trabalho realizamos discussões em torno dos conceitos que permeiam o ambiente digital e as produções de conhecimento nele compartilhadas, quais sejam, o de História Pública-Digital. Além disso, problematizamos o ofício da comunidade de historiadores frente a este universo, marcado por uma grande quantidade de circulação de informações, produzidas por diferentes sujeitos que possuem o interesse principal de atingir um grande público, sem a preocupação de arquivar ou armazenar o conteúdo.

Em razão do nosso universo ser o digital, delimitamos como objeto de interesse as práticas de neomedievalismo por nossas fontes. Devido a isso, a primeira seção deste capítulo, intitulada de “ ‘Mais medieval do que o medieval’: esmiuçando o neomedievalismo”, foi inspirada na definição construída pelos autores Brent Moderbly e Kevin Moberly, e será destinada a discutir as definições construídas em torno do neomedievalismo. A discussão do conceito no início deste capítulo é de fundamental importância, já que, as fontes e as publicações selecionadas tanto do *Instagram*, quanto do *Spotify* serão analisadas a partir não da perspectiva do medievalismo, ou seja, na retradução de imagens medievais, mas sim na criação de algo “novo”, que entremeia o lúdico ao imaginado no universo das mídias.⁷⁵

Após definirmos um dos elementos principais que comporá a análise de nossas fontes, iremos compreender os recursos, as ferramentas e as limitações impostas por elas. Na segunda seção, intitulada “O *Instagram* como fonte: usos, recursos e concessões sobre a propriedade intelectual”, percorreremos a trajetória de criação e mudanças ocorridas na mídia digital que foi elaborada com o interesse principal na produção de entretenimento com fins mercadológicos. Por isso, precisamos compreender também as permissões e limitações impostas ao navegarmos pelo ambiente desta mídia social, para tanto, analisaremos os termos de uso e serviços. Ainda nesta seção, destacaremos as principais ferramentas de áudio, vídeo, imagem, *gifs* e outros recursos disponibilizados e

⁷⁵ SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020, p. 88.

constantemente atualizados, que contribuem na divulgação das publicações compartilhadas.

Apesar de abordarmos o universo digital, tão próximo do nosso presente e cotidiano, não podemos abandonar os diálogos estabelecidos através das nossas fontes com o passado que, por meio de construções gráficas e elementos figurativos, não parecem estar tão distantes. Por esta razão, as três últimas seções serão dedicadas à exploração das fontes e das temáticas comuns por elas compartilhadas. Como recurso principal de descrição e análise serão utilizadas as ferramentas oferecidas tanto pela mídia digital, quanto pelos recursos de neomedievalismo empregados nas publicações. Além de apresentarmos criadores, interesses e estratégias dos perfis no objetivo de compartilharem e alcançarem os internautas.

Com isso, a terceira seção, “Entre o passado e o presente, as datas comemorativas como elo”, será destinada à apresentação geral das fontes e à análise de datas comemorativas trabalhadas pelos perfis @barbaridadesmedievais, @plebeusocios e @poiemaufpel no universo temporal de Mar/2021 a Mar/2022. Durante a categorização de nossas fontes, encontramos publicações sobre as seguintes datas comemorativas: carnaval (01 março)⁷⁶, dia das mulheres (08 de março), dia dos pais (08 de agosto), dia do sexo (06 de setembro) Halloween (30 de outubro) e finados/dia dos mortos (02 de novembro). O perfil @poiemaufpel se destaca na quantidade de publicações compartilhadas sobre datas comemorativas, com um total de cinco publicações, seguida por @barbaridadesmedievais com três e, por fim, com apenas uma publicação o perfil @plebeusocios.

A seção seguinte, “Um passado imaginado? As produções midiáticas como práticas neomedievais”, será destinada a responder aos passados construídos em diferentes produções, desde filmes e séries, até jogos indicados pelos perfis. Precisamos delimitar quais são as criações midiáticas para atender às demandas do público, e também aquelas que divulgam o conhecimento histórico de maneira lúdica e acessível, sem deixar de lado a cientificidade. No universo de nossas fontes, o perfil @poiemaufpel possui 18 publicações apresentadas de diferentes formas, como na seção “Poema indica” compartilhada em parceria com outros perfis de graduandos, com informações gerais das

⁷⁶ No ano de 2022, devido a pandemia da Covid-19, a data para a comemoração do carnaval passou por mudanças. No ano civil, foi marcada para os dias 28 de fevereiro a 01 de março. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, a festa foi transferida para dos dias 20 de abril a 30 de abril.

produções, seguidas da explicação da produção indicada. O perfil @barbaridadesmedievais também possui uma seção de indicação na forma da personagem/avatar da página, a Muriel. Dentre as publicações encontramos cinco que permeiam o universo de filmes, séries e jogos eletrônicos. Já o perfil @plebeusocios não possui nenhuma publicação sobre a temática.

A quinta e última seção do presente capítulo, intitulada de “Um passado não tão distante: dilemas contemporâneos, elementos neomedievais”, será destinada a analisar como os perfis aqui estudados constroem e criticam problemáticas, principalmente sociais e econômicas, experimentadas pela população brasileira através do uso de elementos neomedievais. Em contraste com as outras temáticas, o perfil @plebeusocios possui 12 publicações divulgadas, utilizando-se de elementos neomedievais, como vassalos, suseranos, reis e feudos, metaforizados para os acontecimentos no contexto brasileiro de 2021-2022. Acompanhado de duas publicações do perfil @poiemaufpel e uma do @barbaridadesmedievais relacionadas aos dilemas locais experimentados pelas instituições acadêmicas e seus sujeitos.⁷⁷

Nesse sentido, buscaremos analisar os elementos que compõe as publicações de nossas fontes e de que maneira se relacionam com práticas da história pública-digital através de construções neomedievais. Por isso, em um primeiro momento, precisamos definir o que será compreendido como neomedieval para as nossas análises, além também de explorar possibilidades, recursos, limitações e problemáticas ofertadas ao utilizarmos o *Instagram* como fonte e subvertermos seu caráter de entretenimento para divulgação de conhecimento, em nosso caso, histórico. Por fim, nos debruçaremos sobre as fontes analisando seus produtores, estratégias, recursos e relação entre as temáticas trabalhadas no universo temporal de Março/2021 a Março/2022.

2.1. “Mais medieval do que o medieval”⁷⁸: esmiuçando o neomedievalismo

Ao assistirmos séries, filmes ou até mesmo observarmos publicações em diferentes redes sociais podemos nos deparar com temas relacionados ao período medieval. Mas, qual forma representativa de medieval estamos lidando? A popular trilogia de *Senhor dos Anéis*, baseada nas obras literárias de John Tolkien, por exemplo, passa-se em um ambiente europeu rodeado de magia e fantasia. Outra produção midiática

⁷⁷ Além das fontes a serem analisadas ao decorrer do capítulo, há também outras publicações que foram previamente selecionadas, mas que terão espaço destinado a catalogação através do aplicativo *Tropy*.

⁷⁸ Expressão cunhada pelos estudiosos Brent Moderbly e Kevin Moberly (2010).

também de grande alcance é a série norte-americana *Game of Thrones*. A disputa pelos tronos é inspirada na literatura de *A song of ice and fire*, e é ornada de conflitos sangrentos e cavaleiros com armaduras resistentes. Observando a multiplicação de produções relacionadas a diferentes imagens construídas em torno do medievo, podemos, em um primeiro momento, acreditar que as pessoas possuem encantamento pela temática. Entretanto, esta conclusão é precipitada.

Para não cairmos na tentação de respostas equivocadas, precisamos definir o que compreendemos como Idade Média. A partir daí, podemos traçar diálogos entre as produções midiáticas e tecnológicas sobre o período. Em sua obra, *Idade média: bárbaros, cristãos e mulçumanos*, Umberto Eco propõe diferentes definições sobre o período de maneira a “contrapelo”, ou seja, inicia a sua reflexão pelo ponto de partida do que não seria a Idade Média. Logo em seguida, estabelece diálogos entre esta proposição e os legados herdados do período. As pontuações levantadas pelo autor e a maneira como são construídas, podem ser justificadas pela consciência do historiador italiano sobre os estereótipos que cercam o período e a busca por elucidar estas construções.

As duas primeiras contestações de Eco, quais sejam, “A Idade Média não é um século” e “A Idade Média não é um período exclusivo da civilização europeia” nos possibilitam traçar diálogos espaço-temporais sobre a definição do autor. Segundo Eco, a Idade Média não é apenas um século, mas sim uma sucessão de séculos, assim como, outros períodos convencionados na história quadripartida.⁷⁹ Por não ser um período de temporalidade restrita, diferentes acontecimentos perpassaram o medieval, inclusive, em diferentes lugares. Assim, a Idade Média não é uma posse restrita dos europeus, uma vez que, chineses e árabes, por exemplo, também experimentaram o período e contribuíram com criações culturais e intelectuais que foram utilizadas durante as grandes navegações. O que não se pode negar, como afirma o pensador italiano, são as raízes cristãs que marcam a formação medieval europeia⁸⁰.

Como a Idade Média não é um período exclusivo aos europeus, nós brasileiros também podemos requisitar o medievo para a nossa espacialidade. Mas de que maneira? De acordo com o historiador medievalista brasileiro, Hilário Franco Júnior, nossa relação com o período se deu desde o contato, arbitrário e invasivo, com a chegada dos

⁷⁹ ECO, Umberto. **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Mulçumanos**. Alfragide: Dom Quixote, 2010, p. 05.

⁸⁰ Ibid. p. 06.

portugueses na costa marítima do país. A bagagem que estes viajantes portugueses carregavam, tanto no sentido físico com os vários artefatos que trouxeram para o país, quanto cultural, reverberou e ainda reverbera no cotidiano dos brasileiros, mesmo que nós nem percebamos.

Buscando tornar sua proposição mais lúdica e acessível, em seu artigo, Júnior propõe analisar o dia-a-dia de uma pessoa comum⁸¹. Desde o momento que esta pessoa comum se levanta da cama e começa a se arrumar para ir ao trabalho, ela está cercada de objetos que tiveram sua origem remota no medievo. Observamos isto, por exemplo, nas diferentes formas de marcação do tempo, como o relógio ou o calendário, ou ainda ao foliarmos um livro temos contato com a invenção medieval que substituiu os rolos romanos, e o próprio papel que compõe a produção herdada dos chineses. Até na hora de nossas refeições ainda utilizamos de práticas medievais através do uso do garfo e da colher, na ação de sentarmos à mesa e não em sofás como na antiguidade. Assim, o historiador medievalista brasileiro acredita que as práticas medievais foram também herdadas e até recriadas pelos brasileiros e estão presentes em nosso cotidiano.

O modo como recriamos as heranças medievais em nosso dia-a-dia pode ser observado nas diferentes formas de reavivamento do período, principalmente através das mídias digitais e tecnológicas. Entretanto, o processo de contato e reprodução de elementos medievais não podem ser analisados e comparados de maneira igualitária e homogênea com a historiografia medieval do século XIX. Por isso, o conceito de medievalismo é definido pela professora inglesa, Leslie Workman, já na década de 1970, como um processo contínuo de criação da Idade Média que se torna insuficiente e não consegue abarcar as demandas midiáticas sobre o período sonhado e cunhado por Eco.⁸² Esta insuficiência pode ser justificada pela complexidade do medievalismo ter se

⁸¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Ecos do Passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Sabin, ano 3, n. 30, p. 58-60. 2008.

⁸² PORTO JUNIOR, João Batista da Silva. AS EXPRESSÕES DO MEDIEVALISMO NO SÉCULO XXI. In: XVIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: HISTÓRIA E PARCERIAS, 18., 2018, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: **História e Parcerias**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2018. Pp. 01-02. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529331940_ARQUIVO_AsExpressoesdoMedievalismoSeculoXXI.pdf. Acesso: 13/02/2023.

transformado de um período histórico para uma temática ou produção artística reproduzida em diferentes suportes, como aponta Louise D’Arcens.⁸³

Como forma de abarcar estas produções emergentes, principalmente a partir do século XXI, a proposta de um novo medievalismo é uma alternativa de análise frente às demandas midiáticas emergentes. O conceito de neomedievalismo surge com o historiador italiano Umberto Eco, na segunda metade do século XX, em sua obra *Travel in hyperreality* (1986), ao pontuar os interesses reavivados sobre o medievo que ultrapassam os mares da Europa e das Américas e oscila entre o fanático e uma responsável análise filológica.⁸⁴ Ou seja, o neomedievalismo pode ser utilizado como uma ferramenta de análise, desde que tenhamos o cuidado com observações fantasiosas e realizemos uma operação historiográfica consciente.

A historiadora da arte, Beatriz Santos, propõe uma definição sobre o neomedievalismo que dialoga com o historiador italiano. Em sua dissertação, no segundo capítulo, intitulado de “Tudo aquilo que não é medievalista: neomedievalismo”, Santos percorre uma trajetória sobre os usos e definições construídas em torno do conceito de neomedievalismo que coaduna com a proposta de um novo medievalismo, diferente daquele experimentado no século XIX. De acordo com a *Medieval Electronic Multimedia Organization* (MEMO)⁸⁵, uma organização mundial que propõe o estudo ou a criação de produções midiáticas relacionadas ao digital e a outros medievalismos eletrônicos, o neomedievalismo transita entre realidade e ilusão, e quando a segunda expressão se manifesta emerge também uma sensação de controle. Além do mais, podem ser também realidades alternativas utilizadas como forma de escape e negação da realidade vivida.

⁸³ D’ARCENS, Louise. *Introduction: Medievalism, scope and complexity..* In: (Ed.) D’ARCENS, Louise. **The Cambridge Companion to Medievalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 2 *apud* SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020, p. 58. Orientação: Prof. Dra. Flavia Galli Tatsch.

⁸⁴ ECO, Umberto. *Travels in Hyperreality*. New York: Harvest, 1986, p. 64 *apud* PORTO JUNIOR, João Batista da Silva. AS EXPRESSÕES DO MEDIEVALISMO NO SÉCULO XXI. In: XVIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: HISTÓRIA E PARCERIAS, 18., 2018, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. Rio de Janeiro: Anpuh, 2018. p. 02. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529331940_ARQUIVO_AsExpressoesdoMedievalismoSeculoXXI.pdf. Acesso em: 01/12/2023.

⁸⁵ A organização foi fundada em 2002, durante o Congresso Internacional de Estudos Medievais, e são representados pelo personagem Neo que pode ser definido como a materialização do conceito que envolve ações de assistir filmes e séries sobre o universo medieval, até uma segunda vida no ciberespaço. Ver em: About Medieval Electronic Multimedia Organization (MEMO). Disponível em: http://medievalelectronicmultimedia.org/?page_id=39. Acesso em 13/02/2023.

Envolve narrativas “medievais” contemporâneas que pretendem fundir (ou mesmo substituir) a realidade tanto quanto possível. Não há mais um senso de futilidade e, portanto, é mais lúdico e em maior negação da realidade. O neomedievalismo envolve realidades alternativas da Idade Média, gerando a ilusão na qual se pode escapar ou mesmo interagir e controlar – seja por meio de um filme ou de um videogame. Histórias já fragmentadas são propostas como ainda mais fragmentadas, destruídas e reconstruídas para atender a fantasias caprichosas, particularmente em videogames, onde a ilusão de controle é mais completa. (Tradução nossa)⁸⁶

As realidades imaginadas, como propõe os organizadores da MEMO, ganharam espaço com o avanço das diferentes mídias tecnológicas e digitais. Como consequência deste movimento temos, de acordo com Santos, a utilização do conceito em estudos culturais, no século XXI, e a comercialização de algo novo e atrativo. Por isso, como critica a autora inspirada nas reflexões de Pam Clements, Brent Moderbly e Kevin Moberly, o neomedieval não é uma ferramenta de crítica e idealização, mas sim uma recriação histórica que transita entre o elemento lúdico e o absurdo midiático.⁸⁷ Assim, o neomedievalismo constrói novas imagens sobre o universo medieval de maneira diluída e livre.

[...] o neomedievalismo não busca pelo simulacro tampouco pela relação direta entre retradução e o medievo; seu foco é a imagem já diluída, percepções sobre percepções que não conectam o espectador à narrativa histórica já que a mesma não existe para suas determinadas imagens. Além disso, vale lembrar que de acordo com o demonstrado, tanto a imagem quanto a cultura medieval são utilizadas de maneira livre e horizontalizada pelo neomedievalismo, a fim de que haja a construção de um universo “novo”, que não se pareça com nenhuma evidência artística ou cultural hoje presente.⁸⁸

De acordo com Lukas Grzybowski e Nadia Altschul, em seu artigo intitulado de “Em Busca dos Dragões: a Idade Média no Brasil”, o nosso país é um terreno fértil para que se desenvolva a perspectiva de neomedievalismo encontrada nos estudos acadêmicos ingleses. Na academia anglófona, ainda, segundo os autores, o medievalismo por muito tempo permaneceu como uma Idade Média intacta sem interferências contemporâneas, entretanto, a tendência neomedievalista tem ganhado espaço. Mesmo assim, as diferenças entre o medievalismo e neomedievalismo permanecem, na medida em que, o primeiro dialogaria com a Idade Média cronológica acompanhada de seus elementos históricos,

⁸⁶ Definition Neomedievalism, About Medieval Electronic Multimedia Organization (MEMO). Disponível em: http://medievalectronicmultimedia.org/?page_id=39. Acesso em 13/02/2023.

⁸⁷ SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020, p. 88.

⁸⁸ Ibid. p. 91.

enquanto o segundo está desconectado destes elementos e produz um novo “sentimento” sobre o período.⁸⁹

Levando em consideração os diálogos possíveis entre a proposta neomedievalista inglesa e os estudos brasileiros, coadunamos da perspectiva de Grzybowski e Altschul que defendem o conceito de neomedievalismo como “mais preciso e adequado para examinar as invenções e os reaproveitamentos de elementos daquilo que em nossos próprios espaços e trajetórias têm sido associados ao “medieval”. ”⁹⁰ Ao examinarmos as invenções relacionadas ao “medieval brasileiro”, precisamos levar em consideração o contexto das produções concernentes ao universo de nossas fontes. Entre os anos de 2021 e 2022, estávamos enfrentando uma grave crise sanitária e de saúde provocadas pela pandemia da Covid-19. Para evitar a disseminação da doença, foram necessárias mudanças estruturais de instituições e até mesmo de convivência social, por isso, muitas das interações presenciais foram substituídas por encontros remotos em plataformas digitais e nas redes sociais.

Nesse ambiente real, conturbado e trágico, a realidade virtual ganhou mais espaço.⁹¹ E com ela, publicações fantasiosas e sonhadas serviram de atração e acalento para os usuários perturbados e aflitos por diferentes sensações provocadas por este momento histórico, que podem ter variado de medo, ansiedade, inquietude e até mesmo imprevisibilidade, tão latentes se comparadas a outras circunstâncias. É importante pontuar que apesar dos elementos fantasiosos, a população brasileira não estava alheia aos acontecimentos ao seu redor, mas buscava novas formas de apreendê-los. Assim, publicações relacionadas ao neomedievalismo devem ser associadas à nossa trajetória de vivências e experiências durante a pandemia da Covid-19. No contexto brasileiro, em que, muitas das instituições acadêmicas e sujeitos ligados a ela, principalmente, no que diz respeito a temática medieval, divulgaram seus trabalhos e seu conhecimento histórico através das mídias digitais.

⁸⁹ GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; ALTSCHUL, Nadia R. Em Busca dos Dragões: a Idade Média no Brasil. *Antíteses*, 13(26), p. 29. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>. Acesso em: 13/02/2023.

⁹⁰ *Ibid.* p. 31.

⁹¹ Em uma pesquisa quantitativa realizada pelo Cupom Válido, em 2021, o Brasil era o terceiro país do mundo que mais utilizava redes sociais, com destaque para a faixa etária de adolescentes e jovens entre 16 a 24 anos. No topo da hierarquia das redes sociais mais acessadas está o Youtube com 96,4%, seguido do Whatsapp (91,7%), Facebook (89,8%) e Instagram com 86,3%. Ver em: BERTICELLI, Caroline. O uso das redes sociais no Brasil e as mudanças durante a pandemia. Disponível em: <https://ninho.digital/uso-das-redes-sociais/>. Acesso em: 13/02/2023.

Nesse sentido, o neomedievalismo é mais medieval que o próprio medievo, na medida em que, estabelece conexões com trajetórias próprias aos seus sujeitos dialogando diretamente com as experiências do tempo presente, e não com as vivências de séculos anteriores ao nosso. Por isso, caso a comunidade historiadora não ocupe o espaço digital, promovendo a mescla do campo de estudo com as demandas dos internautas, tende a oportunizar que discursos não científicos e com interesses de entretenimento, ganhem força. Este novo ambiente pode ser ocupado através da prática, como já citado o fenômeno de tornar-se internauta, ou também a partir da operação histórica quando temos como objeto de interesse e estudo as mídias digitais, observando e questionando de que maneira o conhecimento histórico tem sido compartilhado e até apropriado, além também, dos diálogos estabelecidos com questões contemporâneas, no caso do neomedievalismo, através da retomada de elementos medievais.

2.2. O *Instagram* como fonte: usos, recursos e concessões sobre a propriedade intelectual

O *Instagram* é uma rede social que possibilita o compartilhamento de publicações através de vídeos, imagens, textos, áudios ou até os quatro recursos ao mesmo tempo. De acordo com a historiadora da educação Daniela Machado, o *Insta*, como é popularmente chamado, surgiu no ciberespaço no ano de 2010, nos Estados Unidos da América, através dos engenheiros de *software* Kevin Systrom e Mike Krieger. Em um primeiro momento, foi disponibilizado para aparelhos da *Apple*, e, apenas no ano de 2012, quando foi vendido para o *Facebook* por US\$ 1 bilhão de dólares, ampliou seu alcance para as versões do *Android*.⁹²

Recentemente, a partir de 04 de janeiro de 2022, ele passou a compor a companhia “Meta Platforms, Inc.”, acompanhado também por outra rede social cujo presidente-executivo é o Mark Zuckerberg, o *Facebook*. A mudança se deu pelas intenções de investimento, além também de interesses dos fundadores e dos co-fundadores da rede, em um novo universo, conhecido como “Metaverso”. De acordo com a palestrante Simone Machado, no Canal Tilt da Uol, esse novo universo pode ser definido como uma mescla da realidade com o ambiente virtual. Ao invés de pessoas, teríamos “avatares” (ou melhor

⁹² MORAES, Daniela Martins de Menezes. “Aprendizagem histórica digital e a rede social Instagram: uma proposta para professores de história. In: **Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018, p. 90. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33666>. Acesso em: 15/02/2023.

dizendo, personagens) que representariam os seres humanos de maneira caricatural os quais realizam ações de conversar, trabalhar e ter uma “vida social” no universo digital.⁹³

Diante desta proposta futurista, podemos nos perguntar quais as possibilidades de acesso e qual o público contemplado num país como o Brasil marcado, ainda no século XXI, por uma extrema desigualdade social. Ou então, o projeto futurista teria realmente este objetivo, de afastar ainda mais os já marginalizados na sociedade, só que agora no ambiente virtual? Perguntas como estas não poderão ser por nós aqui respondidas, até porque é um projeto e pressupõe a ideia de uma realização (se é que ela vá acontecer) futura, mas não podemos deixar de questionar suas pretensões.

Para encontrarmos informações sobre a mudança da organização da rede social, buscamos na seção “Central de Ajuda”, mais especificamente no tópico “Termos de Uso”, a mensagem de boas-vindas acompanhada não só dessa mudança, como também de informações sobre a Política de Dados da Rede que serão aqui, inclusive, objetos de análise e o destaque para o alerta inicial do termo “Os Termos de Serviço da Meta não se aplicam a esse serviço”⁹⁴. Ou seja, quando nos tornamos internautas, até como pesquisadora, nos dispomos a aceitar as condições da plataforma (partindo do pressuposto de que lemos cada um dos itens pontuados) para podermos viver e experimentar a realidade virtual da rede social *Instagram*. Ao acessarmos a página oficial da nova empresa que gerencia esta rede, encontramos em destaque a missão da qual os ansiosos pela criação do metaverso desejam: “Dando às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo”⁹⁵.

Analisemos, então, mais uma proposta ousada dos (bilionários) desejosos de construir uma realidade virtual. A conjugação do verbo “dar” nos instiga a uma continuidade, como se o processo de virtualização começou, mas ainda está assim: um projeto que está sendo executado e não há ainda previsão de finalizar o oferecimento de “poder às pessoas”. Assim, quem aceita viver ou experimentar deste ambiente, experimentaria também o poder de “construir comunidades”, ou seja, de se aproximar virtualmente daqueles que se assemelham em costumes, gostos e desejos através das

⁹³ MACHADO, Simone. “Metaverso: como participar do ‘futuro da tecnologia’? Saiba tudo”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/faq/metaverso-o-que-e-como-entrar-e-mais.htm>. Acesso em: 13/10/2022.

⁹⁴ Termos de uso e impressão do Instagram. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/instagram/581066165581870>. Acesso em: 13/10/2022.

⁹⁵ Seção “Sobre nós (Meta)”. Disponível em: <https://about.meta.com/company-info/>. Acesso em: 13/10/2022.

mídias sociais, e ao mesmo tempo do mundo, já que uma publicação compartilhada por um perfil construído no Triângulo Mineiro, como é o caso do perfil @barbaridadesmedievais, poderá ser acessado a qualquer momento e em qualquer lugar, inclusive no exterior, desde que a pessoa integre o ambiente virtual.

Ao lermos a seção instrutiva dos “Termos de Uso e Impressão” disponibilizados aos usuários do *Instagram*, nos deparamos com uma série de normativas que regem e buscam organizar a rede social. O caráter econômico da rede é expresso diretamente em sua missão, qual seja, a de “fortalecer os seus relacionamentos com as pessoas e com as coisas que você adora”. Por isso, oferecem diferentes formas de criação, compartilhamento e conexões de acordo com os nossos dados pessoais.⁹⁶ Assim, os internautas da rede tendem a ter contato apenas com aqueles conteúdos que lhes são agradáveis, criando, então, uma espécie de bolha virtual, inclusive, no que diz respeito, ao consumo de produtos, uma vez que, apesar da plataforma ser gratuita, como forma de manutenção, ela se utiliza dos nossos interesses e das nossas atividades são utilizados com fins de publicidade.

Ao oferecer propostas e ferramentas mercadológicas, em contrapartida, a rede social demanda de seus usuários compromissos que são aceitos ao ingressarem neste ambiente. O primeiro deles consideramos relativamente vulnerável, já que, demanda dos internautas as seguintes exigências: 1. Terem acima de 13 anos ou serem acompanhados pelos pais ou responsáveis; 2. Não terem histórico de contas desativadas por infringir as normativas da plataforma e 3. Não ter cometido nenhum crime sexual. Já o outro tópico, dos compromissos virtuais firmados estabelece medidas de como não podemos usar a rede social, e para o presente trabalho, nos interessa, prioritariamente, as seguranças e os direitos reservados à propriedade intelectual.

[...] Não reivindicamos a propriedade do seu conteúdo que você publica no Serviço ou por meio dele. Além disso, você tem liberdade para compartilhar seu conteúdo com qualquer outra pessoa, onde quiser. Contudo, requeremos que você nos conceda determinadas permissões legais (conhecidas como “licença”) para fornecermos o Serviço. Quando compartilha, publica ou carrega conteúdo protegido por direitos de propriedade intelectual (como fotos ou vídeos) em nosso Serviço ou em conexão com ele, você nos concede uma licença não exclusiva, gratuita,

⁹⁶ Ao lermos a Política de Dados oferecida pela plataforma, encontramos na seção “Por que e como processamos suas informações”, as diferentes categorias de informações utilizadas para traçarem os perfis de interesses dos internautas, são elas: o conteúdo criado ou disponibilizado na câmera; conteúdos visualizados; aplicativos e recursos utilizados; compras ou outras transações; hashtags utilizadas e até mesmo o tempo e a frequência das atividades nos produtos deles. Ver em: Política de Privacidade. Disponível em: <https://privacycenter.instagram.com/policy/>. Acesso em: 15/02/2023.

transferível, sublicenciável e válida mundialmente para hospedar, usar, distribuir, modificar, veicular, copiar, exibir ou executar publicamente, traduzir e criar trabalhos derivados de seu conteúdo (de modo consistente com suas configurações de privacidade e do aplicativo). Esta licença se encerrará quando seu conteúdo for excluído de nossos sistemas. Você pode excluir o conteúdo individualmente ou todo o conteúdo de uma vez excluindo sua conta.⁹⁷ (grifo nosso)

De acordo com as normativas da rede social, no que diz respeito à propriedade intelectual, os internautas têm liberdade de publicação do conteúdo e até mesmo compartilhamento por outros usuários. Entretanto, em contrapartida, a propriedade intelectual é compartilhada de maneira gratuita e transferível com a plataforma, o que permite uma série de operações sobre o que é compartilhado, como hospedagem, uso, distribuição ou até mesmo cópia. Então, quando nossas fontes se dispõem a utilizar o *Instagram* como uma plataforma de divulgação e compartilhamento do conhecimento histórico, elas fazem uma subversão de uma rede social que foi criada, prioritariamente, com interesses econômicos e mercadológicos, mas, ao mesmo tempo, ficam suscetíveis aos diferentes usos e apropriações do conteúdo postado. O fim da licença, como pontuado nos termos de uso, se dará apenas por demandas judiciais, ou quando a publicação for excluída de circulação.

Apesar destes impasses de ordem normativa, o *Instagram* ainda é uma plataforma que pode contribuir com a expansão do conhecimento para diferentes públicos, principalmente, por oferecer vários recursos, inclusive visuais, que são atrativos para os internautas. Ao analisar os possíveis usos das redes sociais, em especial o *Instagram*, no ambiente escolar e na aplicabilidade do conceito Aprendizagem Histórica Digital, a pesquisadora Daniela Machado, mestre pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Pernambuco (PROFHISTÓRIA/UFPE), em seu quarto capítulo intitulado “Aprendizagem histórica digital e a rede social instagram: uma proposta para professores de história”⁹⁸, definiu dez recursos disponíveis pela rede social *Instagram*. Desde a pesquisa da historiadora até o ano de 2022, a rede social passou por atualizações e acrescentou mais uma ferramenta, o *reels*. O acréscimo

⁹⁷ Termos de uso e impressão do Instagram. “Seus compromissos”. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/instagram/581066165581870>. Acesso em: 13/10/2022.

⁹⁸ MORAES, Daniela Martins de Menezes. “Capítulo IV: Aprendizagem histórica digital e a rede social instagram: uma proposta para professores de história. In: **Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33666>. Acesso em: 10/10/2022.

foi uma resposta à concorrência de uma nova mídia em ascensão e (querida) entre jovens e adolescentes (de 16 a 24 anos), qual seja, o *TikTok*⁹⁹.

Diferentemente do *Instagram*, o *TikTok* apesar de ser também uma mídia social que possibilita a comunicação entre seus usuários, nele a comunicação é feita através dos comentários e compartilhamentos dos vídeos rápidos que duram entre segundos a poucos minutos. A demanda por vídeos curtos e rápidos advém da sociedade digital que busca a maior quantidade de informação em um curto período de tempo, inclusive, essa aceleração vem se tornando alvo de preocupação entre pais, professores e até médicos que alertam sobre os perigos do uso constante que traz um estado de alerta e raciocínio. Na reportagem “Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional”, a jornalista Kaynã de Oliveira coletou dados sobre um estudo realizado na Inglaterra em 2017 e intitulado de “Instagram é o pior para a saúde mental dos jovens” que constatou problemas de saúde entre os usuários, como ansiedade, depressão, solidão, dificuldade de relacionamento fora das redes, entre outros. Além do mais, Oliveira também entrevistou a professora Henriette Morato, do Instituto de Psicologia da USP, que constatou o uso das redes sociais como uma forma dos usuários criarem uma realidade ficcional.¹⁰⁰

Os *reels* seriam então uma resposta a nova rede social em ascensão, por isso, possui funcionalidades semelhantes a rede social “vizinha”. Mas, também há diferenças que precisam ser pontuadas. Como forma de facilitar a visualização dos principais recursos desta mídia social, classificamo-los em formato (vídeo, texto, áudio, música, entre outros) e definição.

⁹⁹ Durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020, as mídias sociais receberam um turbilhão de internautas, além dos que já faziam parte do universo virtual. O momento de isolamento foi oportuno para que o *TikTok* conquistasse uma infinidade de seguidores, chegando a marca de 1 bilhão de navegantes. Assim como o *Instagram*, o *TikTok* é uma rede social e também um aplicativo, entretanto, diferentemente do primeiro, ele possibilita o compartilhamento e postagem de **vídeos curtos** (grifo nosso) acompanhados de música, dança e legendas. Além do mais, a plataforma inseriu recursos de filtros, frases e efeitos nas postagens que, inclusive, também foram acrescentados pelo o *Instagram*. Concorrência e originalidade entram em debate quando o assunto é não ser substituído por uma inovação que ascende com rapidez e diversidade. Ver mais em: LOPES, Kawan. “O que é TikTok? Saiba como funciona o aplicativo de vídeos”. Disponível em: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-tiktok/#:~:text=TikTok%20%C3%A9%20um%20aplicativo%20de,dan%C3%A7a%2C%20dublagem%20e%20muito%20mais>. Acesso em: 13/10/2022.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Kaynã de. “Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>. Acesso em: 13/10/2022.

Quadro 1 - Ferramentas do Instagram

Recurso	Formato	Definição
Edição de imagem	Imagem ou vídeo	Utilização de filtros e possibilidade de edição de elementos visuais, como contraste, brilho, temperatura, saturação, sombra e entre outros recursos
Curtida	Símbolo de coração	Forma de medir o alcance e a visualização da publicação
Comentário	Símbolo de balão	Podem ser escritos logo abaixo da publicação e da legenda (caso houver). São também uma forma de compreender o alcance e o retorno de quem visualizou a publicação.
Repost	Símbolo de um avião de papel	Forma de envio da publicação vista para outros perfis e até compartilhamento nos <i>stories</i> .
Salvar	Símbolo de lembrete	Forma de “guardar” a publicação para ser consultada ou revisitada em outro momento.
Seguindo	Quantidade numérica apresentada na parte superior do perfil	Espaço em que são listados os perfis, sejam de pessoas, empresas ou outras formas, seguidos pelo usuário.
Explorar	Símbolo de lupa	Na seção explorar, o usuário tem a opção de pesquisar outras contas, áudios, <i>tags</i> e até locais, além também de ter acesso a publicações dentro de seu universo de interesse
Marcação em fotos	Forma de balão	Possibilidade de marcar uma ou várias pessoas, e também ser marcado. O usuário pode ainda escolher se deseja ou não ter seu perfil no formato (@nomedousuário) marcado, ou não
Mensagens diretas ou “directs”	Símbolo de mensagens instantâneas do <i>Facebook</i> (na lateral direita do <i>feed</i>)	São conversas instantâneas que podem ser individuais ou em grupo. Os usuários ainda podem fazer ligações de vídeo/áudio, enviar fotos ou até mesmo publicações. Recentemente, foi incluída a seção “Deixar uma nota” que consiste, basicamente, em expressões curtas que podem ser vistas pelos seguidores no período de 24 horas, eles também podem responder sua nota com uma mensagem direta
Localização	Rua, bairro, cidade, estado ou algum lugar em específico	Ao fazer uma publicação, é possível o usuário incluir a localização. Com isso, os outros usuários podem ter acesso onde a foto/publicação foi feita, além também de mapear, até para perfis externos, de quais perfis visitaram aquele local
Stories	Imagem, vídeo, música, texto, filtros, localização, perguntas, enquete, <i>gifs</i> , <i>emojis</i> , testes, <i>links</i> , <i>hashtag</i> , data, hora, temperatura, entre outros elementos.	É o espaço mais interativo dentro da rede social, além de possibilitar edições e inclusões de diversos elementos. Possuem caráter temporário, de no máximo 24 horas.
IGTV	Vídeos longos	Versão ampliada dos <i>stories</i> que permite a publicação de vídeos mais extensos.
Reels	Vídeos curtos	É uma versão reduzida do IGTV, e possui o caráter de agilidade com informações objetivas. Utiliza também de recursos audiovisuais para alcançar um número maior de usuários. Foi uma resposta a concorrência de outra rede social em ascensão, o <i>TikTok</i> .

Fonte: Levantamento da pesquisadora Daniela Machado (PROFHISTÓRIA/UFPE) - Adaptado

Apesar da infinidade de recursos, os *stories* continuam sendo utilizados pelos usuários, já que, atendem às demandas de seguidores e seguidos, entretanto, o alcance dos *reels*, inclusive com a internacionalização, ultrapassa os limites da pequena divulgação e consegue ser acessado e visualizado com uma rapidez que dependerá do *algoritmo* do usuário, ou seja, das preferências e interesses de conteúdos e temáticas que, como já dissemos anteriormente, são coletados pela própria plataforma. Talvez, daqui algum tempo, na infinidade de possibilidades da imprevisibilidade da História, poderá surgir outra rede social que abalará a forte estrutura digital construída pelo *Instagram* que será ou por ele (no caso a Meta Plataformas) comprada; ou copiada como aconteceu com os recursos do *TikTok*; ou até mesmo substituído.

Nesse sentido, o *Instagram* pode ser um aliado no compartilhamento do conhecimento histórico para um público mais amplo e que navega pelos caminhos digitais. Apesar de não ter sido criado com este fim, nossas fontes, tanto os perfis *@barbaridadesmedievais* e *@poiemaufpel* produzidos pela academia e seus sujeitos, quanto o *@plebeusocios*, hospedam conteúdos suscetíveis a diferentes usos e licenças estabelecidas pela plataforma. Além do mais, as publicações não dizem respeito a uma realidade futurista, estranha ou distante dos internautas, como propõe o metaverso, mas sim uma realidade transposta de maneira lúdica e acessível que também não deixa de ser crítica, através de elementos neomedievais a serem analisados nas seções seguintes.

2.3. Entre o presente e o passado, as datas comemorativas como elo

A cada ano civil, as datas comemorativas e os feriados nacionais integram a vida cotidiana dos brasileiros. Algumas, como é o caso do dia das mulheres e finados, possuem marcação fixa, respectivamente, dia 08 de março e 02 de novembro. Outras, no entanto, tendem a variar conforme tradições e normativas próprias da sociedade, como é o caso do carnaval que varia entre os meses de fevereiro a março, e os dias dos pais e das mães, respectivamente, no segundo domingo do mês de agosto e do mês de maio. Além destas datas, outras também começaram a integrar, mesmo que não materialmente o calendário nacional de datas festivas, principalmente através de vendas comerciais, passando a compor o cotidiano dos brasileiros, como é o caso do Halloween.

As variações e as marcações temporais através dos calendários não são aleatórias e estão relacionadas com diferentes aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade

onde estão inseridas, e, se integrarão às festividades coletivas ou individuais. De acordo com a pesquisadora Karen Lisboa, inspirada no autor francês Pierre Nora, as datas comemorativas possuem relação direta com a preservação da memória e foram remodeladas pelas sociedades contemporâneas laicizadas que tomaram o lugar das comemorações da cristandade.¹⁰¹ Não podemos nos esquecer, entretanto, que muitos dos feriados, principalmente locais e regionais, ainda são influenciados por tradições cristãs, como é o caso da Sexta-feira da Paixão e de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro).

Além das comemorações oficiais estabelecidas no ano civil, nossas fontes buscam trabalhar com elas estabelecendo laços de proximidade com seus diversos públicos, entretanto, inovam nos aspectos neomedievais. Ou seja, estabelecem diálogos entre a História e a memória, a partir do momento em que, trazem representações do passado associadas à vida e às mudanças permanentes das pessoas e da própria sociedade.¹⁰² A inovação dos elementos neomedievais pode ser percebida, por exemplo, nos perfis @barbaridadesmedievais e @poiemaufpel ao abordarem o dia Internacional das Mulheres (08/03) relacionando a comemoração contemporânea com o período medieval, ao buscar construir figuras femininas não de submissão, mas sim de participação e resistência em um mundo europeu dominado pelos homens, e trazendo para a perspectiva da sociedade brasileira, na qual, ainda persistem falas desrespeitosas, como “Lugar de mulher é na cozinha!”.

O dia Internacional das Mulheres é uma data festiva que marca a busca das mulheres por direitos igualitários em diferentes partes do mundo. As primeiras manifestações para a conquista de direitos, principalmente trabalhistas, iniciaram-se entre os séculos XIX e XX nos contextos fabris, caracterizados, segundo Eva Blay, por longas e exaustivas horas de trabalho de maneira precária. Hoje, o dia 08 de março no calendário corresponde ao dia 23 de fevereiro de 1917, quando operárias russas do setor de tecelagem entraram em greve. Anos depois, na década de 1960, ainda segundo Blay, a data foi sendo constantemente relacionada a luta feminina e, em 1975, foi reconhecida oficialmente pela Organização das Nações Unidas. No Brasil, o movimento feminino ganhou força no

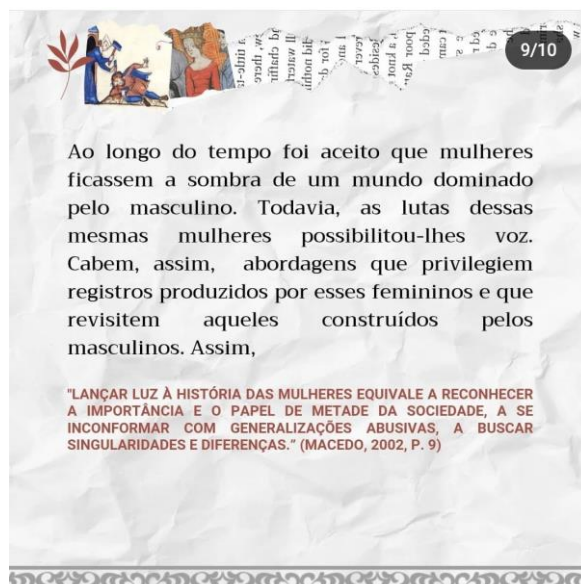
¹⁰¹ LISBOA, Karen Macknow. Comemorações, memória, história e identidade. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., and BIONDI, L. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre história e memória* [online]. São Paulo: Unifesp, 2008. pp. 35-36. ISBN: 978-85-61673-83-3. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hnbsg/pdf/nemi-9788561673833-06.pdf>. Acesso em: 27/02/2023.

¹⁰² *Ibid.* p. 37.

período da ditadura e se tornou uma forma de luta, que buscava a retomada da democracia e a denúncia sobre os abusos dos militares.¹⁰³

Assim sendo, a data de 08 de março é caracterizada por seu histórico de luta, em diferentes regiões do mundo, e ainda é relembada e comemorada como uma forma de resistência e expressão política feminina. Além da marcação cronológica, o dia Internacional da Mulher é utilizado pelo perfil @poiemaufpel para reafirmar a necessidade de respeito pela comunidade feminina e pelos diferentes espaços ocupados pelas mulheres, principalmente, em ambientes que por muito tempo foram restritos aos homens, como é o caso das ciências. Para tanto, o perfil durante a data comemorativa no ano de 2022 (Figura 2) destinou o espaço para a voz feminina de duas pesquisadoras que integram o Polo de Estudos, identificadas na publicação como Fran e Gabi.

Figura 2 – Iluminando a História das Mulheres



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹⁰⁴

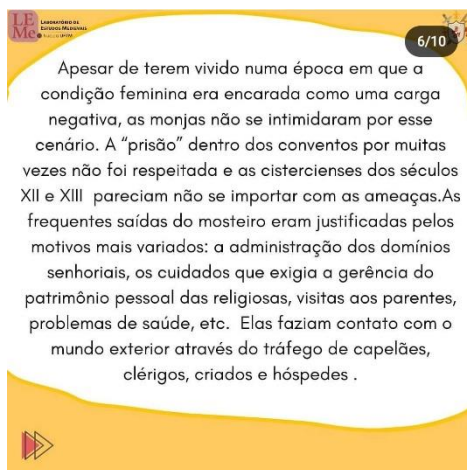
Além de reivindicar o espaço feminino em registros que foram privilegiados e construídos pelo público masculino, nossas fontes também apresentam um universo medieval subversivo construído pelas mulheres. Na publicação especial apresentada pelo avatar da página @barbaridadesmedievais sobre “Ser mulher na Idade Média”, a

¹⁰³ BLAY, Eva Alterman. “8 DE MARÇO: Conquistas e Controvérsias”. *Estudos feministas*: Florianópolis, n. 09, v. 02, pp. 602; 605-607, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zSfcjFQPyGjGDwpR53pQcxc/?lang=pt>. Acesso em: 27/02/2023.

¹⁰⁴ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. *Iluminando a História das Mulheres*. 08 mar. 2022. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2Nw2sq3xF/?igshid=ODhhZWM5NmlwOQ==>. Acesso em: 05/12/2023.

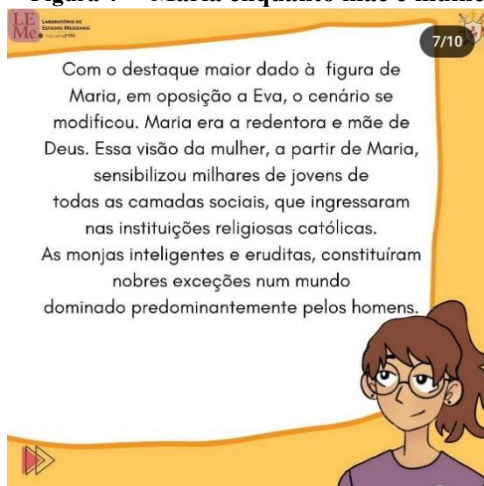
personagem Muriel explica aos internautas o contexto da sociedade medieval. Apesar de estar concentrada no eixo eurocêntrico e patriarcal, dominado pela visão negativa da Igreja Católica Medieval sobre a primeira mulher Eva e disseminada pelos homens (Figura 4), as monjas não se intimidaram com este cenário político e religioso e estabeleceram contato com o mundo exterior aos conventos, por isso, se constituindo como figuras de inteligência e erudição (Figura 3).

Figura 3 – Papéis desempenhados pelas cistercienses



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹⁰⁵

Figura 4 – Maria enquanto mãe e mulher



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹⁰⁶

¹⁰⁵ BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Papéis desempenhados pelas cistercienses**. 08 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMLJDR5seio/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

¹⁰⁶ BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Maria enquanto mãe e mulher**. 08 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMLJDR5seio/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

Enquanto as mulheres reivindicam e conquistam o espaço na ciência, inclusive na prática da História Pública através das mídias sociais, os homens, no ciberespaço de nossas fontes, têm o protagonismo da figura social de pai reforçado e lembrado pela data comemorativa dos dias dos pais. Como dito anteriormente, o dia dos pais não possui uma data fixa, mas é estabelecido como o segundo domingo do mês de agosto. No ano de 2021, foi comemorado em 08 de agosto, e o perfil @plebeusociosos escolheu celebrar a data e renomear como “Dia dos Patriarcas” (Figura 5).

Figura 5– Dia dos Patriarcas



Fonte: Perfil do *Instagram* @plebeusociosos¹⁰⁷

O perfil @plebeusociosos constrói suas publicações utilizando de sujeitos relacionados ao mundo medieval, principalmente ao sistema feudal. Por isso, encontramos como protagonistas das publicações suseranos, vassalos, camponeses e até reis que são comparados a diferentes camadas sociais do Brasil contemporâneo, identificado como “Reino de Brasilis”. Além dos personagens, o perfil do *Instagram* também compila elementos do período medieval como a disseminação da peste bubônica na Europa medieval com a pandemia da Covid-19, que afetou os seres humanos em escala mundial. Diferentemente do post sobre o dia Internacional das Mulheres, a publicação sobre o dia dos pais possui destaque para os elementos figurativos, como o personagem de suserano acompanhado de seu filho. As felicitações são acompanhadas também de

¹⁰⁷ MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Dia dos patriarcas**. 08 ago. 2021. *Instagram*: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSUYU-uLKZU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

elementos textuais que reforçam as ações de proteção dos pais com os filhos. Podemos perceber, por exemplo, na atitude de “pegar a peste duas vezes para que você (o filho) não pegasse”, reconhecendo inclusive o alto risco de infecção da Covid-19 ao afirmar que “(os dois) irão pegar ainda assim”.

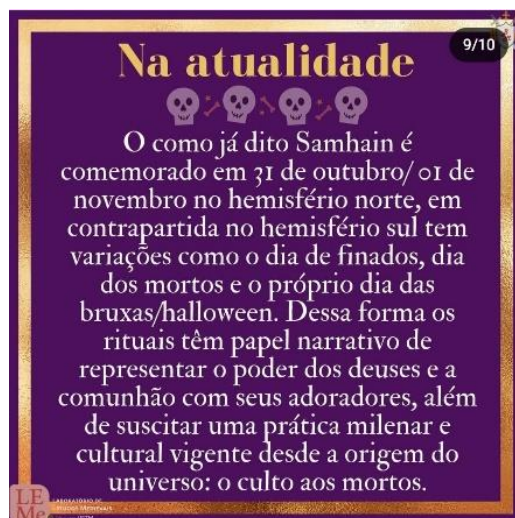
Outra data comemorativa que aproxima nossas fontes dos internautas é o dia de finados. Celebrado em 02 de novembro, a data foi reconhecida oficialmente como feriado nacional em 19 de dezembro de 2002, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. No que tange ao universo dos anos de 2021-2022, o tema da morte se tornou ainda mais sensível. Por ser uma doença de causa, tratamento e cura ainda desconhecidos, muitas pessoas foram impossibilitadas de velarem seus entes queridos. A população brasileira teve de alterar práticas funerárias como forma de evitar a disseminação e contaminação pelo vírus da Covid-19, no ano de 2020. A pandemia da Covid-19 não foi a primeira vez que os seres humanos adotaram diferentes práticas de relacionarem o universo dos mortos com os vivos.

Ao abordar a temática do dia dos mortos, o perfil @barbaridadesmedievais relacionou a comemoração a uma outra, o Halloween. Segundo o perfil, durante o período medieval houve a apropriação do culto celta Samhain, celebrado desde a Antiguidade, entretanto, no dia 31 de outubro. A data marcaria, então, o momento da mudança de estações, do outono para o inverno, além também do culto aos mortos. Apesar de ser um processo profundo e misterioso, a cultura celta antiga transformava a noite dos mortos em um festival marcado por comidas, danças e bebidas. A comemoração das comunidades indígenas pré-hispânicas (centro-americanas) se assemelha com o culto celta de Samhain. Para a cultura mexicana a forma de se homenagear os mortos é através de diversões e brincadeiras, além também da data estar relacionada ao calendário agrícola pré-hispânico.¹⁰⁸ A relação entre as culturas celtas e mexicanas pode ser encontrada na colonização através do catolicismo, uma vez que, a Igreja Católica representada pela figura do Papa Gregório III, foi quem transferiu o dia de Todos os Santos para o dia 01 de novembro, e o culto celta se transformou na Véspera de Todos os Santos. Mesmo com

¹⁰⁸ A celebração do dia dos mortos no México é considerada uma festa popular, por isso, é celebrada com oferendas, como comidas, bebidas, flores e incenso, e em diferentes lugares, desde túmulos de cemitérios até alteres de mortos dentro das casas. Ver em: VILLASENOR, Rafael Lopez; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. (2012, agosto). A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. *Revista Temática Kairos Gerontologia*, 15(4), pp. 37-47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/17036/12642>. Acesso em: 27/02/2023.

as variações e hibridismos culturais, o dia dos mortos é uma prática cultural milenar, tanto no hemisfério Norte, quanto no Sul (Figura 6).

Figura 6– Culto celta Samhain e o dia dos mortos



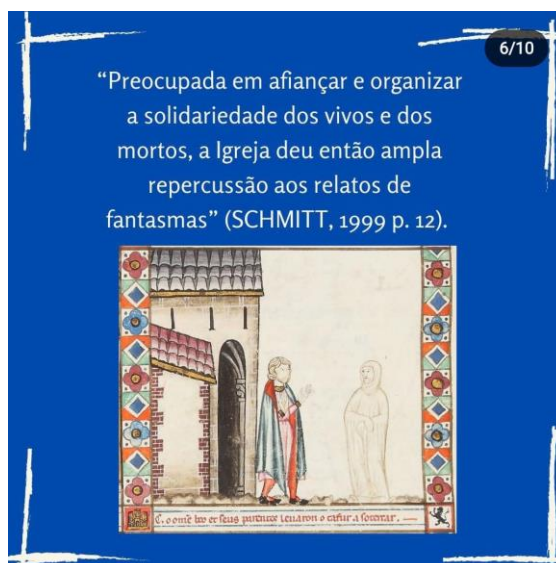
Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹⁰⁹

Enquanto as comunidades celtas e mexicanas compreendem o dia dos mortos ou finados como um momento de festividade, a data na sociedade medieval tinha outra forma de relação entre vivos e mortos, principalmente através da aparição de fantasmas. Segundo o perfil @poiemaufpel, amparado nas leituras do historiador Jean-Claude Smith, a crença dos fantasmas estava vinculada aos ritos de passagem.¹¹⁰ A prática medieval, inspirada nas literaturas de origem germânica, vincula-se ao surgimento do purgatório no século XIII e às práticas de sufrágios, como missas e preces, além também de méritos pessoais. Caso os ritos de passagem do mundo dos vivos para os mortos não acontecessem de maneira adequada, através da prática dos sufrágios, os entes e amigos mortos voltariam em forma de fantasmas em busca da libertação do além. Uma das formas de registro do contato entre vivos e mortos se deu tanto através de relatos orais e autobiográficos, quanto por iluminuras (Figura 7).

¹⁰⁹ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Culto celta Samhain e o dia dos mortos**. 03 nov. 2021. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CV1JGUwsoqD/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

¹¹⁰ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Vivos, mortos e os que por aí passeiam**. 03 de novembro de 2021. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVxyeSAMODi/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 27/02/2023.

Figura 7– Aparição de fantasmas e os ritos de passagem



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹¹¹

Nesse sentido, os elementos neomedievais de nossas fontes sobre as datas comemorativas ainda festejadas no Brasil contemporâneo (2021-2022) não abandonam ou rompem totalmente os laços com as heranças e as origens medievais, como é o caso do dia Internacional da Mulher; dos pais e dos mortos/finados. Na verdade, os elementos neomedievais estão presentes tanto através da construção de novos sentidos e significados da participação feminina e da experiência do luto, quanto na figura masculina destacada não por seu papel social de distinções biológicas frente às mulheres, mas sim na figura paternal ilustrada através de personagens medievais, como os suseranos, que são transpostos para a realidade dos internautas brasileiros que experimentam o *Instagram*.

2.4. Um passado imaginado? As produções midiáticas como práticas neomedievais

Ao assistirmos um filme, lermos um livro ou ainda escolhermos um jogo para nos divertirmos durante a semana, podemos encontrar uma variedade de produções que se relacionam com a História, e mais, com o neomedievalismo. A relação entre História e as produções midiáticas não é inédita e possibilita a comunidade historiadora um amplo campo de fontes para ser explorado. Nosso objetivo de exploração deste universo na presente seção se limita à análise e à discussão das produções publicadas pelos perfis do *Instagram* e por nós estudados. Ou seja, não analisaremos as produções midiáticas de

¹¹¹ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Aparição de fantasmas e os ritos de passagem**. 02 nov. 2021. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CVxyeSAMODi/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

maneira direta, mas sim através dos filtros estabelecidos por nossas fontes. Conscientes destes filtros, buscaremos compreender a dimensão mágica evocada por elementos neomedievais.

De acordo com o historiador Rodrigo Bueno, os filmes que possuem alguma relação com a História podem ser classificados como “reconstituição histórica”, em que, algum período ou estudo sobre eles são reconstituídos através do cinema. Ainda segundo o pesquisador, as produções cinematográficas sobre a Idade Média, mesmo que não falem do período em si, destinam espaço de destaque para o mítico medieval.¹¹² Este fascínio e maravilhamento pelo período medieval pode ser herança da colonização europeia e cristã, experimentada por nós através da exploração portuguesa. Por este caráter de encantamento, os elementos de neomedievalismo sobre uma Idade Média que não foi, mas poderia ter sido ganham espaço, principalmente, nas animações e nas produções sobre aventuras.

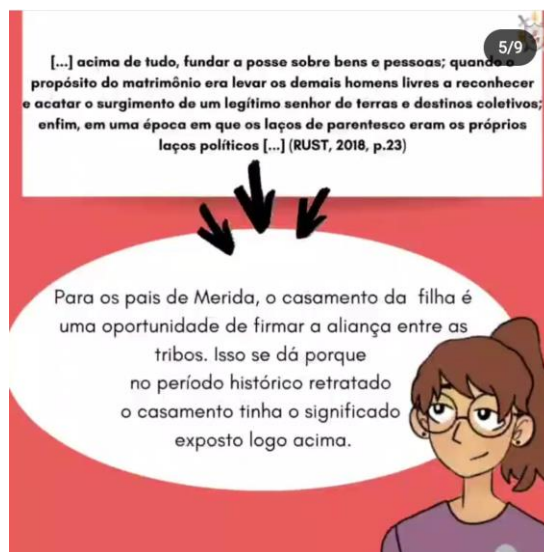
[...] a Idade Média é um espaço e um tempo para o qual utopias, representações, desejos se voltam e ganham força no nosso imaginário. É claro que vários estereótipos são criados a partir dessas referências medievais, tanto em relação a personagens heroicizados, como em relação a fatos mitificados e/ou mistificados. Mas é claro também que o cinema não tem a intenção e nem pretende aprofundar o nosso conhecimento factual da Idade Média. Por outro lado, ele pode suscitar a nossa reflexão e influenciar à nossa maneira de ver esta época.¹¹³

Em nossas fontes, encontramos publicações sobre produções cinematográficas que evocam referências medievais e debatem sobre personagens heroicizados, buscando, principalmente, o protagonismo feminino frente aos domínios de personagens masculinos, que, por muito tempo ocuparam o espaço das telas. Em uma das indicações da personagem Muriel do perfil @barbaridadesmedievais, a temática do casamento é debatida através da animação VALENTE (2012), lançada pela Pixar. A personagem principal da animação é Merida, uma princesa que se recusa a aceitar as imposições do sistema patriarcal experimentado pela sociedade europeia medieval. A recusa se dá tanto na ordem social, negando o matrimônio com fins de estabelecimento de alianças, quanto profissional, ao preferir o ofício de arqueira e não bordadeira (Figura 8).

¹¹² BUENO, Rodrigo Poreli Moura. “A Cultura Medieval sob o ângulo das imagens cinematográficas”. Simpósio Nacional de História, 27, 2013, Natal, **Anais Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Rio Grande do Norte: Natal, 2013, pp. 1-3. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364482448_ARQUIVO_AculturaMedievalsoangoIodasImagensCinematograficas.pdf. Acesso em: 01/03/2023.

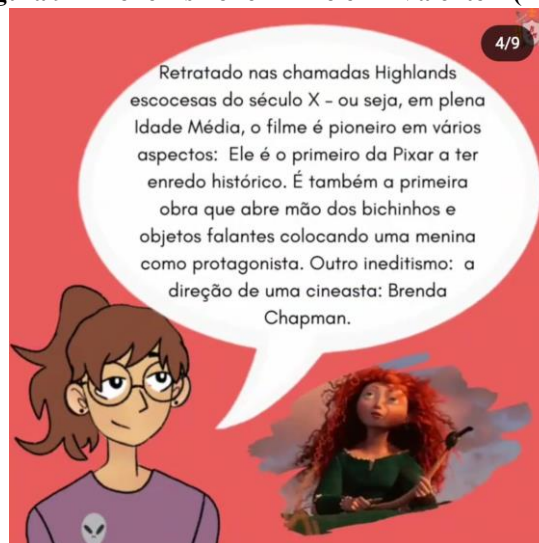
¹¹³ Ibid. p. 04.

Figura 8– O casamento como alianças em “Valente” (2012)



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹¹⁴

Figura 9 – Pioneirismo feminino em “Valente” (2012)



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹¹⁵

A personagem Merida é valente não só em negar as imposições patriarcais, mas também por inovar no protagonismo de personagens femininas nas animações (Figura 9). Esta inovação não se dá apenas pela participação feminina, até na direção da produção,

¹¹⁴ BARBARIDADES MEDIEVAIS. **O casamento como alianças em “Valente” (2012)**. 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMYIC7WMdin/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

¹¹⁵ BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Pioneirismo feminino em “Valente” (2012)**. 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMYIC7WMdin/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

mas, principalmente, por evocar aspectos históricos que rompem com figuras femininas de princesas destinadas ao casamento com um príncipe encantado, sem perder o caráter do fascínio medieval. Entretanto, por muito tempo, as produções cinematográficas, em especial, as da produtora *Disney*, como é o caso da *BELA ADORMECIDA* (1959), destinaram espaços femininos focados nos casamentos e amores românticos entre príncipes e princesas (Figura 10), além também de elementos que rememoram debates cristãos sobre a dualidade do bem e do mal, esta expressa através da figura de feiticeiras (Figura 11).

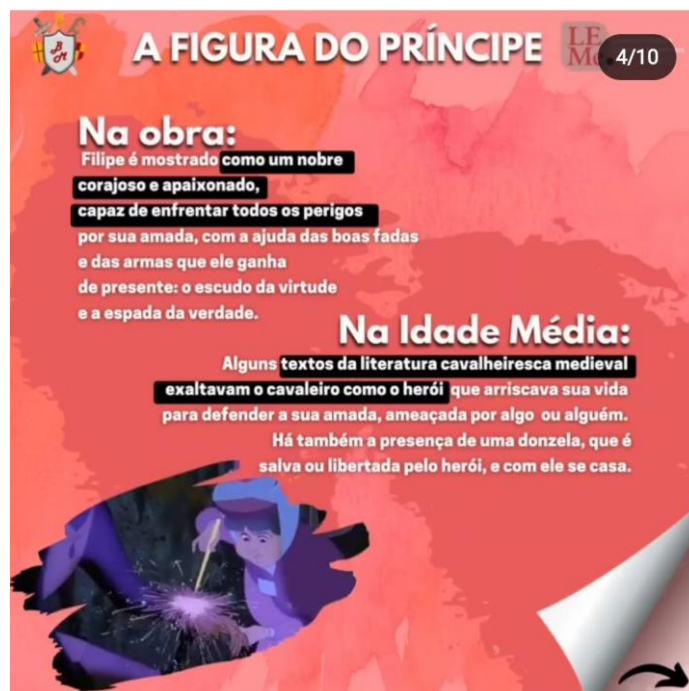
Figura 10– O casamento em a “Bela Adormecida” (1959)



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹¹⁶

¹¹⁶ BARBARIDADES MEDIEVAIS. O casamento em a “Bela Adormecida” (1959). 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COq_PQXMLi3/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Figura 11– O príncipe em a “Bela Adormecida” (1959)



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹¹⁷

Então, qual o espaço destinado às mulheres nas produções cinematográficas, em especial, as produções *Disney*? São mulheres que negam as imposições e subjugações vivenciadas em seu contexto histórico, ou mulheres à espera do príncipe encantado? Ou ainda mulheres com belas feições, em detrimento das bruxas e feiticeiras que durante a Idade Média europeia eram camponesas perseguidas pela Igreja Católica? O perfil @poiemaufpel propõe ainda uma outra pergunta: “Acabou a era das vilãs” (nas animações)? De acordo com o Polo Interdisciplinar de Estudos Medievais, os perfis femininos de mulheres ardilosas e malvadas reproduzidos pelas animações *Disney* foram influenciados, principalmente, por contos populares que associavam estas figuras femininas aos corpos de mulheres que não são belas, nem atraentes como as princesas. Entretanto, o mercado cinematográfico precisou passar por mudanças, atendendo às demandas cada vez mais emergentes do público feminino, que valoriza e respeita a diferença (Figura 12). Por isso, as figuras das bruxas invejosas e a dualidade entre “bem” e “mal” perdem espaço e sentidos midiáticos para mulheres subversivas e protagonistas.

¹¹⁷ BARBARIDADES MEDIEVAIS. O príncipe em a “Bela Adormecida” (1959). 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COq_PQXMLi3/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Figura 12– Demandas femininas nas produções cinematográficas



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹¹⁸

Não só nas produções cinematográficas o medieval tem ganhado espaço. Os jogos eletrônicos sobre o período também se tornaram um ambiente propício para o crescimento e difusão de elementos do neomedievalismo. Segundo os pesquisadores Felipe Gonçalves e Allan Strazz, os jogos eletrônicos têm se tornado um hábito popular entre diferentes pessoas e camadas sociais. Por isso, de acordo com os autores, os estudos sobre o assunto tendem a acompanhar este crescimento, já que, os jogos possibilitam aos usuários imaginarem e criarem um mundo através das experiências vivenciadas. Além do mais, assim como os filmes, os jogos eletrônicos também podem possuir caráter histórico, ou seja, estarem relacionados a algum período da História ou recorte temático dentro do extenso universo da História.¹¹⁹

Ancorados na discussão do pesquisador Vinícius Carvalho, Gonçalves e Strazz discutem que os jogos se tornam objetos de críticas por vulgarizarem objetos históricos ou até reforçarem estereótipos¹²⁰, como é o caso da representação de uma Idade Média

¹¹⁸ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Demandas femininas nas produções cinematográficas**. 20 out. 2021. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVQT5vYswFQ/?igshid=MzRIODBiNWF1ZA==>. Acesso em: 06/12/2023.

¹¹⁹ GONÇALVES, Felipe Yan Cavalcanti; STRAZZI, Allan Reveriego. “Diálogos entre Neomedievalismo, História e Jogos eletrônicos”, *Intelligere*, **Revista de História Intelectual**, nº9, p. 315. 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/173310>. Acesso em: 01/03/2023.

¹²⁰ CARVALHO, Vinicius Marino. Representação, Remediação e Proceduralidade: Os Games entre a História e o Entretenimento. Fontes Medievais: Construções e Métodos, 2013 *apud* GONÇALVES, Felipe

marcada por guerras e conflitos em busca da defesa de territórios. Apesar destas problemáticas, os jogos eletrônicos não podem ser abandonados pelas comunidades de historiadores, pelo contrário, devem se tornar objetos de estudo, até mesmo, fonte de conhecimento. Uma proposta neste sentido tem sido criada pelo *Play the past*¹²¹. Conforme os autores, o site é uma colaboração entre academia, jogadores e designers abordando diferentes perspectivas e metodologias no tratamento do tempo e da História nestas mídias. No que tange ao medievalismo, os jogos eletrônicos podem se reapropriar de elementos medievais, entretanto, buscando atender às demandas mercadológicas sem se preocuparem com questões historiográficas.

O objetivo muitas vezes é reapropriar-se de elementos medievais, porém sem muita fidedignidade, permitindo que a aventura seja lúdica e aberta aos jogadores. Via de regra, esses jogos se apropriam dos temas históricos, porém não os identificam, criando mundos fictícios e diversos, sendo o gênero denominado como “fantasia medieval” seu principal expoente.¹²²

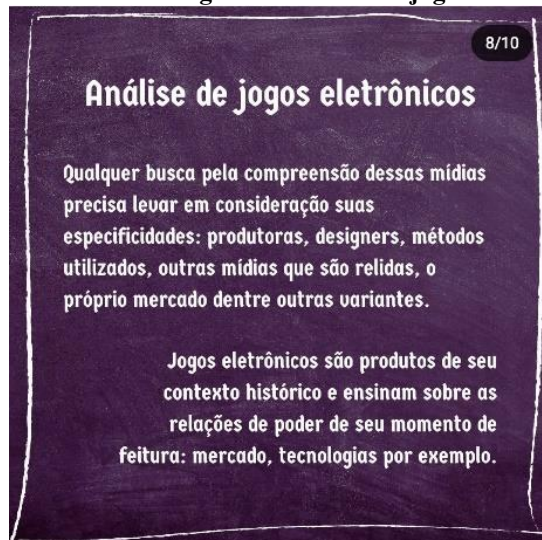
Uma forma de inserir e discutir os jogos eletrônicos é apontada pela professora Daniela Gallindo através do perfil @poiemaufpel ao propor que, ao serem tratados como fonte, precisam ser analisados em suas especificidades, desde a produção até o contexto histórico, sem abandonar também as relações de poder estabelecidas, principalmente, pelas demandas mercadológicas e pela venda dos produtos (Figura 13). Além de construir uma proposta de ferramentas para análise dos jogos eletrônicos como fonte, o perfil também criou uma “Batalha de games medievais”, promovendo a interação com o público da página, e o vencedor entre os selecionados foi o jogo “God of War” (Figura 14).

Yan Cavalcanti; STRAZZI, Allan Reveriego. “Diálogos entre Neomedievalismo, História e Jogos eletrônicos”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº9, p. 316. 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/173310>. Acesso em: 01/03/2023.

¹²¹ Ver mais em: <http://www.playthepast.org/>.

¹²² GONÇALVES, Felipe Yan Cavalcanti; STRAZZI, Allan Reveriego. “Diálogos entre Neomedievalismo, História e Jogos eletrônicos”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº9, p. 317, 2020. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em: 01/03/2023.

Figura 13– Metodologia de análise dos jogos eletrônicos



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹²³

Figura 14 – Vencedor da Batalha de games medievais



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹²⁴

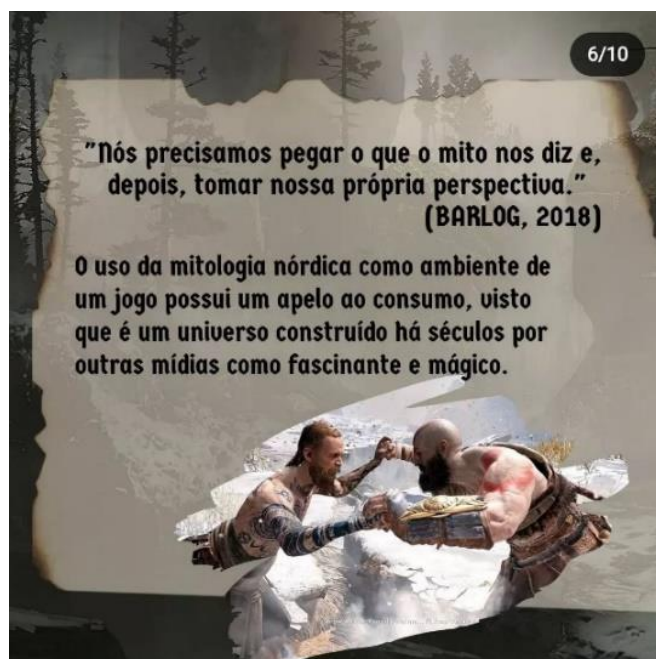
O jogo *God of War* possui diferentes versões, recriadas e readaptadas, disponíveis para o *Playstation*. De acordo com a publicação do perfil @poiemaufpel, o jogo foi lançado em 2005, e seu primeiro cenário era o mundo grego e o objetivo do jogo era a vingança do guerreiro Kratos contra os deuses. No jogo, os traços de beleza dos guerreiros

¹²³ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Metodologia de análise dos jogos eletrônicos**. 07 jan. 2022. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYcXLD_rrHJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

¹²⁴ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Vencedor da Batalha de games medievais**. 16 jan. 2022. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

gregos são ressaltados, como o semblante do rosto franzido e poucas vestimentas de couro que cobrem o corpo. Além da relação com os gregos, o jogo se passa em um ambiente nórdico, influenciado pelo animador chefe Cory Barlog que se inspirou na obra em quadrinhos *300* (1998) de Frank Miller e na familiaridade de sua esposa, de origem sueca. Em 2018, o jogo passou por mudanças e o personagem principal, Kratos, além de guerreiro se tornou também pai. O perfil @poiemaufpel adota as metodologias de análise do jogo eletrônico como fonte e conclui que tanto a ambientação nórdica (Figura 15), quanto o apelo sentimental para a relação entre pai e filho (Figura 16), buscam atender às demandas de consumo.

Figura 15 – Mitologia nórdica e consumo



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹²⁵

¹²⁵ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Mitologia nórdica e consumo.** 16 jan. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Figura 16– Apelo sentimental de consumo



Fonte: Perfil do *Instagram* @poiemaufpel¹²⁶

As referências mitológicas também aparecem em outra produção indicada pelo perfil @barbaridadesmedievais. A personagem Muriel indicou para os internautas o jogo *World of Warcraft*, lançado em 2004. Diferentemente do *God of War*, ele é *online*. Entretanto, o enredo do jogo eletrônico se passa em torno de um mundo mágico, formado por monstros e o papel do herói do jogo é defender este mundo das maldades. Além do senso de bem e mal, o jogo também discute outros valores, como honra, liberdade, justiça e dever. Os elementos neomedievais se manifestam nas concepções de bravura e nos “sentimentos” experimentados pelo personagem principal. Entretanto, diferentemente do vencedor das “batalhas medievais”, o herói do *World of Warcraft* não possui traços humanizados, pelo contrário, se aproxima de versões animais fantásticas (Figura 17).

¹²⁶ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Apelo sentimental de consumo**. 16 jan. 2022. *Instagram*: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Figura 17– Herói do jogo “World of Warcraft”



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹²⁷

Nesse sentido, podemos perceber que tanto nas produções cinematográficas, quanto nos jogos eletrônicos de caráter histórico, encontramos um apelo para as vendas no mercado. Não é por isso que devemos desconsiderar estas produções, já que, elas estão inseridas em diferentes contextos e buscam atender demandas de diferentes públicos. As mudanças que percebemos na construção dos enredos, na atuação dos personagens, nos sentimentos evocados e nas fantasias reelaboradas são produzidas e requeridas pelo público, seja o público feminino das animações por nós citadas, ou até mesmo nos jogos que tomam feições humanas na busca de se aproximarem cada vez mais dos usuários e consumidores.

2.5. Um passado não tão distante: dilemas contemporâneos, elementos neomedievais

Quando falamos sobre a Idade Média, fomos por muito tempo levados a imaginar um passado distante experimentado, principalmente, pelas sociedades europeias. Diferentemente desta perspectiva, o neomedievalismo nos direciona para um caminho de ligação entre passado e presente que podem estar conectados, principalmente, por datas comemorativas e produções midiáticas, como vimos na seção anterior, ou até mesmo, dilemas contemporâneos, como o silenciamento de expressões artísticas vivenciadas pela

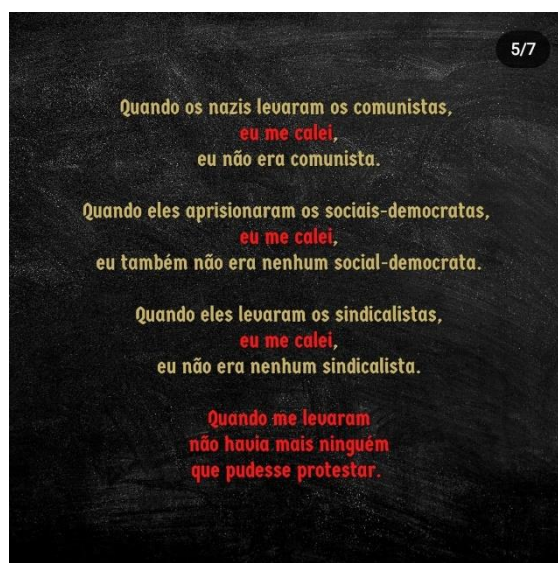
¹²⁷ BARBARIDADES MEDIEVAIS. Herói do jogo “World of Warcraft”. 07 mai. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COI63eIse4A/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e denunciadas pelo perfil @barbaridadesmedievais, e desdobramentos e negacionismos vivenciados durante a pandemia da Covid-19, que foram representados pelo perfil @plebeusociosos.

Além dos elementos neomedievais a serem analisados nas publicações citadas acima, a História Pública atrelada ao Digital entremeia o universo de nossas fontes e também é utilizada como um caminho, não só para se debater e conhecer mais sobre diferentes temáticas da História, mas também, para reafirmar posicionamentos políticos institucionais frente às situações de preconceito e discriminação. As ações extensionistas do Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade ligado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), estão presentes através do perfil do *Instagram* @poiemaufpel e são praticadas através do alerta para mobilização frente às situações de discriminação e opressões, demandadas pela instituição.

Em 26 de setembro de 2021, o perfil @poiemaufpel publicou uma sequência de *posts* com a temática “Sobre apologias e opressões”. Para iniciarem a discussão, apresentaram o poema “É preciso agir”, uma apropriação de Bertolt Brecht do sermão de autoria do teólogo Martin Niemöller sobre os campos de concentração. A versão original do sermão trata da imobilização popular frente aos abusos cometidos contra comunistas, sociais-democratas e sindicalistas durante o regime nazista. A imobilização popular se deu por conta da falta de identificação e pertencimento àqueles grupos perseguidos, mas no momento em que a questão de enfrentamento ao regime se tornava individual, não havia mais ninguém para protestar (Figura 18). A finalização das publicações propõe uma reflexão sobre formas de preconceito e discriminação das quais somos testemunhas, como apologia ao nazismo e fascismo, e, ainda assim, alguns preferem se calar. Entretanto, o Polo de Estudos compreende seu papel de enfrentamento e esclarecimento enquanto vigilante de apologias e opressões, dentro e fora da instituição (Figura 19). Um exemplo disso é a própria publicação em resposta à apologia ao nazismo através do uso de imagens vivenciada na Universidade.

Figura 18 – Sermão de Martin Niemöller



Fonte: Perfil do *Instagram* @poemaufpel¹²⁸

Figura 19 – Apologias e opressões testemunhadas



Fonte: Perfil do *Instagram* @poemaufpel¹²⁹

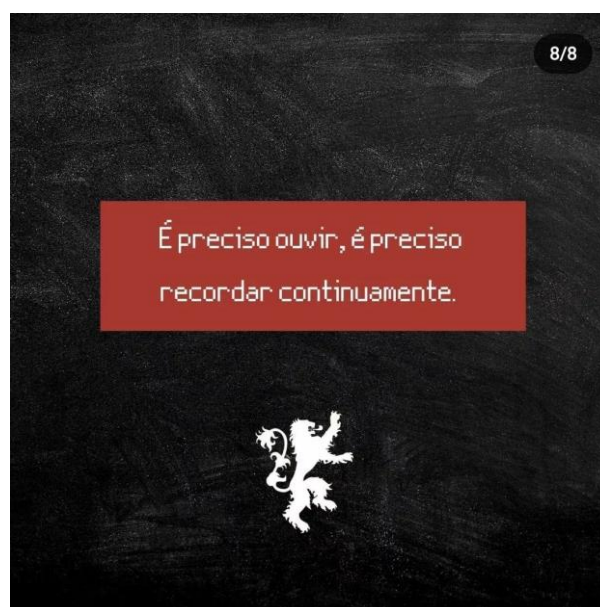
A resistência do Polo de Estudos permanece ainda em outra publicação, realizada meses após a denúncia das apologias ao nazismo, no mês de fevereiro de 2022. A proposta da publicação é reafirmar sua posição sobre opressões, subjugações e apologias não serem questão de opinião, mas sim, posicionamento político. Para discutirem o assunto,

¹²⁸ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Sermão de Martin Niemöller**. 08 fev. 2022. Instagram: @poemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAxRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

¹²⁹ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Apologias e opressões testemunhadas**. 08 fev. 2022. Instagram: @poemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAxRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

apresentaram o poeta Paul Celan. Para Celan, a poesia é pergunta e arte de libertação. Mas, o que o poeta queria perguntar e do que desejava se libertar? Nascido em uma família judia na região do antigo império Austro-Húngaro, teve seus pais mortos em decorrência do regime nazista e, apesar de ter sido internado no campo de prisioneiros em 1944, conseguiu sobreviver. O poema “Fuga de morte”, escrito em 1945, de acordo com Rafael Santos, está relacionado ao sagrado através do instrumento musical órgão utilizado nas igrejas e, principalmente, ao desejo de escancarar o genocídio dos milhões de mortos em decorrência do regime nazista.¹³⁰ Ao final da sequência dos *posts*, o Polo de Estudos reforça a necessidade de ouvirmos e recordamos, continuamente, para que regimes e aparatos como estes não ganhem força (Figura 20).

Figura 20 – Convite a reflexão sobre os horrores do holocausto



Fonte: Perfil do *Instagram* @poeinaufpel¹³¹

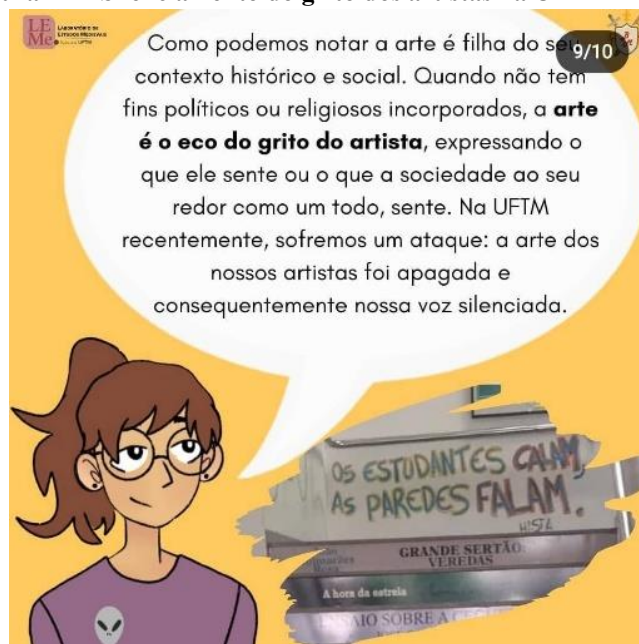
O perfil @barbaridadesmedievais, ligado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), também se utilizou de suas publicações como forma de denúncia aos silenciamentos artísticos experimentados na Universidade. Para tanto, através da personagem Muriel, discutiram o conceito de Arte na Idade Média e estabeleceram um paralelo com a situação vivenciada na instituição. De acordo com a personagem, a arte é

¹³⁰ SANTOS, Rafael Rocca dos. “A ‘fuga da morte’ de Paul Clean em análise”. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/magma/article/view/189759/176690>. Acesso em: 06/03/2023.

¹³¹ POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Convite a reflexão sobre os horrores do holocausto**. 08 fev. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAxRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

“a representação dos pensamentos humanos nos diferentes períodos históricos” e foi discutida por diversos historiadores medievalistas, como Le Goff e Hilário Franco Júnior. Assim, ao analisarmos produções artísticas e expressões humanas precisamos levar em consideração os contextos nas quais foram produzidas, como é o caso das escadarias e paredes da UFTM. Ao terem suas pinturas, imagens e figuras “branqueadas” pelas tintas, a comunidade acadêmica teve sua voz e suas expressões silenciadas (Figura 21).

Figura 21 – Silenciamento do grito dos artistas na UFTM



Fonte: Perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais¹³²

Além de questões institucionais, os perfis do *Instagram* também podem denunciar, problematizar e até criticar dilemas enfrentados no cotidiano. No caso do perfil @plebeusocios, seus criadores se utilizam de elementos neomedievais para estabelecerem paralelos com acontecimentos no Brasil. Por isso, ao invés das publicações estarem localizadas espacialmente no país, são adaptadas para o contexto feudal do “Reino Brasilis”, e nós brasileiros, somos representados através de diferentes personagens que compunham o sistema feudal, desde vassallos até o próprio rei (reinterpretando a figura do presidente). Tanto a ambientação feudal, quanto a personificação humana, são uma forma de tentativa de constituir uma (neo)medievalidade brasileira através de questões presentes. Por isso, as temáticas e os assuntos abordados não são imaginados ou

¹³² BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Silenciamento do grito dos artistas na UFTM**. 09 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNBNclnM74W/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

criados, mas são relidos através de uma mistura de elementos contraditórios, adaptados à realidade brasileira.

Na publicação de 17 de maio de 2021, temos um estilo de postagem diferente das demais do perfil. Semelhante aos *posts* de outra rede social, o *Twitter*, a publicação intitulada de “Não falem da peste que ela some”, tem poucas palavras e é acompanhada de uma pintura (Figura 22). O quadro é uma pintura sobre os rastros da epidemia da peste bubônica que dizimou milhares de vidas durante a transição do medievo para a modernidade. Dentre estes rastros ilustrados, encontramos ao fundo uma cidade em chamas, com vários corpos desnudos jogados ao chão, confrontos entre membros do exército e da população, além também daqueles que estão se servindo e se alimentando, mesmo diante do caos. A pintura possui tracejados, cenários e tonalidades semelhantes à pintura do pintor belga Peter Bruggel, intitulada de o “Triunfo da morte” (Figura 23). O *post* ironiza as críticas sobre as notícias ruins que circulavam na mídia, mas o cenário não poderia ser diferente, já que estávamos enfrentando a disseminação rápida do Covid-19 e negacionismos sobre a democracia.

Figura 22 – O Brasil na pandemia



Fonte: Perfil do *Instagram* @plebeusociosos¹³³

¹³³ MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **O Brasil na pandemia**. 17 mai. 2021. *Instagram*: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CO_OlfThILl/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Figura 23 – Pintura “Triunfo da morte” (1562)



Fonte: Portal História das Artes¹³⁴

Dentre os principais negacionismos enfrentados durante a pandemia da Covid-19, estão os ataques ao regime democrático. A principal crítica sobre o regime que garante igualdade, justiça e direitos para toda a comunidade brasileira, foi a menção à forma como elegemos nossos representantes nas mais diferentes instâncias. As discussões em torno do voto se iniciaram a partir da PEC 135/2019 que desejava substituir as urnas eletrônicas pelo voto impresso. A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) começou a circular em meados de maio de 2021 na Câmara de Deputados, e logo de imediato foi refutada pelo presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, Luís Roberto Barroso, que empreendeu esforços na defesa da segurança e do sigilo das urnas eletrônicas, utilizadas há mais de 25 anos pela população brasileira.

O TSE aponta três grandes inconvenientes do voto impresso. O primeiro é que ele tem mais chances de ser fraudado do que o voto eletrônico, já que pessoas manusearão os papéis. O segundo é que, a cada dois anos, será necessário montar um grande esquema logístico para garantir o transporte e o armazenamento seguro dos votos dos 148 milhões de eleitores brasileiros. O terceiro é o risco de judicialização das eleições.¹³⁵

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontou três críticas e problemáticas sobre o voto impresso, entre elas está o fato das maiores chances de ser fraude se comparado a urna eletrônica, uma vez que, mais pessoas irão manusear os papéis disponíveis para a

¹³⁴ IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **O Triunfo da Morte**, Pieter Bruegel, o Velho. História das Artes, 2023. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-triunfo-da-morte-pieter-bruegel-o-velho> . Acesso em: 06/03/2023.

¹³⁵ WESTIN, Ricardo. Entenda a polêmica em torno da PEC do voto impresso. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/06/entenda-a-polemica-em-torno-da-pec-do-voto-impresso> . Acesso em: 06/03/2023.

eleição. Na publicação de 06 de agosto de 2021, o perfil @plebeusociosos ilustra justamente esta crítica levantada pelo TSE. No momento em que o vassalo ordena ao camponês a emissão de uma via sobre qual “senhor feudal” ele havia votado, o papel é manuseado por várias pessoas além do eleitor (vassalo). Além do mais, o vassalo demonstra descontentamento ao concluir que não sabia ler e (possivelmente) votou no candidato que não queria (Figura 24).

Figura 24 – Desconfiança sobre o voto



Fonte: Perfil do Instagram @plebeusociosos¹³⁶

Além do negacionismo sobre a confiabilidade de dados das urnas eletrônicas, o país também vivenciou dilemas econômicos, como os aumentos exorbitantes dos combustíveis. Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o preço médio da gasolina repassada pela Petrobrás para as distribuidoras foi de R\$ 3,86. Entretanto, no decorrer do ano, o preço do combustível atingiu a marca de R\$ 7,39.¹³⁷ Na publicação de 09 de março de 2021, o perfil @plebeusociosos constrói um cenário de postos de combustíveis se utilizando de elementos neomedievais. Ao invés de carros, temos cavalos, por isso, o que alimenta os animais não é o combustível, mas sim o feno. Em um diálogo entre cavaleiros, os membros da montaria questionam como irão alimentá-la, já que, o “preço do feno está na

¹³⁶ MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Desconfiança sobre o voto**. 06 ago. 2021. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSUYU-uLKZU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

¹³⁷ SCHAUN, André. “2022: o ano em que o preço da gasolina enlouqueceu quem tem carro”. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/seu-bolso/noticia/2022/12/2022-o-ano-em-que-o-preco-da-gasolina-e-do-diesel-enlouqueceu-quem-tem-carro-ou-caminhao.ghtml>. Acesso em: 06/03/2023.

casa dos XI denários”. Como proposta alternativa, o outro cavaleiro sugere que ele abasteça com a alternativa nacional, ou seja, a cana-de-açúcar – da qual deriva o etanol utilizado nos carros movidos tanto à gasolina, quanto a álcool. Entretanto, a proposta é recusada pelo fato do alasão não ser “flex” (Figura 25).

Figura 25 – Dificuldades com os preços no “FenoBras”



Fonte: Perfil do *Instagram* @plebeusociosos¹³⁸

Assim, apesar de não termos experimentado uma vivência medieval na marcação espaço-cronológica como os europeus, isso não significa dizer que a sociedade brasileira possui uma relação limitada com a Idade Média. De acordo com o pesquisador Mário Bastos, na década de 1960, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) levantou pautas importantes sobre o universo rural do país, mas exagerou ao reduzir a sociedade brasileira a categoria de semicolonial e semifeudal. O exagero pode ser justificado pela falta de contextualização espacial, social e estrutural importante para os estudos relacionados à História.¹³⁹ A mera redução das vivências da sociedade à condição de “feudalismo brasileiro” não consegue lidar com as dinâmicas, relações e tensões as quais a experiência presente e as imagens do passado estão sujeitas.

¹³⁸ MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Dificuldades com os preços no “FenoBras”**. 09 mar. 2022. *Instagram*: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ca5SVK6Om93/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

¹³⁹ BASTOS, Mário Jorge da Motta. Quatro décadas de História Medieval no Brasil: contribuições à sua crítica. *Diálogos*, Maringá, 2016, 20(3), pp. 03-04. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305549840002>. Acesso em: 27/03/2023.

Por isso, o conceito de neomedievalismo, entendido como os processos de releitura que relacionam as dinâmicas do presente brasileiro com elementos ligados ao lúdico e fantasioso sobre o medievalismo europeu, consegue abarcar e definir de maneira mais clara a afirmativa de um feudalismo brasileiro, criticada pelo PCB nos anos de 1960. O @plebeusocios de maneira crítica e humorística conseguiu, através das publicações no perfil do *Instagram*, ilustrar utilizando-se elementos e sujeitos ligados ao feudalismo europeu, como suseranos, vassallos e reis, aos dilemas vivenciados pela sociedade brasileira durante a pandemia da Covid-19, como os negacionismos à ciência e ao regime democrático. Assim, os elementos lúdicos conseguem transpor, metaforicamente, e de forma didática, tensões e relações da sociedade brasileira que não viveu o sistema feudal, mas que se sentiu inserida em um ambiente conturbado, tanto no aspecto político, quanto econômico e social, como os europeus em um medievalismo remoto.

Nesse sentido, não podemos negar que a sociedade brasileira experimenta ou se relaciona com a Idade Média. Ao relacionarmos as vivências brasileiras com o universo medieval, precisamos levar em conta uma nova Idade Média, que não foi e nem é vivida de maneira completamente igual à experimentada pelos europeus, mas que passou e passa por processos de releitura que estão em constante mudança, de acordo com as demandas da sociedade, e em nosso trabalho em específico, uma sociedade que navega pelo ambiente digital. O que podemos afirmar enquanto historiadores, é que estes processos de releitura demandam por uma Idade Média que trabalhe o feminino como protagonista, a arte como forma de resistência e expressão e a historicidade das datas comemorativas. Por isso, os perfis analisados não podem ser reduzidos ao medievalismo europeu, muito pelo contrário, é a requisição e a conquista de uma neomedievalidade brasileira que relaciona as demandas das experiências do presente com elementos fantasiosos e lúdicos ligados a imagens remotas aquele.

Ao reforçarmos a presença de elementos fantasiosos e lúdicos estamos mencionando imagens, figuras, cores, ícones, personagens, sons e tipografias que extrapolam os limites da História Pública, e alcançam o ambiente digital que necessita do uso destes recursos e do domínio de ferramentas de design¹⁴⁰ para a elaboração da

¹⁴⁰ A plataforma de design *Canva* é uma das ferramentas que pode ser utilizada pelos produtores de conteúdo digital. Apesar de exigir um e-mail para cadastro e diversos planos, desde a condição de gratuito até *premium*, oferece dentro de um mesmo ambiente variados recursos, elementos visuais, imagens, fotografias, sons e até tipografias que contribuem para a elaboração das publicações. No caso da Idade Média, ao fazermos uma breve pesquisa, a plataforma disponibiliza elementos ligados ao universo feudal,

narrativa ligada ao neomedievalismo e à atração visual do público. Quando nos tornarmos internautas, mais especificamente historiadores-internautas, navegamos em um ambiente onde encontramos narrativas sobre uma nova medievalidade que transita entre as experiências do presente através dos discursos e o medievalismo cronológico, por meio de elementos gráficos e de sons, assim como fazem os perfis @barbaridadesmedievais, @poiemaufpel e @plebeusociosos. Nesse sentido, estas narrativas possuem o caráter de inovação ao serem construídas através de ferramentas dissertativas ligadas à elaboração de discursos e narrativas históricas, utilizando do reavivamento medieval atrelado às estratégias de pesquisa de outras áreas, principalmente, àquelas que buscam atender às demandas do público digital, como é o caso do design e da propaganda.

Assim, a partir das publicações analisadas sobre as nossas fontes, podemos perceber que as relações entre o contexto pandêmico e a inserção de elementos neomedievais nas produções digitais, extrapolam os aspectos da fantasia e do lúdico e se transformam em ferramentas de crítica e expressões sociais frente às dificuldades enfrentadas pela população brasileira. Por serem também formas de expressões humanas, adquirem, então, o aspecto de expressões histórico-artísticas, utilizando-se das mídias digitais para alcançar um público mais amplo que pode, de certa maneira, se identificar com o que é compartilhado no universo digital e experimentado na realidade.

como castelos, reis e rainhas, e também estilos de fontes como o “gótico” que contribuem para a ambientação neomedieval.

CAPÍTULO 3: PREPRAREM SEUS FONINHOS, POIS A HISTÓRIA VAI COMEÇAR

No segundo capítulo do presente trabalho nos dedicamos a analisar perfis da rede social *Instagram* que estão ligados à academia brasileira, como é o caso do @barbaridadesmedievais (LEME/UFTM) e do @poiemaufpel (UFPEl), e aquele que também não possui relação com instituições, nem sujeitos ligados a universidades, mas que estão produzindo conteúdo relacionado à História, como exemplo o perfil @plebeusocios. Além do mais, buscamos relacionar as publicações destes perfis com o conceito de neomedievalismo, os quais se utilizam do espaço digital como forma de circulação de produções. Ainda no capítulo anterior, analisamos também as temáticas que permitem dialogar com os perfis, como o conhecimento histórico é divulgado, as estratégias utilizadas pelos perfis e as imposições da mídia social sobre a propriedade intelectual.

Nesta oportunidade, iremos continuar com a análise de nossas fontes vinculadas à outra plataforma digital, em especial, *podcasts* hospedados no agregador *Spotify*. Realizamos a escuta dos episódios tanto do canal “Medievalíssimo”, administrado pelo pesquisador e historiador Bruno Rosa, quanto do canal “Estudos Medievais”, organizado por pesquisadores do Laboratório de Estudos Medievais atrelado à Universidade de São Paulo (USP). Os episódios selecionados foram publicados entre março de 2021 a março de 2022, além do mais, buscamos aqueles que abarcam publicações relacionadas à História Pública-Digital, e também a temáticas atreladas ao neomedievalismo. Além da análise dos diálogos entre nossas fontes, também disponibilizaremos, para posteriores consultas, o catálogo “Medievalismos nas redes”, construídos através do aplicativo *Tropy*, em que constam todas as fontes por nós consultadas, acompanhadas de informações gerais, como data de publicação, temática, referências, comentários e quantidade de curtidas no caso de perfis do *Instagram*.

A seção intitulada “O universo dos *podcasts* através do *Spotify*: definições, categorizações e potencialidades do agregador”, será destinada a analisar o surgimento dos *podcasts*. Para isso, reconhecemos primeiramente, que há diversas mídias digitais responsáveis por abrigar essas produções, as chamadas de *plataformas streaming*. Estas plataformas são uma forma de facilitar o contato e o desfrute do internauta, já que para apreciar as produções audíveis não é necessário o download. Diante da infinidade dessas plataformas, selecionamos para análise o *Spotify*. Esta se destaca por ser a preferida entre

44% dos ouvintes de *podcasts* e o agregador escolhido por 87,2% de produtores, conforme pesquisas levantadas pela Associação Brasileira de Podcasters em 2019 com a Podpesquisa e 2020-2021 com a Podpesquisa – produtor.¹⁴¹ Assim, buscando realizar uma análise pormenorizada, discutiremos as formas de inclusão ofertadas e termos de aceite ao adentrarmos no universo desta plataforma.

Para orientarmos nossa análise, utilizaremos como referência as estratégias promovidas pelos pesquisadores Douglas Lima e Rosiângela Picanço no Guia de Tecnologias Digitais e Ensino de História – Podcasts de História, fruto do projeto E-learning e formação docente em História, inserido no Programa de Bolsas de Ensino (PROENSINO), da Universidade Federal do Oeste do Pará.¹⁴² De maneira didática e esclarecedora, os pesquisadores oferecem recursos e ferramentas para que possamos analisar nossas fontes, como a categorização de “*podcasts* acadêmicos”, a exemplo dos “Estudos Medievais” e “*podcasts* informativos”, caso do canal “Medievalíssimo”. Além do mais, Lima e Picanço estabeleceram critérios para a análise (presando pela qualidade) do material produzido. Estes critérios serão somados aos interesses de se identificar a (possível) relação das imagens compartilhadas sobre o medieval com questões e inquietações do presente.

Já a segunda seção, “De entrevistadores a entrevistados: conversando com os produtores de *podcasts*”, é destinada a análise da entrevista realizada com os produtores de nossas fontes.¹⁴³ Nas entrevistas, tivemos a oportunidade de conhecer sobre o surgimento de nossas fontes, bem como as contribuições da História Pública para a produção da ciência histórica, com o rigor metodológico, diante da ampliação do espaço de circulação das informações, como bem pontuou Bruno Rosa. Além do mais, os produtores, representados por Bruno Rosa, no caso do canal “Medievalíssimo” e José Francisco, ligado ao “Estudos Medievais”, trouxeram informações gerais sobre o público

¹⁴¹ No site oficial da Associação Brasileira de Podcasters podemos encontrar os dados da “PodPesquisa Produtores 2020-2021” e também a “PodPesquisa 2019”. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 22/11/2023.

¹⁴² LIMA; PICANÇO. *Op. Cit.*, p. 9.

¹⁴³ As entrevistas foram integradas como parte da pesquisa após sugestão da Professora Cláudia Bovo (UFTM), durante o Seminário Interno do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI/UFU), para isso, submetemos nossa pesquisa ao conselho de ética da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com o intuito de coletar informações sobre as produções digitais, como a importância da divulgação do conhecimento histórico, perfil do público, construção de roteiros, dificuldades para manter um *podcast*, e o se estão trabalhando a temática de neomedievalismo. Obtivemos aprovação a partir do parecer de número 6.031.910 no mês de junho/2023 e as entrevistas foram realizadas em agosto/2023, no formato online sobre o roteiro composto de cinco questões (ANEXO I), enviado previamente para os entrevistados.

ouvinte de suas produções e como é o processo de construção dos roteiros, assemelhando-se com a perspectiva de construção de conhecimento em rede, ou seja, os episódios de *podcasts* são feitos em conjunto, pela parceria entre produtor/entrevistador com o pesquisador a ser entrevistado. A última questão do roteiro da entrevista buscou dialogar com nossa pesquisa, no sentido de compreendermos os entendimentos do conceito de neomedievalismo pelos produtores de nossas fontes e os usos e apropriações desta temática no tempo presente.

Nas seções seguintes, tanto a “Falando e ouvindo mulheres: o protagonismo feminino”, quanto “Falando de história com historiadores: o digital como um espaço de produção”, são destinadas à análise dos episódios selecionados. Após realizar o mapeamento das produções, percebemos a existência de diálogos entre elas. O primeiro deles é o caráter de fala de nossas fontes, ou seja, os *podcasts* se propõe a tratar de temáticas que serão ouvidas pelos internautas da *podosfera*, e encontramos, com destaque, o protagonismo feminino, pois, existem episódios nos quais as entrevistadas são pesquisadoras que se dedicam ao estudo de personalidades e acontecimentos relacionados ao universo feminino no medievo. O segundo aspecto de diálogo entre as fontes é o espaço destinado à divulgação de conhecimento histórico, mas também para os divulgadores. Assim, encontramos, por exemplo, os episódios 25 e 28 do “Medievalíssimo”, que se tratam de entrevistas com os produtores de nossas fontes, respectivamente, a professora Daniele Gallindo organizadora do perfil @poiemaufpel, e Eric Cyon e Isabela Alves atrelados ao Laboratório de Estudos Medievais (LEME/USP), do *podcast* “Estudos Medievais”.

A partir dos diálogos entre nossas fontes, tanto os perfis do *Instagram*, quanto os canais de *podcasts*, percebemos que historiadores e historiadoras, atrelados ou não a instituições acadêmicas, estão ocupando o espaço digital, utilizando-se da capacidade de difusão de informações para a construção de redes de conhecimento, dotadas de qualidade de escrita e pesquisa, e, compartilhadas de uma maneira clara e objetiva. Ao estarem atrelados a instituições de Ensino Superior, a partir das produções, fortalecem e cumprem de maneira satisfatória o papel extensionista, principalmente, de universidades públicas, como é o caso da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade de São Paulo (USP).

Na última seção, intitulada de “Qual História-Pública Digital produzem nossas fontes?”, tem-se a intenção de responder questões analíticas sobre nossas fontes, tanto as

do *Instagram*, quanto as do *Spotify*. Por serem produções humanas, realizadas por diferentes sujeitos em suas diversidades socioespaciais, discutiremos a produção de História a partir do conceito de História Pública-Digital, no que diz respeito, às intenções, às estruturas, aos recursos e às ferramentas. Assim, percebemos que as nossas fontes não estão produzindo um único tipo de História no espaço digital e buscaremos, na medida do possível, traçar a prática historiadora e a importância do trabalho realizado por elas no que tange a valorização do ofício historiador, bem como, da pesquisa histórica para o público além do ambiente acadêmico brasileiro.

Em síntese, o presente capítulo dedicará espaço especial para a análise das fontes encontradas no agregador *Spotify* e que dialogam com os conceitos de História Pública-Digital e Neomedievalismo, compreendidas como conhecimento produzido por historiadores e historiadoras, atrelados ou não as instituições acadêmicas, mas que produzem e compartilham conhecimento histórico sobre o medievo, e, também os usos e as apropriações da Idade Média no tempo presente através do suporte digital. Além disso, conheceremos sobre o surgimento dos *podcasts*, bem como os ouvintes e produtores que compõe a *podosfera*, através dos dados traçados pelas pesquisas realizadas pela Associação Brasileira de Podcasters (ABpod), entre os anos de 2019 a 2021. Na conclusão do capítulo, nos debruçaremos sobre a diversidade e as especificidades de produções de conhecimento histórico de nossas fontes no ambiente digital, retomando e aprofundando questões sobre História Pública-Digital, Neomedievalismo e fazer histórico, pensando na circulação do conhecimento no ambiente digital e na formação de redes de conhecimento através das mídias e plataformas digitais.

3.1. O universo dos podcasts através do *Spotify*: definições, categorizações e potencialidades do agregador

O advento da *Web 2.0*¹⁴⁴ foi possibilitado graças às mudanças na relação entre consumidores e produtores na *sociedade da informação*. Esta mudança se deu no sentido

¹⁴⁴ De acordo com Rafael Souza, a “World Wide Web”, também conhecida como *Web*, desde seu surgimento passou por mudanças e melhorias. Em sua primeira fase, a *Web 1.0* era um mecanismo de comunicação unidirecional, ou seja, não havia interação entre receptor e emissor da informação, como é o caso da televisão e do rádio. Com a conquista de novas funções, a *Web 1.0* evoluiu para *Web 2.0* possibilitando a criação e a interação em um curto período de tempo. Ver mais em: SOUZA, Rafael de Jesus. História na Web 2.0 – democratização do conhecimento e divulgação científica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31, 2021, Rio de Janeiro. *Anais*, Rio de Janeiro: ANPUH-Brasil, pp. 1-3. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628563699_ARQUIVO_f6c39ce700b85ffe3806b9a871ed87f0.pdf. Acesso em: 22/11/2023.

de que os consumidores deixaram este seu status e se transformaram em produtores de conhecimento e conteúdo. Para exercerem este novo status, são necessárias ferramentas de divulgação e produção. É nesse contexto da *sociedade da informação* que os *podcasts* surgem, mais especificamente no ano de 2004, pelo DJ da produtora MTV, Adam Curry e o criador do *software*, Dave Winner¹⁴⁵. De acordo com Raone Souza¹⁴⁶, os *podcasts* são produzidos para a internet e distribuídos através de um *feed*, o nome é a junção das palavras **iPod** (grifo nosso – dispositivo de reprodução norte-americano) e **broadcasting** (grifo nosso – método de transmissão de dados). Entretanto, a transmissão de dados do *feed* necessita de uma *plataforma streaming* ou também conhecida como *agregadoras de podcasts* que, ainda segundo o autor, abrigam diversos *feeds* possibilitando ao internauta ter acesso ao conteúdo e, se assim desejar, também fazer o download do arquivo de áudio.

Além das facilidades de acesso, com o conteúdo na “palma das mãos”, os *podcasts* também são dotados de uma tecnologia, variada do inglês, *pull* e *push*. Conforme os estudiosos Douglas Lima e Rosiângela Picanço, no Guia de Tecnologias Digitais e Ensino de História – Podcasts de História¹⁴⁷, essa tecnologia contribui para que o internauta possa escolher o conteúdo que mais o agrada, sem depender de uma programação como é no caso da mídia dos rádios *AM/FM*. Os autores ainda acrescentam que a facilidade de uso e acesso, contribuem para a popularidade da *podosfera* – termo que, segundo Souza, é utilizado pelos ouvintes de *podcasts* e seus produtores para se referir ao universo dos *podcasts*. Assim, como no caso do *Instagram*, o crescimento do número de internautas no país, contribui, também, para a expansão das mídias digitais.

Em uma pesquisa realizada pela Globo, em parceria com o Ibope, contando com a seleção de mais de mil participantes, na qual buscou-se traçar perfis de consumo, como gênero, classe e temáticas mais procuradas. De acordo com os levantamentos, a maioria é uma população masculina, de classe média, de 25 a 34 anos e representam 57%. Além do mais, o hábito de ouvir música se destaca com 45% e, geralmente, este hábito é conciliado com outras tarefas ou atividades do dia a dia, como atividades domésticas (48%); navegação na internet (38%); antes de dormir (25%); durante o trabalho ou a

¹⁴⁵ MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. 2006 *apud* SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e potencialidades do podcast no ensino de História**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016, p. 6.

¹⁴⁶ FERREIRA DE SOUZA, *Loc. Cit.*

¹⁴⁷ LIMA; PICANÇO. *Op. Cit.*, p. 8.

caminho dele (24%); realização de atividades físicas (20%) e até rotina de autocuidado (20%)¹⁴⁸. Os *podcasts* estão, então, inseridos no dia a dia destes internautas, estabelecendo relação de proximidade e costume.

Os dados apresentados pela pesquisa da Globo em parceria com o Ibope possuem diferenças sinuosas em relação aos resultados apresentados em pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD), na Podpesquisa de 2019. No questionário disponível de 21 de outubro de 2019 a 15 de dezembro de 2019, o público masculino representava 72% contra 27% das mulheres, além do mais, outras orientações sexuais também foram acrescentadas e nesse universo, os bissexuais representavam 55,67% dos internautas da *podosfera*. A faixa etária em destaque era ocupada por jovens de 20 a 29 anos de idade, e em sua maioria, solteiros. Além destes dados, destacamos também interesses e preferências dos ouvintes, entre os cinco primeiros encontramos, em ordem decrescente, Cultura Pop, Humor e Comédia, Ciência, História e Política. E entre os principais agregadores, o *Spotify* se sobressai com uma média de 44%, acompanhado do *Podcast Addict* (9%) e o *Google Podcasts* (8%)¹⁴⁹.

O agregador *Spotify* aparece também como preferência entre os produtores e produtoras de 24 unidades federativas do país. A pesquisa PodPesquisa Produtor (2020-2021) realizada pela ABPOD, entre 14 de março a 30 de outubro, demonstra a maioria masculina (75,7%) como produtores de *podcasts*, como orientação sexual dominante os heterossexuais (81,3%) e autodeclarados brancos (58,8%). No que diz respeito à preferência dos agregadores, o *Spotify* se destaca entre os demais com 87,2%, seguido do *iTunes* com 68% e do *Deezer* com 57,1%. A diferença entre os agregadores chama atenção também no caso do *Youtube* que, apesar de não ser uma *plataforma stream* exclusiva para a circulação de *podcasts*, mostrar-se como uma tendência para divulgação, ocupando a quarta posição entre os agregadores, com 19,8% utilizado pelos produtores.¹⁵⁰

¹⁴⁸ VILELA, Luiza. “Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts: Estudo da Globo, em parceria com Ibope, traz dados sobre o consumo de podcast no Brasil”. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>. Acesso em: 21/10/2022.

¹⁴⁹ Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa 2019 (2019-2020) – Análise e resultados. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 21/10/2022.

¹⁵⁰ Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa Produtores (2020-2021). Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf. Acesso em: 13/09/2023.

Devido à maior popularidade de acesso aos *podcasts*, utilizaremos para a coleta de dados dos *feeds* o *Spotify*. Para tanto, necessitaremos de analisar, além dos dados qualitativos e quantitativos das fontes de pesquisa, os termos de uso, os recursos, as possibilidades e as ferramentas deste agregador. Uma forma de termos acesso a essas informações é através da seção “Suporte”, disponibilizada pelo agregador. Este ambiente é uma espécie de auxílio para os internautas sanarem dúvidas a respeito dos pagamentos, dos planos, do *app*, dos dispositivos, da privacidade e da segurança, além também de ajudas com a conta. E o que nos interessa, neste primeiro momento, são as ferramentas de privacidade e segurança. Quanto a isso, encontramos informações sobre o uso e interpretação de dados dos internautas no artigo 15 do Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD), além também de abordar as regras da plataforma e outras ações relacionadas ao compartilhamento do conteúdo.

Ao nos tornarmos usuários do *Spotify*, adentramos na plataforma aceitando uma série de quesitos sobre o tratamento de nossos dados, seja nossa conta gratuita, ou paga. O artigo 15 do RGPD traz uma tabela sobre as justificativas dos usos dos dados pessoais, amparados por uma base legal que é dividida em quatro eixos: o primeiro deles é a “Execução de um contrato” para adesão e cumprimento de obrigações do contrato estabelecido entre o *Spotify* e os internautas; o segundo, é o “Interesse legítimo” de terceiros para o uso dos dados, como para oferta de propagandas e disponibilização de pesquisas sobre a própria plataforma; já o terceiro é o “Consentimento” cedido pelo internauta para o *Spotify* e, por fim, o “Cumprimento de Obrigações legais”, quando a plataforma utiliza-se dos dados para cumprir a lei de cada país em que atua, como o uso da data de nascimento para verificar a veracidade e até atender as solicitações judiciais. Assim como o *Instagram*, o *Spotify* traz uma seção sobre propriedade intelectual.¹⁵¹

Com a finalidade de tomar ações diante de denúncias sobre propriedade intelectual e até divulgação de conteúdos inadequados, o *Spotify* se posiciona como “protetor” da propriedade intelectual e dos conteúdos originais. Assim, diante de uma situação de plágio, por exemplo, a plataforma coletará os seguintes dados sobre o internauta: usuário, voz e pagamentos/compras. Entretanto, ao decorrer dos usos dos dados, não se posiciona sobre as medidas a serem tomadas com canais ou internautas que ferem os direitos da

¹⁵¹ SPOTIFY. Informações sobre o artigo 15 do RGPD. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/article/gdpr-article-15-information/>. Acesso em: 13/09/2023.

propriedade intelectual, mostrando a fragilidade da plataforma em defender as informações e conteúdos circulantes. Além do mais, caso o internauta deseje que seus dados não sejam mais processados pela plataforma ou que eles sejam excluídos, deverá encerrar a conta e sair da *podosfera* do *Spotify*.¹⁵²

Ao ingressar no universo dos *podcasts* circulantes pelo agregador *Spotify*, os internautas além de ofertarem seus dados, como vimos anteriormente, deverão também se limitar aos planos oferecidos pelo agregador. Apesar de disponibilizar uma versão gratuita de acesso caracteriza por: qualidade de som inferior, anúncios interrompendo as músicas ou *podcasts*, ordem aleatória e necessidade do uso dos dados móveis, principalmente de telefones celulares e similares. O interesse do agregador é a venda de planos mensais ou anuais, a depender das condições financeiras do internauta. O plano mais acessível, financeiramente, é o “Universitário”, destinado a estudantes de nível superior, desde que comprovem vínculo, os quais terão um custo mensal de R\$ 11,90. Já o mais caro, é o “Familiar”, que disponibiliza a associação de até 6 contas para familiares do mesmo endereço, contado com um *app* separado, disponível até para as crianças, na versão assinatura ou pré-paga, no valor de R\$ 34,90.

O *Spotify* e os conteúdos por ele circulantes não são os únicos que obtêm lucros com a produção de *podcasts*. Na pesquisa realizada pela ABPOD com os produtores e produtoras, 24,7% da comunidade entrevistada recebe alguma receita com a produção de *podcasts*, além do mais, o mercado de trabalho também tem se movimentado pelas plataformas *streams* com 14,6% dos *podcasts* remunerando suas equipes de produção. Entretanto, o financiamento coletivo continua sendo a principal forma de remuneração, destacando-se com 52,4% comparado a 12,10% do patronato.

Diante da diversidade de conteúdo, informações e produções de áudio do agregador, dividiremos, orientados pela estratégia dos pesquisadores Lima e Picanço, os *podcasts* aqui selecionados como fontes em duas categorias, quais sejam, acadêmicos e informativos. De acordo com a classificação dos autores, então, nossas fontes correspondentes a *podcasts* acadêmico e informativo são, respectivamente, o canal “Estudos Medievais” e o “Medievalíssimo”. O “Estudos Medievais” é ligado ao Laboratório de Estudos Medievais do núcleo da Universidade de São Paulo, e os

¹⁵² SPOTIFY. Direitos sobre dados e configurações de privacidade. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/article/data-rights-and-privacy-settings/>. Acesso em: 13/09/2023.

organizadores Isabela Alves e Eric Cyon, em entrevista a Bruno Rosa, produtor de outra fonte nossa, contaram que a proposta de um laboratório de pesquisas sobre o tema para a USP e a UNICAMP surgiu em meados dos anos de 1990, através dos professores Marcelo Cândido e Neri de Barros. Hoje, no país, há diversos laboratórios de pesquisa com foco principal no medievo, inclusive, na UFTM, administrado pela professora Cláudia Bovo, coordenadora do perfil do *Instagram*, o “Barbaridades Medievais”. Já o canal “Medievalíssimo” é organizado pelo historiador Bruno Rosa que se dedica a transmitir diferentes assuntos sobre o universo medieval de maneira menos erudita, sem deixar de estar comprometido com a produção científica. Além também de ser responsável por conectar diferentes produtores e produtoras de conhecimento sobre o medievo no ambiente digital, como veremos na quarta seção do presente trabalho.

Buscando conhecer mais sobre dilemas das produções, preparação de roteiros dos *podcasts* e compreensão a respeito do neomedievalismo, a seção a seguir será destinada a analisarmos as entrevistas realizadas com os produtores de nossas fontes. Tivemos a oportunidade de conversar diretamente com Bruno Rosa, pensador, criador e idealizador, do “Medievalíssimo”, além do contato com o doutorando José Francisco Fonseca, membro da equipe do *podcast* “Estudos Medievais”. Os produtores receberam, com antecedência da entrevista, um roteiro contendo cinco questões sobre o universo de produções de *podcasts* e a circulação do conhecimento histórico nas mídias sociais, principalmente sobre a temática medieval, a qual se dedicam. As entrevistas foram realizadas de maneira online, através da plataforma *Google Meet*, no mês de agosto, com duração de 1h a 1h30min.

3.2. De entrevistadores a entrevistados: conversando com os produtores de *podcasts*

De acordo com as pesquisadoras, Júlia Matos e Adriana Senna, os estudos interessados na temática da História Oral começaram a se desenvolver na América Latina no século XX, por volta de 1970, atrelando as áreas da História e da Antropologia. O contexto de tensão vivenciado na Europa contribuiu para que questões relacionadas ao tempo presente ganhassem destaque, e as fontes orais são de fundamental importância para compreendermos a memória individual e coletiva dos sujeitos históricos. Além disso, Matos e Senna compreendem que a memória é sempre uma construção do tempo presente, mas a partir de vivências do passado, assim, definem a História Oral como a

[...] busca [por] registrar - e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.¹⁵³

Como uma das principais ferramentas da História Oral, as entrevistas possuem um duplo caráter enquanto de fonte pesquisa e testemunhos vivos dos sujeitos que vivenciaram determinado tempo histórico. Além disso, como defendem as pesquisadoras, as entrevistas se tornam fontes apenas a partir do momento em que são transcritas pelo historiador, pois, em um futuro próximo, tornar-se-ão também objeto de interesse de outros estudiosos.¹⁵⁴ Assim, inspiradas nas técnicas de João Lodi, propõe os seguintes caminhos para a elaboração de um roteiro de entrevista: a escolha da forma da entrevista, o perfil do público a ser entrevistado e a validação das respostas a partir da comparação com outra fonte externa, com outro entrevistado, ou ainda, observando as incertezas esboçadas pelo entrevistado¹⁵⁵.

Interessados em conhecer a compreensão dos produtores de nossas fontes acerca dos debates de produções digitais, História Pública-Digital e também Neomedievalismo, realizamos no mês de agosto/2023 entrevistas com o produtor e historiador Bruno Rosa, idealizador do canal “Medievalíssimo” e José Francisco Fonseca, integrante do canal “Estudos Medievais” atrelado ao LEME-USP. As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, através da plataforma *Google Meet*, com horário e data agendada previamente com os produtores. Como esboçado no projeto submetido, as entrevistas foram gravadas apenas para consulta e trechos transcritos, indiretamente, irão compor a dissertação.

O contato para agendarmos a entrevista também foi o momento de envio do roteiro de questões (Apêndice 1) que elaboramos para os entrevistados, com o intuito de discutirmos a produção de nossas fontes de *podcasts*, abordando pontos como organização, dificuldades de produção e entendimentos sobre temáticas, como Neomedievalismo, produções digitais pela academia brasileira e sujeitos ligados a ela. Na presente seção, nos dedicaremos a analisar o público que compõe nossas fontes a partir de dados oferecidos pelos idealizadores, além também de apontarmos as semelhanças e

¹⁵³ SENNA, Adriana Kivanski de; MATOS, Júlia Silveira. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, n. 2, v. 1, 2011, p. 97.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 104.

¹⁵⁵ LODI, João Bosco. **A entrevista: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1977, p. 19 *apud* SENNA, Adriana Kivanski de; MATOS, Júlia Silveira. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, n. 2, v. 1, 2011, p. 97.

as diferenças entre as fontes no que tange à importância da divulgação histórica para a comunidade de historiadores e o próprio ofício. No mais, discutiremos os usos e as apropriações da História Medieval por meio do conceito de Neomedievalismo e como nossas fontes, os *podcasts* “Medievalíssimo” e “Estudos Medievais”, têm abordado o assunto. Assim, temos a oportunidade de estabelecer contato direto com os produtores e idealizadores, atrelando debates da História Pública-Digital às estratégias da História Oral.

Ao iniciarmos a entrevista, o professor e produtor de *podcast* “Medievalíssimo”, Bruno Rosa, ressaltou a importância de entendermos para que serve a História Pública e quem deve produzi-la. Como definição de História Pública, Rosa, afirmou ser uma ciência histórica feita para o público, além da academia, com o mesmo rigor da pesquisa acadêmica, mas com adequações para possibilitar o entendimento dos diversos públicos. Estas adequações dizem respeito, principalmente, a linguagem, buscando ser mais simples para se tornar compreensível. Além do mais, compreende que a História Pública possibilita a ampliação dos espaços de produção e do próprio ofício, pois uma “boa História Pública é feita pela academia ou pessoas próximas a ela”. Assim, esta ciência histórica possibilita valorizar a pesquisa, e ao mesmo tempo, o espaço dos pesquisadores, afirmando que sujeitos que não pertencem ao campo da história não devem abordar com caráter de autoridade e veracidade sobre ela.

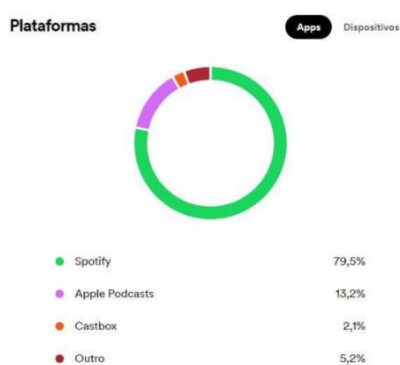
O entrevistado José Francisco Fonseca, ligado ao *podcast* “Estudos Medievais”, coaduna da proposta de Rosa, ao afirmar que a produção de conhecimento para o público geral não é só uma possibilidade, mas também um dever para a extensão, além das atividades de pesquisa. Inclusive, como prevê o Conselho Nacional de Educação, em sua resolução de nº 7, de 18 de dezembro de 2018, as instituições de educação superior do país devem assegurar no mínimo que 10% do total de créditos curriculares sejam aplicados em atividades de extensão, visando uma integração dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade através de trocas de conhecimento que possibilitem, por exemplo, o enfrentamento de questões da própria sociedade. Ao comentar sobre o surgimento dos “Estudos Medievais”, Fonseca destacou que as pretensões de se fazer um *podcast* sobre pesquisas desenvolvidas nas instituições públicas surgiu no início da pandemia da Covid-19, e diante das diversas possibilidades de redes sociais, escolheram os *podcasts* por três motivos: flexibilidade do tema e do tempo; por ser uma ferramenta

acessível tanto na formatação, quanto na divulgação; e, crescimento de acesso aos programas desta mídia digital.

A equipe que compõe o *podcast* atrelada ao Laboratório de Estudos Medievais da USP (LEME/USP), além de desempenhar seu papel extensionista, com resultados satisfatórios, vem conquistando os “foninhos” daqueles que vivem na *podosfera* do *Spotify*. De acordo com dados oferecidos e autorizados para compartilhamento por Fonseca, o *Spotify* se destaca com 79,5% (Gráfico 4) entre as demais plataformas onde os internautas do *podcast* “Estudos Medievais” acompanham os episódios do canal. Além disso, o público é, majoritariamente, masculino com 69,5% em detrimento a 27,3% das mulheres e possuem entre 45 a 59 anos (24,2%).

Os dados mostram ainda que os episódios do canal foram reproduzidos 157 mil vezes e a demanda de conteúdo é por temas atrelados a imagem de uma Idade Média de conflitos, como é o caso de episódios sobre as cruzadas e a inquisição. Além da temática, episódios mais longos e os de língua estrangeira apresentam queda na quantidade de ouvintes se comparados aos disponíveis em português, como é o caso do episódio “Estudos Medievais Mundus 03 - Histoire et climat” em francês com apenas 1.102 reproduções enquanto o episódio “Estudos Medievais 02 - A Invenção das Cruzadas” conta com 9.223 reproduções.

Gráfico 4- Plataformas de reprodução dos ouvintes do podcast “Estudos Medievais”



Fonte: Arquivo José Francisco Fonseca – Dados obtidos em 2023

Ao ser questionado sobre o perfil do público de ouvintes do canal “Medievalíssimo”, Rosa comentou que ao hospedar o canal em um *host*, como produtor, tem acesso a informações demográficas, por exemplo sobre gênero, idade, plataformas e localização. Assim como no caso dos “Estudos Medievais”, o público do canal de Bruno

Rosa é, majoritariamente, masculino, em média 65%, entretanto, atende as demandas de um público mais novo, entre 25 a 30 anos. Em ambos os casos, são sujeitos que não estão na Educação Básica, podendo estar ou não na faculdade, como aponta Rosa.

Diferentemente do LEME/USP, Bruno Rosa propõe uma relação mais intimista com seus ouvintes criando, por exemplo, um grupo em outra rede social através de um contato muito respeitoso e com o mesmo interesse de discussão: a Idade Média. Os pesquisadores dos “Estudos Medievais” segundo Fonseca, também fazem trabalhos de divulgação em outras mídias, principalmente, no *Instagram*, ao compartilharem a capa do episódio, acompanhada de um texto de divulgação uma semana após a postagem do conteúdo. Com isso, percebemos que o conhecimento sobre o período medieval vai tecendo redes de trocas, entre produtores e ouvintes, que não se limitam apenas a uma mídia, mas é a partir do *Spotify*, por exemplo, que a produção se torna acessível e possibilita a circulação da História, no caso medieval, pelo ambiente digital.

No que tange à preparação e construção dos roteiros, ambos demonstram uma proposta colaborativa entre produtores e quem será entrevistado, geralmente, pesquisador ou especialista na área temática do episódio. Os “Estudos Medievais” é composto por uma equipe de pesquisadores formada por estudantes da graduação, responsáveis pela edição dos *podcasts*, e pós-graduandos, designados a construir o roteiro para dois episódios a serem compartilhados por mês. Após realizarem um balanço dos temas clássicos e como este vêm sendo estudados nas universidades públicas brasileiras, os temas são divididos entre a equipe e cada membro fica com duas até três temáticas, a depender da afinidade do pesquisador. Rosa também opta por trabalhar com temas que possui mais proximidade e interesse, como os usos e as apropriações da Idade Média e as questões atreladas ao gênero feminino.

Ao escolherem a temática e compartilharem com pesquisadores também interessados, os produtores dos *podcasts* atendem ao exercício historiográfico proposto por Marc Bloch. A partir do momento que escolhem trilhar um caminho de exploração da História Medieval, estão conscientes de que o itinerário estabelecido pelo roteiro não será seguido de maneira restrita, estando abertos para que a ciência histórica não se construa limitada a sua própria escolha, mas é por meio do tema selecionado que o conhecimento será construído em conjunto com outros pesquisadores. E, posteriormente, consumido e julgado pelo público do ambiente digital, que pode gostar ou não do que é compartilhado, permanecendo ou pulando para outro episódio.

Por infelicidade, à força de julgar, acaba-se, quase fatalmente, por perder até o gosto de explicar. [...] Quanto a isso, o que me importa a decisão retardatária de um historiador? Apenas lhe pedimos que não se deixe hipnotizar por sua própria escolha a ponto de não mais conceber que uma outra, outrora, tenha sido possível. A lição do desenvolvimento intelectual da humanidade é, no entanto, clara: as ciências sempre se mostraram mais fecundas e, por conseguinte, muito mais proveitosas, enfim, para a prática, na medida em que abandonavam mais deliberadamente o velho antropocentrismo do bem e do mal.¹⁵⁶

Após a escolha do tema, o pesquisador responsável dos “Estudos Medievais” compartilhará o roteiro com o professor, contendo de três a quatro questões, deixando claras as fontes e a estrutura da entrevista. Geralmente, comenta Fonseca, a entrevista contém uma introdução, acompanhada de perguntas mais específicas e finalizam com uma conclusão sobre como aquela temática é apropriada contemporaneamente. A proposta de dialogar com questões do presente atende ao objetivo do *podcast* em não ser um fim, mas oferecer suporte, como o material de apoio, para o público poder se aprofundar. Rosa em seu *podcast* trilha também este caminho, ao disponibilizar além dos episódios, referências bibliográficas e até acervos de imagens no site do “Medievalíssimo” atrelado ao projeto do “ClioCast” que reúne uma série de pesquisadores e historiadores relacionados a temáticas diversas sobre História.

As dificuldades apontadas por Bruno Rosa e José Francisco destoam principalmente pelas diferenças formativas dos *podcasts* e de manutenção, inclusive financeira. O produtor do canal “Medievalíssimo” mantém toda a estrutura do *podcast*, sem contar com o apoio de uma equipe. Além do mais, por ser professor de Educação Básica, encontra dificuldades em conciliar as demandas como professor e como produtor. Para produzir um *podcast* com qualidade, Rosa estima a necessidade de no mínimo 15 horas da sua semana. Diferentemente do “Medievalíssimo”, os “Estudos Medievais” é atrelado a Universidade de São Paulo e, por isso, recebe, por exemplo, bolsas de estudos para a manutenção de pesquisadores da graduação voltados para a edição dos episódios. Além disso, sendo uma equipe, conseguem dividir as tarefas para não sobrecarregar os integrantes do *podcast*. Apesar da produção em conjunto, encontram dificuldades em selecionar temas e professores participantes, e o tempo também se torna um problema, pois nem sempre conseguem conciliar os horários entre os entrevistados e os produtores.

¹⁵⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, pp. 126-127.

Após discutirmos temáticas, dificuldades e estratégias para compartilhamento dos episódios, a última questão foi direcionada a compreendermos de que maneira os produtores concebem o tema do Neomedievalismo. Ao ser questionado sobre o assunto, Rosa associa os conceitos de medievalismo e Neomedievalismo e acredita este ser o tema principal sobre a Idade Média no tempo presente. Este destaque para a temática, aponta o produtor, pode se tornar um perigo a partir do momento em que a Idade Média é apropriada e utilizada como anti-história, voltada para a construção de discursos de cunho conservador e religioso. Um exemplo disso é citado por Rosa sobre manifestações de pessoas se vestindo de vikings e saindo às ruas, como aconteceu na invasão de Capitólio, nos Estados Unidos, no ano de 2021. Coadunamos da proposta do pesquisador que acredita na justificativa do interesse pela Idade Média residir em questões de ordem psicológica, no sentido de que, apropriações como aquela são potentes por serem imagens fantasiosas, que se quer existiram de verdade, como uma História Medieval estritamente conflituosa vivida por guerreiros fortes, corajosos e destemidos.

Já no caso dos episódios dos “Estudos Medievais”, Fonseca afirma que a recepção e a apropriação da Idade Média são trabalhadas com mais profundidade nos tópicos discutidos durante as entrevistas. O exemplo mais próximo sobre a Idade Média no século XXI, é o episódio 09 com a participação da professora Cláudia Bovo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), coordenadora do perfil do *Instagram* @barbaridadesmedievais, e da Néri de Barros, professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no qual discutem sobre a importância da Idade Média para a Educação Básica e para as questões do tempo presente. Além disso, ao fazer a escuta dos *podcasts*, percebi que ao final das discussões, como no caso do episódio “Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc”, refletem sobre apropriações da imagem da guerreira Joana d’Arc em discursos anti-comunistas e islamofóbicos no século XXI.

Nesse sentido, podemos perceber que as fontes analisadas têm produzido conteúdos e discussões relacionadas a Idade Média, mas que não estão desassociadas de questões sobre temas do tempo presente. O ofício dos historiadores ultrapassou os limites dos muros físicos das instituições de ensino e tem alcançado cada vez mais seguidores e ouvintes imersos no ambiente digital. Destaco também, a importância da academia brasileira e seus sujeitos, principalmente, aqueles atrelados ao ensino público, que ofertam conhecimento de maneira acessível, com qualidade de produção, sem deixar de lado as ferramentas próprias dos historiadores, como fontes, exploração de documentos e

metodologias de pesquisa. As mídias digitais têm possibilitado a criação de redes de conhecimento sobre História e quando produzida por especialistas, fortalece e ocupa um espaço que deve ser preenchido, a fim de se evitar apropriações indevidas e discursos anti-história, como os citados por Bruno Rosa.

3.3. Falando e ouvindo mulheres: o protagonismo feminino

Ao analisar o escopo de episódios publicados por nossas fontes, tanto o *podcast* “Medievalíssimo”, quanto os “Estudos Medievais”, no período de março/2020 a março/2021, observamos temáticas em comum que serão abordadas nesta e na próxima seção. O protagonismo feminino nas mídias se refere à produção de conteúdo sobre o universo das mulheres no medievo e, também, à historiografia feminina produzindo História nas mídias digitais. Ou seja, são mulheres da contemporaneidade produzindo, pesquisando e divulgando seus estudos sobre as mulheres do medievo.

Sobre o assunto, Bruno Rosa, produtor e organizador do *podcast* “Medievalíssimo”, dedicou importante espaço para mulheres historiadoras ao abordar, por exemplo, lendas como da dama do lago e das guerreiras Válquirias, integrantes da cultura germânica medieval. Já o *podcast* “Estudos Medievais”, tem apenas o episódio “Estudos Medievais Perfil 01” sobre mulheres, sendo uma personagem com muita apropriação no tempo presente, a saber Joana d’Arc. O formato do episódio sobre a guerreira francesa faz parte de uma série bibliográfica dedicada a aprofundar os debates sobre personalidades atreladas ao universo medieval.

Os episódios do *podcast* “Medievalíssimo” são produzidos em dois formatos diferentes: um deles são os *drops*, ou seja, episódios de curta-duração, com no máximo 10 minutos, sobre personalidades, lendas ou outras temáticas ligadas ao medievo em que a fala é exclusiva do produtor Bruno Rosa; já outro deles, são episódios sequenciados como “Medievalíssimo #(número da produção): Título do episódio”, em que, os convidados ou convidadas serão entrevistados, com um roteiro previamente construído em colaboração com Rosa, e tem uma duração mais extensa, em média de 1h até 2h de entrevista. Além dos episódios produzidos, a depender da temática e do acesso às fontes, Rosa disponibiliza um dossiê virtual em outra plataforma digital, o *Clio na História*, ao qual o *podcast* “Medievalíssimo” está atrelado, além de conter também informações e referências citadas pelos convidados durante a entrevista.

A estrutura adotada por Bruno Rosa propõe construir um conhecimento histórico sobre o medievo no ambiente digital em redes, por isso, não está restrito apenas a uma plataforma. Além do mais, o produtor destacou, durante a entrevista, que ao escutar o *podcast* o internauta tem um primeiro contato com a temática e caso deseje aprofundar seus conhecimentos, pode, assim, consultar as sugestões de referências. Ao abordar a temática feminina no *podcast*, Rosa adota dois caminhos, quais sejam: possibilitar a divulgação e o protagonismo feminino e, principalmente, reavivar temáticas e personalidades do medievo, em que, mulheres ocupam espaços de poder, como rainhas, feiticeiras e guerreiras.

No mês de março temos a comemoração do Dia Internacional da Mulher e como uma forma de homenagem, o *podcast* “Medievalíssimo” convidou diversas historiadoras para divulgarem suas pesquisas. A organizadora de outra fonte analisada por nós, integrante do Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade, a professora Daniele Gallindo, exaltou as mulheres de sua vida, além de abordar maneiras de não reproduzirmos o obscurantismo feminino durante o medievo. Para isso, Gallindo reforça os três espaços ocupados pelas mulheres no que tange a temática germânica, são eles: poderosas, sendo rainhas ou membros da elite local; religiosas; e literárias construídas como projeções do masculino.

O importante sobre Canegunde (de Luxemburgo) não é sobre sua canonização, mas o quanto politicamente ela conseguiu governar [...] mas é o poder político [...] o quanto ela conseguiu engendrar manobras para influenciar [...] delimitações territoriais, acordos de paz, etc. Essa é a grande rainha de Canegunde. [...] Outra parte dessa elite é ocupada pelas religiosas, talvez o grande exemplo que seja conhecido é a Hildegarda de Bingen [...] e a importância dela vai em vários níveis, tanto nos escritos religiosos, quanto no conhecimento das ervas. [...] talvez seja das figuras a mais estudada atualmente no Brasil, por conta da tradução da obra completa no Brasil, e também do tanto que ela se torna propagadora do seu conhecimento e do seu poder no mosteiro. [...] percebemos de forma mais concreta como estas figuras são construídas como projeções do masculino, [...] e na literatura, essas mulheres, [...] são criações deste masculino.¹⁵⁷

Outra mulher também considerada poderosa é a rainha da Inglaterra, conhecida por vários nomes de origem anglo-saxã e franca, a duquesa de Aquitânia foi o foco de enredos de lendas circulantes durante a baixa Idade Média. No episódio “Medievalíssimo Drops: Alienor de Aquitânia”, de 17/03/2021, Rosa conta que Aquitânia se tornou órfã

¹⁵⁷ Medievalíssimo #019: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval. Entrevistadas: Beatriz Breviglieri; Daniele Gallindo e Hayanne Porto. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 04 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1Zc46NZEfzgUjLZ1K4wLA9?si=5eb551c6f9174589>. Acesso em: 25/09/2023.

de pai aos 15 anos, mas segundo a lenda, seu pai, antes de morrer, teria pedido ao rei Luís VI que se casasse com sua filha, e o rei aceitou o seu pedido. Em um acordo matrimonial firmado na Catedral de Santo André, em 1137, Alienor e Luís tiveram dificuldades de se apaixonar. Além disso, o casal só teve filhas mulheres. Daí a justificativa de consanguinidade foi utilizada para a anulação do casamento, já que, o poder real não podia ser transmitido para mulheres. Em seu segundo casamento, mesmo Aquitânia tendo 10 filhos, o matrimônio foi considerado um perigo político e, por isso, registros após sua morte associam seu nome a acusações de adultério que buscam manchar sua reputação.

O casamento também é discutido em outro episódio, no “Medievalíssimo #020: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval – Parte 02”, em que, a convidada Danielle Santos aborda o conceito de “*Queenship*” atrelado aos casamentos reais como uma fonte de poder. Segundo Santos, o conceito estuda os poderes inerentes à rainha, já que, sobre os homens foi estudado com intensidade. E, na perspectiva feminina busca sistematizar a bibliografia dos poderes das rainhas, pois eram múltiplos e os papéis passavam por mudanças de acordo com os acontecimentos, como a morte do rei¹⁵⁸. Uma das fontes de poder da *Queenship* é o casamento, para Santos, os casamentos reais são um momento importante e é através deles que dotes, apoios e alianças eram estabelecidos, como no caso de Portugal que preferia rainhas vindas da Península Ibérica. A proposta de casamento medieval esboçada por Santos coaduna do entendimento de Ana Clara Oliveira no que tange ao poder do casamento, não como uma particularidade dos noivos, mas sim como um compromisso que refletia sobre toda a família. Por isso, o momento exigia cautela para se evitar vergonha e não manchar a reputação da linhagem familiar.

O poder do casamento não recaía somente sobre os noivos, mas refletia em toda família, já que um matrimônio bem arranjado pelos pais era crucial quando fossem à “procura” de um marido ou esposa, pois seria levado em conta o histórico das linhagens, podendo tanto ajudar quanto atrapalhar o sucesso de “casar-se bem”. Portanto, selar um compromisso era algo que precisava de muita cautela, porque um casamento mal feito de qualquer membro da família, optando, por exemplo, amar alguém inferior a eles, seria uma grande vergonha que mancharia a reputação de toda a linhagem, passada e futura.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Medievalíssimo #020: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval – Parte 02. Entrevistadas: Danielle Santos; Flávia Amaral; Carolina Gual. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 18 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6fQmUT6QDyWgBHWbFXddYZ?si=7cde0b61109040b6>. Acesso em: 25/09/2023.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Ana Clara Cordeiro de. “O poder na Idade Média”. *Epígrafe*, São Paulo, v. 10, n. 2, 2021, p. 431.

Havia também o caso de mulheres aristocratas, que por serem viúvas e já terem filhos, não precisavam se casar novamente, como narra Marina Barros, convidada por Bruno Rosa para participar do episódio “Medievalíssimo #039: mulheres medievais que nos inspiram”, sobre a história de Christine de Pizan. Como o casamento não era uma obrigação, Pizan buscou outras formas de se manter e se tornou a primeira mulher escritora ocidental, em um espaço dominado por homens e clérigos. Barros utiliza a expressão “mulher à frente do seu tempo” para se referir a Pizan, justificando que, além de ocupar espaços que até então não eram explorados por mulheres, dedicou-se também a temas como misoginia sendo considerada, inclusive, uma das precursoras do feminismo na modernidade.

Olhar para a obra dela em 2022 e refletir sobre o todo o trabalho intelectual que ela teve até hoje, as mulheres continuam tendo muita produção intelectual que não é creditada a elas, e ela (Christine de Pizan) ter sido uma mulher que se colocou nessa posição de enfrentar até muitos críticos do sexo masculino e se colocar, argumentar filosoficamente, ela mostra uma visão que é invejável do alto dos finais do século XIV. [...] essa é minha mulher inspiradora.¹⁶⁰

O espaço de mulheres como guerreiras também é destinado para personalidades medievais, como é o caso das Valquírias e da Joana d’Arc. No episódio “Medievalíssimo Drops: As Valquírias”, Rosa comenta sobre a suposta violência durante a alta Idade Média fazer parte do nosso imaginário histórico, inclusive, segundo o *podcaster*, a morte honrada para recompensa no além-vida seria conquistada apenas em campo de batalha. Assim, as Valquírias seriam as responsáveis por escolher os que conquistariam o paraíso nórdico-germânico, e o critério de seleção passava pelo crivo da morte em batalha e também de forma honrada. Por este caráter guerreiro, afirma Rosa, as representações das Valquírias são apropriadas em decorrência de sua função, inclusive na atualidade, por exemplo, em produções da Marvel (Figura 26)¹⁶¹.

¹⁶⁰ Medievalíssimo #039: Mulheres medievais que nos inspiram. Entrevistadas: Marina Cabral Barros; Roberta Bentes e Beatriz Breviglieri. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 10 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4kqILE10mJuIBTr6oKj0zh?si=013e655791434a11>. Acesso em: 25/09/2023.

¹⁶¹ Medievalíssimo Drops: As Valquírias. Produtor: Bruno Rosa. *Spotify*, 09 dez.. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5GhKxPH2hV3enPIZsCGqfV?si=A13qf2qMTKCRuTH-xDxsOg>. Acesso em: 25/09/2023.

Figura 26– Atriz Tessa Thompson como “Valquíria” no longa “Thor: Ragnarok”



Fonte: Dossiê Visual Medievalíssimo¹⁶²

Outra guerreira analisada foi Joana d’Arc, tanto o *podcast* “Medievalíssimo”, quanto os “Estudos Medievais”, abordam esta personalidade francesa. No episódio “Medievalíssimo #020: Idade Média, Idade das mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval – Parte 02”, a convidada, professora Flávia Amaral, destacou o fato de uma jovem mulher, sem ser de linhagem nobre, gerou espanto ao estar à frente do exército francês na Guerra dos Cem Anos e, apesar dos enfrentamentos, sua situação extraordinária foi aceita. Para isso, a figura de Joana d’Arc foi associada a modelos greco-romanos, em que, mulheres podiam desempenhar papéis de protagonismo, e como herdeiros deste passado histórico, os franceses poderiam experimentar este modelo cultural. Inclusive, no tempo presente, há a persistência das multiplicidades de Joanas, como comenta Amaral no episódio “Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc” também convidada pelo *podcast* “Medievalíssimo”.

Ao ser questionada pela entrevistadora Isabela Alves, membro do *podcast* “Estudos Medievais”, sobre os cuidados que devemos tomar com as apropriações da imagem de Joana d’Arc por grupos da extrema-direita francesa, que se classificam como “católicos e patrióticos”, Amaral comentou sobre os usos e a retomada da memória da jovem guerreira. Desde a Segunda Guerra Mundial, relembra a professora, a figura de Joana d’Arc foi apropriada pela França tanto por aqueles que apoiaram os nazistas, quanto por aqueles com desejos libertários. Entretanto, o discurso de Joana d’Arc como uma figura de libertação vem perdendo força no século XXI para pautas contra imigração,

¹⁶² DOSSIÊ VISUAL MEDIEVALÍSSIMO. Atriz Tessa Thompson como “Valquíria” no longa “Thor: Ragnarok”. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/12/09/valquirias/>. Acesso em: 06/12/2023.

discursos anti-comunistas que realçam da figura francesa do trabalhador (pertencente a pátria) e movimentos islamofóbicos da extrema direita.

O movimento islamofóbico também muito relacionado a figura da Joana, existem algumas imagens que circulam em páginas de extrema-direita, colocando a Joana d’Arc como uma representante das cruzadas [...] e projetando isso para uma cruzada do século XXI contra o Islã dentro da Europa. Então, olha a margem [...] eles vão pegando estas nuances e fazendo estas apropriações [...] extremamente perigosas e descontextualizadas [...] e aí a Joana d’Arc encara a figura que vai lutar não só contra o Islã, mas também contra o feminismo.¹⁶³

A retomada de temáticas e personalidades femininas da Idade Média no tempo presente, para destacar o protagonismo das mulheres ou até mesmo ocupar um espaço, agora no ambiente digital, que, por muito tempo, na historiografia foi majoritariamente masculino, ressalta o caráter do neomedievalismo como um fenômeno da atualidade dialogando com a proposta de uma História Pública-Digital sobre o medieval, enfatizando cargos ocupados por mulheres. Esta proposta de releitura da escrita da História Medieval a partir do protagonismo feminino, como vimos, por exemplo, no episódio do *podcast* “Medievalíssimo”, a respeito do poder de articulação política e social das *Queenship*, dialoga tanto com a Idade Média histórica, quanto versa sobre um novo viés: as narrativas da história medieval não estão mais sob o domínio dos homens. No universo digital, as produções compartilhadas são de autoria de pesquisadoras e abordam temáticas e personalidades femininas.

O que os grupos de extrema-direita fazem ao reavivar a figura de Joana d’Arc, por exemplo, em movimentos islamofóbicos é se apropriarem do neomedievalismo como uma Idade Média imaginada para o tempo presente que se direciona a atender às demandas de perseguição e enfrentamento àqueles que por eles são odiados. Assim, ao adotarem estas posturas descontextualizadas da História, mais especificamente da História francesa medieval, elaboram novas imagens de Joana d’Arc que não correspondem à guerreira da França durante a Guerra dos Cem Anos. Na verdade, buscam construir, a partir da personagem, reflexos de destruição e luta contra os imigrantes do tempo presente, e não como o que acontecia com os guerreiros em campo de batalha, no qual a França e a Inglaterra permaneceram durante anos. É a memória de Joana d’Arc

¹⁶³ Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc. Entrevistada: Flávia Amaral. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, 02 ago. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4FM9ALQqZf4Y2iCPqUtxvu?si=db62ecb7f4494ec2>. Acesso em: 25/09/2023.

sendo retomada para atender projeções e ideias estapafúrdias de patriotismo e Estado Nacional, já experimentadas na França do século XXI.¹⁶⁴

3.4. Falando de História com historiadores: o digital como um espaço de produção

Na seção anterior nos dedicamos a discutir sobre a temática feminina em nossas fontes. Neste momento, iremos explorar os episódios, tanto do *podcast* “Medievalíssimo”, quanto dos “Estudos Medievais”, que têm como convidados historiadores e historiadoras, produtores e divulgadores de conhecimento histórico através das mídias digitais. Ao analisar o escopo de nossas fontes, no período de março/2020 a março/2021, pudemos perceber que a maioria dos entrevistados e das entrevistas são também com criadores e idealizadores de perfis do *Instagram* e canais de *podcasts* por nós estudados. Assim, através da prática da História Pública-Digital, além da historiografia conquistar o espaço digital, utilizando de metodologias próprias deste saber, adequadas ao ambiente digital, ela também tece redes de conhecimento que propõe trocas entre os pares e o público ouvinte da *podosfera*.

O episódio 25, intitulado “Divulgando a Idade Média feat. POIEMA”, tem como convidada a professora Daniele Gallindo que discutiu temáticas sobre a divulgação da Idade Média, da História Pública e do exercício da comunicação acadêmica com o público geral. Ao iniciar a entrevista, Bruno Rosa questionou a professora sobre o que é a História Pública. Em resposta, Gallindo a define a partir de palavras-chave que dão tratamento a amplitude da interdisciplinaridade possível de ser desenvolvida a partir da prática pública.

O quanto a História Pública está envolvida com a divulgação do conhecimento historiográfico, e da divulgação também, não só dos nossos trabalhos enquanto historiadores, mas também, de uma certa forma de divulgação combativa, combativa é algo mais prático que historiografia. Tem a ver com educação [...] consciência histórica, vai aparecer por aí com o “barbaridades medievais”. Tem a ver com interdisciplinaridade, a gente não consegue fazer História Pública se não tiver uma pegada interdisciplinar. [...] a gente precisa de “n” ferramentas para ver o que tem de melhor para a nossa forma de divulgação do conhecimento.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc. Entrevistada: Flávia Amaral. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, 02 ago. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4FM9ALQqZf4Y2iCPqUtxvu?si=db62ecb7f4494ec2>. Acesso em: 25/09/2023.

¹⁶⁵ Medievalíssimo #025: Divulgando a Idade Média feat. POIEMA. Entrevistada: Daniele Gallindo. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 25 mai. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Z8c7Xv7673ttZMMpVcp2u?si=dda10ce657d142e8>. Acesso em: 27/09/2023.

Assim, a História Pública, para Gallindo, é uma prática de divulgação combativa que passa também por outras áreas. Além de conhecer e ter domínio sobre a historiografia, a partir do momento em que historiadores e historiadoras se propõem a praticar e compartilhar o conhecimento histórico nas redes e mídias digitais, precisam conhecer também as estratégias e ferramentas de cada rede, e, principalmente, a demanda do público. Bruno Rosa reforça, durante a entrevista, que a História Pública precisa de dois recortes, o como e o quem. Concordando com a proposta de escolha do nicho, a professora acredita que este altera as produções. Em outro episódio, produzido pelo *podcast* “Estudos Medievais”, o historiador Eric Cyon entrevistou Filipe Figueiredo, um dos criadores do site “Xadrez Verbal”. Figueiredo também abordou os riscos possíveis dessa amplitude de fontes e de participantes da *internet*.

Figueiredo inicia sua análise expondo lados positivos e negativos sobre a *internet*. Se nos anos de 1990 a 2000, a História Pública era restrita às televisões públicas ou àqueles que tivessem aporte financeiro, com o advento e a expansão da *internet* o filtro se tornou muito mais recortado pelo público do que pelo financiamento. A grande vantagem para Figueiredo é o fato de que coisas ou temas que não seriam expostos, agora podem ser. Entretanto, os pontos negativos passam tanto pelas limitações que as próprias redes impõem, como é o caso dos algoritmos¹⁶⁶, quanto pela disseminação da “boa informação” que também é acompanhada por iniciativas ruins, carregadas de desinformação¹⁶⁷.

Em defesa de uma História Pública combatente, mesmo enfrentando desinformações, Gallindo acredita que é preciso compartilhar este conhecimento de maneira mais lúdica, explicando por que usos do passado são construídos com contornos preconceituosos e o que está por traz destas construções, buscando-as problematizar. Além do mais, Gallindo e Rosa reforçam os objetivos e deveres do ofício dos

¹⁶⁶ De acordo com o portal “Olhar digital”, os algoritmos são a base da programação dos computadores e foram criados para resolver problemas. Com isso, utilizam de uma entrada através de dados fornecidos pelos usuários e fornecem uma saída ou resultado para os problemas. No caso das mídias digitais, então, as plataformas utilizam dos dados mais interessantes, acessados e fornecidos pelos internautas para oferecer conteúdo e publicações filtradas e selecionadas pelo algoritmo. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/07/05/internet-e-redes-sociais/o-que-e-algoritmo/>. Acesso em: 27/09/2023.

¹⁶⁷ Estudos Medievais 15: A História Pública. Entrevistado: Felipe Figueiredo. Entrevistador: Eric Cyon. *Spotify*, 06 set. 2021, *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/23tyU7NyssPE5wZzBslcY6?si=e283abac54614948>. Acesso em: 27/09/2023.

historiadores de que, ao fazer História também fazem política, mesmo com uma linguagem mais livre, existem métodos e não mera expressão de opinião.

O problema da difamação da Idade Média. [...] É dar a este conhecimento uma forma mais lúdica que seja mais acessível através da linguagem para desconstruir preconceitos. E outra, é a ideia de usos do passado, que é o uso do passado [...] como enaltecimento também, porque o enaltecimento da Idade Média nos gera vários problemas.¹⁶⁸

Ao responder a pergunta “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’”? Michel de Certeau, reconhece que não é possível apagar as particularidades do lugar de onde fala e domina o historiador durante a sua investigação. Por isso, ao considerar a História como uma operação, o autor acredita compreendê-la a partir da relação entre o *lugar*, seja um meio ou ofício, e os *procedimentos de análise*, como uma disciplina. Então, os criadores dos *podcasts* “Medievalíssimo” e “Estudos Medievais” e também do perfil @poiemaufpel, idealizado por Gallindo, fazem uma História a partir do local de fala dos historiadores. Adotando procedimentos de análise que são próprios da prática historiográfica no ambiente digital, combinando elementos metodológicos para análise de fontes com uma linguagem lúdica, que busca problematizar discursos e usos do passado ao tempo presente.

Ao explorarmos nossas fontes, tanto os *podcasts* quanto os perfis do *Instagram*, podemos observar os *procedimentos de análise* da História enquanto disciplina praticada através das mídias digitais. Durante a entrevista com a professora Gallindo, Rosa questionou sobre o surgimento do POIEMA e qual é o público dele. Em resposta, a professora comenta que se trata do Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade da Universidade Federal de Pelotas, que teve início em 2018. Tendo como coordenadora a própria Daniele Gallindo, o Polo surgiu a partir de um trabalho feito durante um evento responsável por reunir diversos pesquisadores interessados na temática medieval. Com a pandemia, a estratégia dos integrantes do POIEMA passou por mudanças, adequando-se às produções de *cards* informativos, de forma rápida e acessível, mas preocupados em manter o método de pesquisa em História. Atualmente, afirma Gallindo, estão ocupando diversas redes, como *Youtube*, *Instagram* e *Facebook*, com

¹⁶⁸ Medievalíssimo #025: Divulgando a Idade Média feat. POIEMA. Entrevistada: Daniele Gallindo. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 25 mai. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Z8c7Xv7673ttZMMpVcp2u?si=dda10ce657d142e8>. Acesso em: 27/09/2023.

publicações em formato de eixos temáticos, buscando-se construir uma rede de produção de conhecimento.

Vai começando como um projeto, depois para as redes sociais [...] e a gente está aí, não disputando espaço, mas agregando com os laboratórios, a gente contribui bastante com o “Barbaridades”, com o “Medievalíssimo”, e tá todo mundo sempre distribuindo informações. [...] a História Pública é rede, quanto mais a gente tá junto, mais a gente se fortalece e [...] evita que a gente seja deslegitimado.¹⁶⁹

A importância do conhecimento construído nas redes trilha um caminho que não se inicia nas mídias digitais, mas é a partir delas, que este conhecimento histórico tem a possibilidade de ser compartilhado e até mesmo agregado pelo público. Podemos observar este fenômeno na criação do POIEMA que foi iniciado a partir de trocas em eventos sobre a temática medieval e hoje, mantém a troca e continuidade da produção de conhecimento em redes através das mídias digitais, não abandonando os métodos de pesquisa, como o uso e a problematização das fontes, mas adequando o discurso ao ambiente digital e também dominando os recursos oferecidos pelas plataformas onde o conteúdo é compartilhado.

O Laboratório de Estudos Medievais, ligado à Universidade de São Paulo (USP), também é outro exemplo deste fenômeno. Em entrevista ao produtor Bruno Rosa, os pesquisadores Eric Cyon e Isabela Alves, que integram o Laboratório, comentam que tais Laboratórios Pesquisa começaram a surgir ainda nos anos noventa, com o intuito de contribuir com os Estudos Medievais e com a promoção de formação de redes entre os historiadores. Então, mesmo antes do advento e da expansão das mídias digitais, a proposta de construção de conhecimento em redes já era de interesse de instituições públicas do Brasil, como é o caso da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de São Paulo (USP).

Então, o surgimento dos laboratórios atacou de frente aquele problema que eu mencionei antes, do isolamento, e ele fez isso ao reunir os pesquisadores e os alunos em formação e ao proporcionar ambientes para as trocas; pra estabelecer contato; pra aprendizagem e também formação em grupo. [...] Então, a criação do LEME, se insere nesse conjunto [...] naquele período de difusão dos centros de pesquisa, de fortalecimento e sistematização do trabalho aqui no Brasil [...] a questão da tecnologia facilitou muito, porque os arquivos e as bibliotecas com a bibliografia [...] sobre História Medieval estão na Europa. Então, é muito difícil pra gente ter acesso a eles, né?! E com a internet,

¹⁶⁹ Medievalíssimo #025: Divulgando a Idade Média feat. POIEMA. Entrevistada: Daniele Gallindo. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 25 mai. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Z8c7Xv7673ttZMMpVcp2u?si=dda10ce657d142e8>. Acesso em: 03/10/2023.

a gente tem acesso a uma série de artigos, a capítulos e a livros inteiros, a teses que a gente não tinha antes.¹⁷⁰

A partir da fala da professora Gallindo e dos pesquisadores Cyon e Alves, podemos perceber as fases dos estudos medievais no Brasil. Andréia Silva em seu artigo intitulado “Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar”, afirmou que tais investigações ingressaram no país de maneira desigual, se comparado a outras áreas, mas com a popularização da internet, após a década de 1990, oportunizou a troca mais rápida entre os especialistas. Com o aumento da demanda e da oferta de disciplinas sobre a temática medieval, os Programas de Pós-graduação e os Laboratórios de Pesquisa cresceram e possibilitaram a integração entre pesquisadores de diversos níveis de formação e ainda a prática de atividades de extensão.¹⁷¹ Acrescentaria à proposta de Silva que, além da demanda acadêmica, a expansão da *internet*, mais especificamente das mídias digitais, também possibilitou as atividades extensionistas da universidade pública atravessarem os pares e os muros acadêmicos, proporcionando uma divulgação acadêmica dialógica entre pesquisadores e internautas.

Durante a entrevista com Bruno Rosa, Isabela Alves pontuou o interesse do LEME em buscar integrar os pesquisadores interessados na temática medieval, por meio de “Jornadas Medievais” que reúnem pesquisadores para apresentarem seus trabalhos, além também de ofertar um espaço de interlocução. A Universidade Pública além da atividade extensionista, ressaltam os pesquisadores, também é uma das principais responsáveis por fortalecer os laços entre pesquisadores e instituições estrangeiras, ao oferecer financiamento público para pesquisa e atividades de extensão.¹⁷² O Laboratório de Estudos Medievais da USP é responsável por promover diversas práticas públicas que podem ser exploradas pelos pesquisadores, como é o caso do “Guia Medieval”¹⁷³ e do

¹⁷⁰ Medievalíssimo #028: O que é o LEME? Feat. Eric Cyon e Isabela Alves. Entrevistados: Eric Cyon; Isabela Alves. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/54gk6U6pDa2R8cVQBVEgwc?si=fecffe372cd846e5>. Acesso em: 03/10/2023.

¹⁷¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. *Medievalis*, Vol. 1 (2), 2013, pp. 04-07.

¹⁷² Medievalíssimo #028: O que é o LEME? Feat. Eric Cyon e Isabela Alves. Entrevistados: Eric Cyon; Isabela Alves. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/54gk6U6pDa2R8cVQBVEgwc?si=fecffe372cd846e5>. Acesso em: 03/10/2023.

¹⁷³ O “Guia Medieval” é um indexador de conteúdos relacionados a temática medieval e possuem autores e formatos variados, desde livros até *podcasts* produzidos por pesquisadores latino-americanos. O projeto é uma iniciativa do Laboratório de Estudos Medievais, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e apoiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo. Ver mais em: <https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/o-guia/>.

podcast “Estudos Medievais”, quanto por professores da Educação Básica, ao produzirem o jogo “Os Triunfos de Tarlac”¹⁷⁴.

As mídias digitais também abriram espaço não só para que o conhecimento acadêmico circulasse além dos limites das universidades, mas também para produções que não têm a mínima ligação com a Idade Média Histórica. Ao ser entrevistado por Bruno Rosa, Luiz Guerra, no episódio 33, intitulado de “O que é o neomedievalismo? Feat. Luiz Guerra”, propõe limitações conceituais para os entendimentos sobre medievalismo e neomedievalismo.

Assim, para Guerra, o medievalismo é tudo o que fala e se produz sobre a Idade Média, em contrapartida, o neomedievalismo é uma outra camada de produção fruto da mídia, propenso a produzir revisionismos históricos.¹⁷⁵ Entretanto, discordo da proposta de Guerra, pois as instituições e a historiografia atual produzem uma História Pública-Digital que também não deixa de ser neomedieval pelo seu suporte na circulação e na construção de redes de conhecimento no ambiente digital. E nem por isso, deixam de ser ciência histórica ou se transformaram em ficção. Na verdade, tornam-se um meio de uma história combativa, como propõe Gallindo, para problematizar apropriações da Idade Média no tempo presente.

Nesse sentido, a partir dos episódios dos *podcasts* analisados, podemos perceber que o *Spotify* se torna um espaço de trocas de conhecimento histórico, não apenas entre os entrevistados e o entrevistador, mas também entre quem produz e quem consome estes episódios. Assim, o conhecimento histórico elaborado dentro das universidades e instituições de ensino, principalmente públicas, conquistou um novo espaço de circulação que não pode ser ignorado, desprezado ou, muito menos, desocupado. Devemos, enquanto pesquisadores, produtores e historiadores, fomentar estes ambientes digitais com uma proposta que não abandona o ofício de historiador, que se utiliza de suas ferramentas de fontes e referências, mas dialoga com um espaço que exige adequação da

¹⁷⁴ O jogo “Triunfos de Tarlac” começou a ser desenvolvido em 2019, e por conta da pandemia, foi lançado apenas em 2022. A proposta do jogo de tabuleiro foi criada pelos grupos de pesquisa Idade Média e Humanidades Digitais (IM-HD), do LEME-USP e Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE), e, é produto final da tese de doutorado de Vinícius Marino Filho. Alinhado as habilidades da BNCC, o jogo ambienta disputas e o cenário histórico da cultura material da Irlanda nos séculos XIII e XIV. Ver mais em: <https://leme.fflch.usp.br/os-triunfos-de-tarlac>.

¹⁷⁵ Medievalíssimo #033: O que é o neomedievalismo? Feat. Luiz Guerra. Entrevistado: Luiz Guerra. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/07EDsug8TRZb1Of4o59hXG?si=d107ed93b3e6410b>. Acesso em: 03/10/2023.

linguagem e domínio dos recursos, na busca de angariar cada vez mais ouvintes e também produtores, para que fomentem e ampliem esta rede de conhecimento histórico no ambiente digital.

3.5. Qual História Pública-Digital produzem as nossas fontes?

A História Pública, assim como outros conceitos que cercam os estudos históricos, é um território de disputas, inclusive de definições. Há aqueles que podem questionar quem afinal é o “público” e onde o conhecimento histórico circularia. Ou também indagar quais procedimentos de pesquisa utilizados pela comunidade historiadora seriam os adequados para se enquadrarem em uma prática pública. Para evitarmos discussões como estas, propomos como História Pública uma nova apropriação do conceito de operação historiográfica como sugerido por Fernando Penna e Renata Silva, no capítulo “As operações que tornam a História Pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de História”. Segundo os autores, podemos pensar em múltiplos textos produzidos por historiadores, em diferentes posições sociais, com metodologias próprias e, principalmente, voltados para todos os públicos que, inspirados nos fenômenos apontados por Hannah Arendt¹⁷⁶, são aqueles habitantes do mundo comum.¹⁷⁷ Ou seja, uma História Pública que transcende gerações e permanece compromissada com a prática do(a) historiador(a).

No caso de nossas fontes, elas se assemelham no quesito de suporte de circulação do conhecimento histórico, o digital. Entretanto, aprofundando a discussão para a prática da História Pública, podemos perceber que elas se aproximaram, mesmo em diferentes mídias digitais, no que diz respeito ao caráter de extensão e formação universitária, sem deixar de lado a produção e divulgação do conhecimento histórico, como é o caso dos perfis do *Instagram* @barbaridademedievais e @poiemaufpel e canal do *Spotify* “Estudos Medievais”. Tanto os perfis, quanto o canal, possuem ligação direta com instituições públicas brasileiras que são, respectivamente, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade de São

¹⁷⁶ Para Arendt, o público é um “artefato humano”, ou seja, é uma produção humana que, com o surgimento da modernidade, sofreu alterações em seu significado, assim como o privado, ao ponto de tornar os dois conceitos irreconhecíveis. Ver em: ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11^o Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp. 64;85.

¹⁷⁷ PENNA, Fernando de Araujo; SILVA, Renata da Conceição Aquino da. “As operações que tornam a história pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de História”. In: MAUD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, pp. 198-199.

Paulo (USP), e possuem, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), compromisso com o tripé acadêmico, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão. E nossas fontes cumprem com propriedade, principalmente, o terceiro quesito.

As instituições universitárias, especialmente as públicas, possuem, de acordo com Alcides Júnior, um papel social para transformação da sociedade, enquanto ente individual e coletivo, que historicamente foram ocupadas por uma maioria de membros da elite.¹⁷⁸ Assim sendo, as ações extensionistas devem promover diálogos com a sociedade na qual estão inseridas e com os sujeitos que dialogam. Dessa maneira, poderá cumprir o princípio da Extensão Universitária definido no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), isto é, “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.”¹⁷⁹. Nossas fontes produzidas por universidades públicas e/ou com sujeitos a elas vinculados, ao praticarem a História Pública atendem às cinco diretrizes que orientam a implementação das ações da extensão universitária, a saber: Interação Dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

A partir do momento que sujeitos acadêmicos ligados a universidades públicas, como é o caso de nossas fontes, dispõe-se a criar e manter perfis e canais de compartilhamento e troca de conhecimento histórico através das mídias digitais com os mais diversos públicos, cumprem o papel de Interação dialógica que pode ser mensurado, por exemplo, pela quantidade de curtidas ou comentários. Além disso, oferecem aos estudantes em formação inicial, ou até mesmo aqueles que já integram a Pós-graduação, a oportunidade de se tornarem protagonistas do próprio ofício (Impacto na formação do estudante) obtendo capacidades e novos aprendizados, inclusive de outras áreas como o domínio de técnicas de comunicação nas mídias digitais e até mesmo aplicativos, para a

¹⁷⁸ JÚNIOR, Alcides Leão Santos. “Palavras iniciais”. In: JÚNIOR, Alcides Leão Santos. A extensão universitária e os entre-laços dos saberes. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 36.

¹⁷⁹ Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. “Conceito de extensão universitária”. In: Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Imprensa Universitária, 2015, p. 28. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 06/11/2023.

produção e organização do material a ser compartilhado (Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade).

Além do mais, a extensão universitária está diretamente vinculada ao ensino e também à pesquisa (Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão), pois, ao oferecer espaços de experiência para os discentes, reconhece a importância de profissionais em formação ocuparem seu espaço de fala e ofício na sociedade. Contribuindo, então, para solução de problemas como a disseminação e a apropriação da História de maneira equivocada nas mídias digitais, ao demonstrar que o conhecimento histórico é construído por meio de metodologias de pesquisa, ou apontando as intenções de tais usos na História, ou ainda, contribuindo ativamente para o combate ao falseamento da realidade (Impacto e Transformação Social)¹⁸⁰.

Mesmo após a passagem pelo Ensino Superior, encontramos aqueles profissionais formados, inclusive já exercendo o ofício na Educação Básica, que se dispõe a compartilhar e dialogar com a sociedade através das mídias digitais, como é o caso do canal do *Spotify* “Medievalíssimo”. Bruno Rosa, produtor e historiador, assumiu um compromisso metodológico de produção de conhecimento histórico pensado a partir de redes que conectam diferentes sujeitos, instituições e temáticas acerca da Idade Média, mas que, por não ser mantida por financiamento público, precisa recorrer a estratégias para a manutenção do canal. Transformando-se, então, ao mesmo tempo, em um ambiente de produção, divulgação e também promoção do próprio canal.

Ao mencionar os caminhos percorridos durante a pesquisa, Ricardo Santhiago afirma que, como atividade social, todos nós comunicamos aquilo que pesquisamos, a diferença está em dois quesitos, o público e os meios utilizados.¹⁸¹ Pensando nisso, o canal “Medievalíssimo” contribui não só para a produção de conhecimento histórico no

¹⁸⁰ De acordo com Giliard Prado, as notícias falsas não são um fenômeno recente, como também o papel da comunidade historiadora em compreender sua criação e propagação não o é. Um exemplo disso, cita o pesquisador, é a reflexão e os questionamentos levantados por Marc Bloch sobre a circulação de notícias falsas durante a Primeira Guerra Mundial. Com o advento de novas formas de comunicação por meio, principalmente, das redes sociais, a velocidade e o alcance das notícias falsas ganharam força, inclusive, influenciando sobre a tomada de decisões pelos indivíduos. Diante deste cenário, o autor aponta que é dever da comunidade historiadora combater as tentativas de falseamento e negacionismos históricos contribuindo para a compreensão dos fenômenos, demonstrando a diferença entre fato e opinião. Ver mais em: PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201> Acesso em: 22/11/2023.

¹⁸¹ SANTHIAGO, Ricardo. “Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil.”. In: MAUD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.30.

ambiente digital, mas também para que os(as) entrevistados(as) , em sua maioria, pesquisadores e professores ligados à temática do medievo, comuniquem suas pesquisas entre pares. Além disso, o conhecimento tem a possibilidade de ser construído em rede, na perspectiva proposta de Bruno Rosa, que elabora o roteiro do *podcast* em colaboração com quem será entrevistado. Então, enquanto prática da História Pública-Digital o canal contribui para que historiadoras e historiadores ocupem o espaço do universo digital, mais especificamente, da *podosfera*, exercendo o ofício de pesquisadores que estão comprometidos com o conhecimento científico, através do debate de questões inclusive do tempo presente, utilizando-se de fontes e referências, adequando a linguagem e a comunicação, de modo, a serem compreendidos por aqueles que navegam por este ambiente.

Encontramos ainda no universo de nossas fontes, o perfil @plebeusocios que não tem este compromisso acadêmico, nem enquanto formação, nem instituição, mas produz uma História Pública sobre o medievo refletida através de questões do tempo presente, com intuito de entreter e vender, inclusive produtos oferecidos pelo próprio perfil. A estética das publicações mantém um padrão de estrutura imagética e também tipográfica que permite àqueles internautas que navegam pelo *Instagram* associarem os *posts* ao perfil. Segundo Yara Chimite, a página “Memes Nobres Plebeus Ociosos” teve sua primeira aparição em outra rede social, qual seja, o *Facebook*, ocupando atualmente também o *Twitter*, utilizando-se da aplicação da Tapeçaria de Bayeux¹⁸² para promover um conteúdo “profundamente brasileiro” através de elementos e acontecimentos medievais, como castelos, plebeus, inquisição e bruxaria¹⁸³.

Diferentemente dos perfis e canais produzidos por sujeitos e instituições acadêmicas, os “Memes Nobres Plebeus Ociosos” não promovem discussões ou recortes temáticos, nem utiliza de métodos próprios dos historiadores, como consulta de referências e fontes históricas. Ainda assim, conseguem promover, através do ambiente digital, elementos do neomedievalismo que cumprem os anseios dos “plebeus ociosos”, os mais de 90 mil seguidores do perfil, ao requisitarem uma medievalidade própria do

¹⁸² A Tapeçaria de Bayeux é uma importante fonte de bordado produzido por mulheres e narra através de imagens, nomes de pessoas, lugares e outras referências os acontecimentos do trono inglês entre 1064 a 1066. Ver mais em: MEDIEVALÍSSIMO, “Tapeçaria de Bayeux”, <https://cliohistoriaeliteratura.com/2020/08/06/tapecaria-de-bayeux/>.

¹⁸³ CHIMITE, Yara Fernanda. “Conhecendo os memes medievais do Reddit”. In: CHIMITE, Yara Fernanda. **Destinos históricos de passados meméticos: história medieval a partir dos memes**. Dissertação (mestrado), Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020, p. 51.

Brasil a partir de temas, questões e tensões do tempo presente, transmitidas em *posts* com legendas e publicações curtas que personificam a realidade. Uma possível justificativa para a discrepância entre a quantidade de seguidores ou ouvintes entre as fontes pode ser encontrada neste fenômeno, pois os anseios dos internautas são os de consumirem produções e publicações que gerem identificação com o ambiente real por eles experimentado e compartilhado no digital, de modo a gerar entretenimento, diversão e também reflexão.

O contato entre o tempo presente e o mundo mais antigo extrapola o universo das publicações e é materializado através da venda de hidromel da empresa parceira do perfil @plebeusocios, o Hidromel Philip Mead. Ao acessarmos a página disponível na biografia do perfil, somos direcionados a vários itens de venda do hidromel. De acordo com Regina Barros e Durval Muniz Junior, a empresa familiar Philip Mead surgiu em 2016 como fruto do interesse de seu fundador, Philip Piaia, pelo universo medieval.¹⁸⁴ Em 2020, a empresa permitiu a entrada de novos sócios após perceber a potencialidade de vendas através das mídias sociais.

Interessados em se tornarem novos investidores, os criadores do “Flow Podcast”, Bruno Aiub e Igor Coelho, antes de fecharem a parceira, realizaram degustações do Hidromel durante as entrevistas ao vivo com convidados do *podcast*. Posteriormente, os resultados eram divulgados através das redes sociais. Após receberem respostas positivas, o criador do Hidromel Philip Mead e o “Flow Podcast” realizaram um acordo comercial que impactou nos objetivos da empresa a partir de então. A principal alteração é a perda da originalidade da marca que reposicionará sua imagem como uma bebida mais moderna¹⁸⁵, afastando-se da proposta medieval. Ainda assim, a parceria entre o perfil @plebeusocios e o comércio de Hidromel Philip Mead, até o presente momento, permanece e, provavelmente, continuará para que o público que já consome o produto continue assim o fazendo.

Nesse sentido, podemos perceber que não há um modelo único de fazer a História Pública, mas existem semelhanças entre o método de produção do saber através do público e do meio onde o conhecimento histórico circula. As instituições de Ensino

¹⁸⁴ JÚNIOR, Durval Lucas; BARROS, Regina de Camargo. Philip Mead, um hidromel que não é apenas para homens. *Retail Management Review*, São Paulo, v.3, n. 12, Janeiro/Dezembro, 2023, p. 03. Disponível em: <https://rmr.emnuvens.com.br/rmr/article/download/12/18>. Acesso em: 22/11/2023.

¹⁸⁵ *Ibid.* p. 05.

Superior e os sujeitos ligados a elas não podem estar limitados aos muros que o cercam devendo, então, ocupar outros espaços que extrapolam, conquistando novos ambientes, como o digital. O diálogo e o exercício extensionista universitário contribuem para a formação de profissionais cada vez mais próximos da realidade na qual estão inseridos, tendo a possibilidade de promoverem e conciliarem o conhecimento científico mais próximo e compreensível com questões do tempo presente. Além do mais, mesmo aqueles canais e perfis que não possuem ligação direta com a academia, podem se tornar objetos de estudo para nós compreendermos como a realidade é personificada e imaginada através de elementos medievais no ambiente digital, como é o caso dos “Memes Nobres Plebeus Ociosos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da *internet* e os recursos por ela oferecidos, principalmente, as redes sociais, possibilitaram novas formas de comunicação e acesso à informação. Entretanto, diante deste vasto universo digital, surgiram também dilemas como a veracidade e a autoridade de fala sobre o conteúdo que circula digitalmente. O limiar entre opinião e ciência se transformou uma pauta necessária de ser discutida, inclusive pela historiografia. Narrativas, usos e apropriações da História tornaram-se alvo daqueles que desejam moldar a escrita histórica atendendo demandas particulares que menosprezam o aspecto científico do nosso ofício. Fenômeno que não é novidade para os historiadores. O que pode ser um fato inovador é a rapidez com que circulam os conteúdos compartilhados.

A ascensão da História Pública e, mais especificamente, da História Pública-Digital é um caminho possível de solucionar os vãos ainda presentes no ambiente digital. Compreendida por nós como primordialmente uma prática, o primeiro passo para solucionar problemas como as apropriações da História de maneira deturpada é ocupar este espaço tornando-se internauta. A pré-disposição em criar e organizar um novo perfil ou canal histórico demanda dos historiadores e das historiadoras domínio das ferramentas por meio das quais compartilharão suas produções sobre temáticas ou assuntos que já estudam ou possuem interesse.

O processo de prática da História Pública-Digital demanda também estabelecer relações interdisciplinares com outras áreas e campos de estudo, como *design*, propaganda, jornalismo e entre outras. Entretanto, é necessário que não nos esqueçamos do espaço de fala fundamental de onde partimos, qual seja, de sujeitos que realizam operações históricas dialogando com as referências e analisando nossas fontes. O ofício do historiador enfrenta desafios não só enquanto produtores e divulgadores de conteúdo histórico nas mídias digitais, mas também ao tê-las como interesse de estudo.

A proposta de mesclar métodos possibilita aos historiadores e às historiadoras associar novas ferramentas e recursos de análise às metodologias já conhecidas. Ao darmos tratamento para as nossas fontes, precisamos limitá-las temporal e espacialmente, assim como acontece com as mídias digitais. E o escopo de nossas mídias necessita de ser ainda mais reduzido, pois, a depender do canal ou perfil, estão sendo atualizados semanalmente, assim, tendo o recorte estabelecido conseguimos dar o tratamento

necessário a elas. Ao mesmo tempo que pesquisamos, podemos ainda praticar a História Pública-Digital, ao disponibilizarmos as fontes estudadas para acesso e consulta, como propomos no nosso trabalho, ao final da escrita o projeto “Medievalidades nas redes”, construído por meio da catalogação no aplicativo *Tropy*.

No universo de nossas fontes, encontramos, em grande maioria, perfis e canais produzidos e organizados pela academia, sejam por aqueles sujeitos em formação, enquanto graduandos, ou ainda por aqueles que já se formaram e exercem o ofício, como pesquisadores e/ou professores. Com isso, ressaltamos a importância das universidades, principalmente, as públicas, que desempenham um papel social fundamental de comunicação com a sociedade tornando-a mais acessível, tanto na fluidez da informação, quanto na linguagem, através das mídias digitais. Contribuindo, então, para o fortalecimento institucional, a valorização profissional e a concretude das atividades extensionistas.

O exercício extensionista através da manutenção de perfis e canais acadêmicos de nossas fontes traçaram, em comum, trajetórias iniciadas a partir de debates com os pares, através de eventos, rodas de conversa, laboratórios/grupos de estudo e disciplinas, que se estenderam em tamanha proporção, passando dos espaços físicos, que se tornaram insuficientes e, então, alcançando e ocupando o universo digital. Temos como exemplo deste fenômeno, os perfis “Barbaridades Medievais”, “POIEMAUFpel” e o *podcast* “Estudos Medievais”. A universidade pública desempenha um papel ainda mais importante ao incorporar disciplinas e ferramentas que possibilitam aos estudantes, futuros professores e historiadores, recursos de pesquisa, metodologias que fomentem a prática pública e ainda incorporação das produções públicas-digitais já circulantes em seus planos de curso.

Encontramos ainda aqueles perfis, como é o caso do “Memes Nobres Plebeus Ociosos”, que, apesar de não serem produzidos nem fomentados por historiadores, tornam-se objetos de estudo ao se utilizarem de elementos ligados à Idade Média Histórica para construir imagens de questões do tempo presente. A partir deste perfil, podemos associar a História Pública-Digital, dialogando e estabelecendo contrapontos com as outras fontes virtuais, ao fenômeno do neomedievalismo que se manifesta fortemente através das mídias digitais. O encantamento pela História e a popularização de perfis como o “Plebeus Ociosos”, entre as fontes é o que possui maior quantidade de seguidores, não está, necessariamente, na temática medieval, mas pode ser justificado

principalmente pela maneira como a narrativa medieval é elaborada, provocando um processo de identificação dos internautas com o momento vivido.

A partir da análise e diálogo entre as fontes virtuais, podemos perceber que as produtoras e produtores de conteúdo histórico nas mídias digitais estão colaborando para tecer redes de conhecimento dentro das redes sociais. Este processo colaborativo contribui para que a troca entre os pares se estenda também nos ambientes virtuais, agregando um novo fator: o modo de se narrar e escrever a História, que não é mais o mesmo. As mudanças se dão, principalmente, no sentido de atender às demandas dos diversos públicos que consomem as produções, e também limitações, recursos e ferramentas exigidos pelas plataformas.

Nesse sentido, ocupar os espaços digitais de maneira comprometida com o saber histórico, adequando a linguagem, as temáticas e os demais elementos às mídias e aos públicos, é a maneira mais eficaz de evitar usos e apropriações equivocados da História. Entretanto, precisamos ter ciência de que mesmo ocupando estes espaços estamos suscetíveis às fragilidades das plataformas, dependendo ou sendo limitados, e não conseguiremos combater completamente os falseamentos e os negacionismos históricos. Apesar disso, como sugeriu Daniele Gallindo, no episódio “Divulgando a Idade Média”, é papel do historiador, acrescentaria do historiador público-digital, apontar os interesses e os objetivos envolvidos nestes processos de negação e usos da História. Além disso, devemos também evidenciar, através das fontes e referências, as narrativas correspondentes aos devidos fatos históricos.

FONTES

Perfis do *Instagram*

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Herói do jogo “World of Warcraft”**. 07 mai. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COI63eIse4A/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Maria enquanto mãe e mulher**. 08 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMLJDR5seio/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **O casamento como alianças em “Valente” (2012)**. 13 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMYIC7WMdin/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **O casamento em a “Bela Adormecida” (1959)**. 13 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COq_PQXMLi3/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **O príncipe em a “Bela Adormecida” (1959)**. 13 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COq_PQXMLi3/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Papéis desempenhados pelas cistercienses**. 08 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMLJDR5seio/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Pioneirismo feminino em “Valente” (2012)**. 13 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMYIC7WMdin/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. **Silenciamento do grito dos artistas na UFTM**. 09 mar. 2021. Instagram: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNBNclnM74W/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

DOSSIÊ VISUAL MEDIEVALÍSSIMO. **Atriz Tessa Thompson como “Valquíria” no longa “Thor: Ragnarok”**. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/12/09/valquirias/>. Acesso em: 06/12/2023.

MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Desconfiança sobre o voto**. 06 ago. 2021. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSUYU-uLKZU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Dia dos patriarcas**. 08 ago. 2021. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSUYU-uLKZU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **Dificuldades com os preços no “FenoBras”**. 09 mar. 2022. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ca5SVK6Om93/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

MEMES NOBRES PLEBEUS OCIOSOS. **O Brasil na pandemia**. 17 mai. 2021. Instagram: @plebeusociosos. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CO_OlfThlI/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Aparição de fantasmas e os ritos de passagem**. 02 nov. 2021. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CVxyeSAMODi/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Apelo sentimental de consumo**. 16 jan. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Apologias e opressões testemunhadas**. 08 fev. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAxRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Convite a reflexão sobre os horrores do holocausto**. 08 fev. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAxRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Culto celta Samhain e o dia dos mortos**. 03 nov. 2021. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CV1JGUwsoqD/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Iluminando a História das Mulheres**. 08 mar. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2Nw2sq3xF/?igshid=ODhhZWM5NmIwOQ==>. Acesso em: 05/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Metodologia de análise dos jogos eletrônicos**. 07 jan. 2022. Instagram: @poiemaufpel.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYcXLD_rHJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Mitologia nórdica e consumo**. 16 jan. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Sermão de Martin Niemöller** 08 fev. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZvFirUAXRT/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE. **Vencedor da Batalha de games medievais**. 16 jan. 2022. Instagram: @poiemaufpel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYzieQVp5Pu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 06/12/2023.

Podcasts

Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc. Entrevistada: Flávia Amaral. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, 02 ago. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4FM9ALQqZf4Y2iCPqUtxvu?si=db62ecb7f4494ec2>. Acesso em: 25/09/2023.

Estudos Medievais 15: A História Pública. Entrevistado: Felipe Figueiredo. Entrevistador: Eric Cyon. *Spotify*, 06 set. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/23tyU7NyssPE5wZzBsIcY6?si=e283abac54614948>. Acesso em: 27/09/2023.

Medievalíssimo #019: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval. Entrevistadas: Beatriz Breviglieri; Daniele Gallindo e Hayanne Porto. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 04 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1Zc46NZEfzgUjLZ1K4wLA9?si=5eb551c6f9174589>. Acesso em: 25/09/2023.

Medievalíssimo #025: Divulgando a Idade Média feat. POIEMA. Entrevistada: Daniele Gallindo. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 25 mai. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Z8c7Xv7673ttZMMpVcp2u?si=dda10ce657d142e8>. Acesso em: 27/09/2023.

Medievalíssimo #028: O que é o LEME? Feat. Eric Cyon e Isabela Alves. Entrevistados: Eric Cyon; Isabela Alves. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/54gk6U6pDa2R8cVQBVegwc?si=fecfe372cd846e5>. Acesso em: 03/10/2023.

Medievalíssimo #033: O que é o neomedievalismo? Feat. Luiz Guerra. Entrevistado: Luiz Guerra. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/07EDSug8TRZb1Of4o59hXG?si=d107ed93b3e6410b>. Acesso em: 03/10/2023.

Medievalíssimo #039: Mulheres medievais que nos inspiram. Entrevistadas: Marina Cabral Barros; Roberta Bentes e Beatriz Breviglieri. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 10 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4kqjLE10mJuIBTr6oKj0zh?si=013e655791434a11>. Acesso em: 25/09/2023.

Medievalíssimo Drops: Alienor de Aquitânia. Produtor: Bruno Rosa. *Spotify*, 17 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5IS1SPE3wdohAmrZM0PmKT?si=b0e073fb480740ee>. Acesso em: 25/09/2023.

Medievalíssimo Drops: As Valquírias. Produtor: Bruno Rosa. *Spotify*, 09 dez.. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5GhKxPH2hV3enPIZsCGqfV?si=A13qf2qMTKCRuTH-xDxsOg>. Acesso em: 25/09/2023.

REFERÊNCIAS

Artigos

BASTOS, Mário Jorge da Motta. Quatro décadas de História Medieval no Brasil: contribuições à sua crítica. *Diálogos*, Maringá, pp. 02-15, 2016, 20(3). Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305549840002>. Acesso em: 27/03/2023. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v20i3.33600>.

BLAY, Eva Alterman. “8 DE MARÇO: Conquistas e Controvérsias”. **Estudos feministas**: Florianópolis, n. 09, v. 02. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zSfcjFQPyGjGDwpR53pQexc/?lang=pt>. Acesso em: 27/02/2023.

BRASIL, Neil Patel. “O que é o algoritmo e como ele é utilizado na Internet”. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/07/05/internet-e-redes-sociais/o-que-e-algoritmo/>. Acesso em: 27/09/2023.

BUENO, Rodrigo Poreli Moura. “A Cultura Medieval sob o ângulo das imagens cinematográficas”. Simpósio Nacional de História, 27, 2013, Natal, **Anais Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Rio Grande do Norte: Natal, 2013, pp. 1-10. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364482448_ARQUIVO_AculturaMedievalsoaboangulodasImagensCinematograficas.pdf. Acesso em: 01/03/2023.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 3, n. 5, pp. 165-188, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>. Acesso em: 25/08/2022.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 35-53, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/25602/18398>. Acesso em: 14/09/2022.

CAMARÁ, Sérgio Antônio; BENÍCIO, Milla. História digital: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional. **Revista Observatório**. Palmas, vol. 3, n. 4, p. 38-56, agosto 2017. Disponível em:

- <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3596/11268>. Acesso em: 19/08/2022. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p38>.
- CERTAU, Michel de. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierra (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 17-48.
- Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc. Entrevistada: Flávia Amaral. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, 02 ago. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4FM9ALQqZf4Y2iCPqUtxvu?si=db62ecb7f4494ec2>. Acesso em: 25/09/2023.
- COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. “Preservando a História Digital - A fragilidade dos materiais digitais”. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 06/10/2022.
- DIAS, Cristiane; COUTO, Olívia Ferreira. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: Compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC. V. 11, N. 3, p. 631-648, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a09v11n3.pdf> . Acesso em: 14/09/2022. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322011000300009>.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Ecos do Passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Sabin, ano 3, n. 30, p. 58-60. 2008.
- GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; ALTSCHUL, Nadia R. Em Busca dos Dragões: a Idade Média no Brasil. *Antíteses*, pp. 24-35, 13(26), 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>. Acesso em: 20/03/2023. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2020v13n26p24>.
- GONÇALVES, Felipe Yan Cavalcanti; STRAZZI, Allan Reveriego. “Diálogos entre Neomedievalismo, História e Jogos eletrônicos”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº9, p. 315. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/173310>. Acesso em: 01/03/2023.
- JÚNIOR, Durval Lucas; BARROS, Regina de Camargo. Philip Mead, um hidromel que não é apenas para homens. **Retail Management Review**, São Paulo, v.3, n. 12, p. 01 -13, Janeiro/Dezembro, 2023. Disponível em: <https://rnr.emnuvens.com.br/rnr/article/download/12/18>. Acesso em: 07/11/2023. <https://doi.org/10.53946/rnr.v3i1.12>.
- LISBOA, Karen Macknow. Comemorações, memória, história e identidade. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., and BIONDI, L. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre história e memória* [online]. São Paulo: Unifesp, 2008. pp. 35-91. ISBN: 978-85-61673-83-3. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hnbsg/pdf/nemi-9788561673833-06.pdf>. Acesso em: 27/02/2023. <https://doi.org/10.7476/9788561673833.0006>.
- LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: Simpósio Nacional de História, n. XXVII, 2012, **Anais eletrônicos**. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf. Acesso em: 28/03/2023.
- MACHADO, Simone. “Metaverso: como participar do ‘futuro da tecnologia’? Saiba tudo”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/faq/metaverso-o-que-e-como-entrar-e-mais.htm>. Acesso em: 13/10/2022.

- OLIVEIRA, Ana Clara Cordeiro de. “O poder na Idade Média”. **Epígrafe**, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 416-438, 2021.
- OLIVEIRA, Kaynã de. “Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atuaisidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>. Acesso em: 13/10/2022.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201> Acesso em: 22/11/2023.
- PORTO JUNIOR, João Batista da Silva. AS EXPRESSÕES DO MEDIEVALISMO NO SÉCULO XXI. In: XVIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: HISTÓRIA E PARCERIAS, 18., 2018, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias. Rio de Janeiro: Anpuh, 2018. Pp. 01-10. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529331940_ARQUIVO_As_ExpressoesdoMedievalismoSeculoXXI.pdf. Acesso: 13/02/2023.
- SANTHIAGO, Ricardo. “Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil.”. In: MAUD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, pp. 23-36.
- SANTOS, Rafael Rocca dos. “A ‘fuga da morte’ de Paul Clean em análise”. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/magma/article/view/189759/176690>. Acesso em: 06/03/2023.
- SCHAUN, André. 2022: o ano em que o preço da gasolina enlouqueceu quem tem carro. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/seu-bolso/noticia/2022/12/2022-o-ano-em-que-o-preco-da-gasolina-e-do-diesel-enlouqueceu-quem-tem-carro-ou-caminhao.ghtml>. Acesso em: 06/03/2023.
- SICHMAN, Jaime Sichman Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. ISSN: 0103-4014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/185024>. Acesso em: 01/12/2023. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>.
- SENNA, Adriana Kivanski de; MATOS, Júlia Silveira. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, n. 2, v. 1, 2011, p. 95-108.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Vol. 1 (2), 2013, pp. 01-15.
- SOUZA, Rafael de Jesus. História na Web 2.0 – democratização do conhecimento e divulgação científica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31, 2021, Rio de Janeiro. **Anais**, Rio de Janeiro: ANPUH-Brasil, pp. 1-14. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628563699_ARQUIVO_f6c39ce700b85ffe3806b9a871ed87f0.pdf. Acesso em: 22/11/2023.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. “HISTÓRIA PÚBLICA: a comunicação e a educação histórica”. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 46, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p41>. Acesso em: 14/09/2022.
- VILELA, Luiza. “Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts: Estudo da Globo, em parceria com Ibope, traz dados sobre o consumo de podcast no Brasil”. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>. Acesso em: 21/10/2022.
- WESTIN, Ricardo. Entenda a polêmica em torno da PEC do voto impresso. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/06/entenda-a-polemica-em-torno-da-pec-do-voto-impresso>. Acesso em: 06/03/2023.

Livros

ALBIERE, Sara. “História pública e consciência histórica”. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à história pública**. São Paulo : Letra e Voz, 2011.

BARROS, José D’Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “Onde fica a autoridade do historiador no universo digital?”. *In*: MAUAD, Ana Maria; SANHTIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, pp. 169-174.

ECO, Umberto. **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Mulçumanos**. Alfragide: Dom Quixote, 2010.

HARTOG, François. “A ascensão do presentismo”. *In*: HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 140-149.

PENNA, Fernando de Araujo; SILVA, Renata da Conceição Aquino da. “As operações que tornam a história pública: a responsabilidade pelo mundo e o ensino de História”. *In*: MAUD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANHTIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

LACERDA, Danielle Christine Othon. Capítulo 7: “Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente”. *In*: BARROS, José D’ Assunção. **História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LIDDINGTON, Jill. Capítulo 2: “O que é História Pública? Os públicos e seus passados”. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à história pública**. São Paulo : Letra e Voz, 2011.

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História digital: reflexões, experiências e perspectivas”. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANHTIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANHTIAGO, Ricardo; MAYNARD, Dilton C.S. Verbete “Novas tecnologias”. *In*: **Dicionário de ensino de história**. FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenadoras). Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019.

SILVEIRA, Pedro Telles da. “Capítulo 2: Arquivo”. *In*: SILVEIRA, Pedro Telles da. **O gosto do arquivo (digital) – Documento, arquivo e eventos históricos a partir do September 11th Digital Archive (2002 – 2013)**. Dissertação (Monografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

Legislação

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 08/11/2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão

na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional da Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasil, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 21/09/2023.

Dissertações

CHIMITE, Yara Fernanda. “Conhecendo os memes medievais do Reddit”. *In*: CHIMITE, Yara Fernanda. **Destinos históricos de passados meméticos: história medieval a partir dos memes**. Dissertação (mestrado), Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020, pp. 46-72.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. **Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33666>. Acesso em: 15/02/2023.

JÚNIOR, Alcides Leão Santos. “Palavras iniciais”. *In*: JÚNIOR, Alcides Leão Santos. **A extensão universitária e os entre-laços dos saberes**. Tese (Doutorado). Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 36-55.

SANTOS, Beatriz Faria. **For Whiterum! O neomedievalismo na capital de Skyrim**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020. Orientação: Prof. Dra. Flavia Galli Tatsch.

SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e potencialidades do podcast no ensino de História**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016.

Guia

LIMA, Douglas Mota Xavier de; PICANÇO, Rosiângela Campos. **Guia de tecnologias digitais e ensino de História: podcasts de História** [recurso digital]. 1. ed.–Belém: Rfb Editora, 2020. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/bitstream/deposita/270/5/podcasts%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 21/10/2022.

Mídia Digital

Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa Produtores (2020-2021). Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf. Acesso em: 13/09/2023.

Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa 2019 (2019-2020) – Análise e resultados. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 21/10/2022.

ROSA, Bruno. Dossiê Virtual Medievalíssimo: As Valquírias. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/12/09/valquirias/>. Acesso em: 25/09/2023.

Medievalíssimo #020: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval – Parte 02. Entrevistadas: Danielle Santos; Flávia Amaral; Carolina Gual. Entrevistador: Bruno Rosa. **Spotify**, 18 mar. 2021, Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/6fQmUT6QDyWgBHWbFXddYZ?si=7cde0b61109040b6>. Acesso em: 25/09/2023.

MEDIEVALÍSSIMO, “Tapeçaria de Bayeux”. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2020/08/06/tapeçaria-de-bayeux/>. Acesso em: 07/11/2023.

Seção “Sobre nós (Meta)”. Disponível em: <https://about.meta.com/company-info/>. Acesso em: 13/10/2022.

SPOTIFY. Direitos sobre dados e configurações de privacidade. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/article/data-rights-and-privacy-settings/>. Acesso em: 13/09/2023.

SPOTIFY. Informações sobre o artigo 15 do RGPD. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/article/gdpr-article-15-information/>. Acesso em: 13/09/2023.

Termos de uso e impressão do Instagram. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/instagram/581066165581870>. Acesso em: 13/10/2022.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE QUESTÕES ENTREVISTA: PRODUÇÃO DE PODCASTS

1 – Qual o papel das produções digitais, organizadas principalmente por instituições de ensino e sujeitos envolvidos a elas, na divulgação de conhecimento histórico? E como você acredita que este conhecimento deve ser compartilhado para alcançar diversos públicos?

2 - As plataformas *streammings* utilizadas por você permitem traçar um perfil de seu público, se sim, qual perfil é este? Além disso, quais são as demandas de conteúdo e de consumo deste público sobre o podcast?

3 – Como você constrói o roteiro, pensando desde a organização até as ferramentas utilizadas? No que diz respeito a temática escolhida, você leva em conta temáticas recorrentes ou questões contemporâneas?

4 – Quais as dificuldades para manter um podcast? E quais são as estratégias que você utiliza para a manutenção e a divulgação do conteúdo?

5 – Você tem trabalhado com a temática do neomedievalismo ou temáticas relacionadas ao medieval? Se sim, qual a sua compreensão sobre o tema?

APÊNDICE 2 – PROJETO “MEDIEVALISMOS NAS REDES”: VERSÃO INSTAGRAM

APÊNDICE 3 - PROJETO “MEDIEVALISMOS NAS REDES”: VERSÃO SPOTIFY